Extrahido do Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa: n.º 12, 7.ª serie—1887

ዜና ፡ ሚናስ ።

HISTORIA DE MINÁS

ADEMÁS SAGAD

REI DE ETHIOPIA

TEXTO ETHIOPICO

PUBLICADO, TRADUZIDO E ANNOTADO

POR

FRANCISCO MARIA ESTEVES PEREIRA

Tenente de Engenheria
S. S. G. L. e da Sociedade Asiatica de Paris

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1888

Afim de não desfigurar demasiadamente os nomes proprios ethiopicos, empregámos a seguinte transcripção, na qual procurámos representar os sons da lingua ge'ez pelos da lingua portugueza que lhes são mais proximos:

Vogaes

1	2	3	4	5	6	7
a	*u*	*i*	*á*	*é*	*e*	*ó*

Consoantes

Consoantes amariñas

ሸ	ቸ	ኘ	ኸ	ዠ	ጀ	ጨ
x	*c*	*ñ*	*k̃*	*j*	*ǰ*	*ç*

Observações. — I. As vogaes accentuadas representam apenas sons abertos, sem indicar nada em relação ao accento tonico da palavra.

II. A letra *v* tem o som de *u*, segundo o uso, que em portuguez predominou até ao fim do seculo xvii, de escrever o *u* inicial das palavras com um *v*.

INTRODUCÇÃO

I

Entre as obras que nos restam da litteratura ge'ez, aquellas, cujo assumpto é a historia de Ethiopia, teem particular importancia, pois que por uma parte são os documentos mais authenticos, que possuimos, para reconstituir a historia d'aquelle paiz, completando-os e rectificando-os com os escriptos em outras linguas; por outra parte fazem conhecer, melhor ainda do que as relações dos viajantes, os usos, os costumes, e tudo o que em geral é comprehendido debaixo da designação de cultura e civilisação de uma nação. Accresce ainda, que as mesmas obras são composições originaes dos indigenas, e não traducções, como a maior parte das que formam aquella litteratura, e que chegaram até nós.

As *Historias* ou *Chronicas dos Reis de Ethiopia*, que existem manuscriptas nas differentes Bibliothecas da Europa[1], são uma narração singela, que em umas se limita ao registo, anno a anno, dos acontecimentos mais notaveis do paiz; em outras, porém, reconhece-se certa intenção litteraria, pois que a narração é adornada com dialogos, ditos sentenciosos, comparações e citações biblicas, o que dá ao seu estylo uma feição especial no gosto monastico. A sua linguagem é nas mais antigas o ge'ez quasi puro; comtudo algumas vezes apparecem expressões mais modernas e palavras amariñas; mas os abexins costumam distinguil-a da linguagem classica, e dão-lhe o nome de *linguagem das chronicas*[2].

---

[1] Dillmann, *Cat. Cod. Mss. Bibl. Bodl.*, cod. aeth., Ms. xxix–xxxii. Abbadie, *Cat. raisonné des Mss. éth.*, Ms. 118. Zotenberg, *Cat. des Mss. éth. de la Bibl. Nat. de Paris*, Ms. 143. Wright, *Cat. of the eth. Mss. in the British Museum*, Ms. cccxcii.

[2] Dillmann, *Lex. linguae aethiopicae*, col. x.

A *Historia do Rei Ṣarẑa Dengel* (1563–1595)[1], tal como existe, é precedida da dos reis seus antecessores, afim de que, segundo diz o seu auctor[2], pela comparação se evidenceie mais a gloria d'aquelle reinado. Consta de quatro partes[3]:

I. — *Historia de Lebna Dengel* (1508–1540).
II. — *Historia de Galávdévós* (1540–1559).
III. — *Historia de Minás* (1559–1563).
IV. — *Historia de Ṣarẑa Dengel* (1563–1595).

D'esta obra, bastante extensa, publica-se agora pela primeira vez a terceira parte, que comprehende a *Historia de Minás;* divide-se em duas secções, na primeira das quaes se referem os successos do seu captiveiro, e na segunda os do seu reinado. Foi escrita no periodo correspondente aos primeiros dezoito annos do reinado de Ṣarẑa Dengel[4], isto é, entre os annos de 1563 a 1581. O seu auctor, cujo nome não nos foi conservado, era o secretario ou chronista de Ṣarẑa Dengel[5], e por ventura monge[6].

A *Historia de Minás* é o documento mais importante que se conhece para a historia de Ethiopia, relativo ao reinado do mesmo Rei; escripta por um auctor contemporaneo dos acontecimentos que refere, a sua narração é muito mais circumstanciada do que a parte correspondente das obras até agora publicadas, tanto orientaes como occidentaes; e a sua veracidade é confirmada, ainda nos menores detalhes, pelas relações coevas dos europeus residentes naquelle paiz. Além do seu valor historico, esta obra permitte ainda entrever algumas particularidades da vida intima da côrte de Ethiopia, na segunda metade do seculo XVI.

Para a presente publicação servimo-nos de uma copia photographica[7] da parte correspondente (fol. 117, *r, b*–125, *r, a*) do Ms. 147, fonds éthiopien, da Bibliotheca Nacional de Paris[8]. Este Ms. comprehende a *Collecção de Annaes dos Reis de Ethiopia,* compilada por 'Abagáz, em Máh̄dara Máryám, no anno 7278 da era do mundo (1736 C.) por ordem do Daǰ 'Azmác 'Haylu. O texto do Ms. 147 foi reprodu-

---

[1] Dillmann, *Cat. Cod. Mss. Bibl. Bodl.*, cod. aeth., Ms. XXIX, 5. Abbadie, *op. cit.*, 118, n.os 12 a 15. Zotenberg, *op. cit.*, Ms. 143, 13.º a 17.º Wright, *op. cit.*, Ms. CCCXCII, VII, 8, fol. 113 a 155.

[2] Dillmann, *Cat. Cod. Mss. Bibl. Bodl.*, cod. aeth., pag. 78 *b*.

[3] *Ibid.*, pag. 78, *b* e 79, *a*.

[4] *Ibid.*, pag. 79, *a* a 80, *a*.

[5] *Ibid.*, pag. 78, *b*.

[6] *Ibid.*, pag. 79, *b*.

[7] Esta copia foi devida ás diligencias do nosso camarada e amigo, o sr. Alfredo Augusto Freire de Andrade, tenente de engenheria, e engenheiro de minas.

[8] Zotenberg, *op. cit.*, Ms. 143, 16º. Este manuscripto é do seculo XIX.

zido com a maior fidelidade, e conservando cuidadosamente todas as variantes orthographicas, sem corrigir senão os erros, que podiam ser attribuidos a inadvertencia do copista. M. Hœrning quiz fazer, a nosso pedido, a collação do texto, que publicamos, com o do Ms. do Museu Britannico (Orient. 821, fol. 145, *v*–155, *v*), e nos forneceu as correcções e variantes de algumas passagens que adiante vão indicadas. Aqui lhe renovamos os nossos agradecimentos.

Na traducção, que fizemos, sem duvida muito imperfeita, e que deve ser considerada apenas como um estudo, procurámos seguir muito escrupulosamente o texto, como deve de ser em trabalhos d'esta natureza. Devemos a M. R. Basset, Professor da Escola superior de Lettras de Alger e membro da Sociedade Asiatica de Paris, a revisão do texto e traducção; folgamos de ter este ensejo para lhe testemunharmos o nosso reconhecimento.

O Padre Manuel de Almeida, da Companhia de Jesus, que esteve na missão de Ethiopia desde 1623 até 1633, incluiu na sua *Historia de Ethiopia a alta*[1], um capitulo com o titulo seguinte: «Vida e morte do Emperador Adamas Sagued, assim como a conta o seu livro, ou chronica ethiopica». Comparando esta recensão com o texto que publicamos, não póde deixar de se reconhecer, que é a traducção da *Historia de Minás*, supprimindo tudo o que era estranho á historia propriamente dita; processo aliás frequentemente empregado pelos escriptores portuguezes dos seculos XVI e XVII, quando faziam extractos das obras dos escriptores orientaes. Ainda que um resumo, a recensão do Padre Almeida é de um certo valor, porque prova de algum modo, que a historia primitiva não soffreu alterações essenciaes nos factos que refere. Por isso a publicamos adiante.

James Bruce, viajante escocez, que visitou a Ethiopia pelos annos de 1768 a 1772, trouxe d'aquelle paiz uma preciosa collecção de manuscriptos ge'ez, alguns dos quaes são as chronicas dos reis de Ethiopia[2]. D'estes manuscriptos, o que contém a *Historia de Minás*[3], foi escrito pelos annos de 1592 a 1605, e portanto é anterior á redacção da *Collecção* do Daǧ ‹Azmác 'Haylu. Não nos foi possivel fazer a comparação

---

[1] Esta obra, que ainda não foi publicada, e que se julgava perdida, existe manuscripta no Museu Britannico. Vide *Catalogo dos Ms. portuguezes existentes no Museu Britannico,* por Frederico Francisco de la Figanière, Lisboa, 1853, pag. 266, Mss. addic. n.º 9861; e *Bulletin de la Société de Géographie,* 1872, vol. I, pag. 532 e seguintes.

[2] Estes manuscriptos existem hoje na Bibliotheca Bodleiana de Oxford. Vide Dillmann, *Cat. Cod. Mss. Bibl. Bodl.*, cod. aeth., Ms. XXIX a XXXII.

[3] Dillmann, *ibid.*, pag, 76 *b*.

do texto que publicamos com o d'aquelle manuscripto; mas é provavel que 'Abagáz se limitasse a fazer transcrever textualmente a obra do secretario de Ṣarža Dengel.

Na relação da sua viagem, Bruce aproveitou os manuscriptos que trouxe da Ethiopia para a historia que inclue na mesma obra, com o titulo: *Annaes da Abyssinia, traduzidos sobre o original ge'ez*[1]. Basta, porém, ler o livro de Bruce, sem mesmo fazer a comparação com os manuscriptos ethiopicos, para se reconhecer sem difficuldade, que não é uma traducção no sentido que ordinariamente se attribue a esta palavra, mas sim um arranjo, para o qual utilisou não só os manuscriptos ethiopicos, mas tambem as obras de alguns escriptores portuguezes, como Alvarez, Bermudez e Tellez. Ainda assim o trabalho de Bruce é de incontestavel utilidade, e nós faremos a confrontação da parte relativa ao reinado de Minás com a historia que publicamos.

Dos escriptores portuguezes muitos são os que referem, mais ou menos circumstanciadamente, os successos do reinado de Minás; comtudo a narração, que nos deixou Diogo do Couto nas suas *Decadas*[2], é de grande valor, por ser feita segundo a relação que diz ter-lhe enviado, de Ethiopia, Gonçalo Soares Cardim, um dos portuguezes, que ficou naquelle paiz do tempo de D. Christovam da Gama. Esta relação, que foi escrita no fim do seculo XVI, e independentemente, segundo se nos affigura, da *Historia de Minás*, concorda, quanto se póde desejar, com a mesma historia.

---

[1] Bruce, *Voyage*, tom. IV, pag. 5.

[2] *Dos feitos dos Portuguezes na Asia*, Decada VII, liv. IV, cap. IV; liv. VII, cap. IX; e liv. X, cap. VII.

II

Para melhor comprehensão da *Historia de Minás,* vamos resumir summariamente os successos dos reinados anteriores, que teem relação com os referidos na mesma historia.

Ahmed ben Ibrahim el Ghazi, conhecido vulgarmente pela alcunha de *Gráñe* (canhoto), soube elevar-se, pela sua coragem e intrepidez, de simples cavalleiro a Emir de Harar. No decimo nono anno do reinado de Lebna Dengel (1527), começou as suas incursões em Ethiopia; e com o auxilio das armas de fogo e dos turcos, que o Baxá de Zabid lhe tinha fornecido, venceu o Rei em quantos recontros teve com elle, devastou as povoações, destruiu os mosteiros, dispersando os monges e incendiando as Egrejas; e aos christãos que se lhe não submettiam e reduziam á sua Fé, captivava e vendia como escravos.

No trigesimo primeiro anno de seu reinado, Lebna Dengel foi atacado, na provincia de Vág, por Omar, um dos capitães do Gráñe; o Rei foi ainda vencido; seu filho Minás caiu em poder do inimigo, e dos capitães do seu exercito muitos morreram na batalha, outros ficaram captivos. Quando Lebna Dengel morreu, o reino de Ethiopia estava reduzido á ultima extremidade, e quasi todo submettido ao dominio do Gráñe: a Lebna Dengel succedeu seu filho Galávdévós, ainda mancebo, mas, no dizer dos escriptores do seu paiz, dotado das mais raras virtudes.

Por este tempo aportava a Maçuá a armada portugueza, em que o Governador da India, D. Estevam da Gama, ia a Suez com determinação de queimar as galés que os turcos estavam apparelhando para expulsar da India os portuguezes. O Báħr Nagáx Isħaq, sabendo da sua vinda, apressou-se a pedir, em nome de Galávdévós, soccorro contra os mouros, o qual o Governador, porque assim o recommendava muito el Rei de Portugal, prometteu dar, depois de concluida a empreza, a que viera ao Mar Vermelho. Regressando de Suez a Maçuá, o Governador fez desembarcar seu irmão D. Christovam da Gama com quatrocentos portuguezes armados de espingardas, e alguns mosquetes e bombardas, que enviou em soccorro de Galávdévós. Os serviços, que os portuguezes então prestaram, foram da maior importancia; póde dizer-se que salvaram Ethiopia da terrivel invasão que pretendia substituir, em todo aquelle paiz, o islamismo á religião christã. Não é para aqui referir circumstanciadamente os feitos dos

portuguezes nesta aventurosa empreza; os escriptores occidentaes fallam d'elles com admiração; e ainda dos orientaes, o secretario de Galávdévós, na historia que escreveu d'este Rei, faz os mais levantados elogios ao seu esforço e perseverança; assim no seu dizer pittoresco, era de bronze e de ferro o coração de D. Christovam; e os Frangues estavam sedentos de combates, como o lobo, e famintos de pelejas, como o leão!

O Gráñe viu com ciume o desembarque dos portuguezes, e resolveu combatel-os sem demora, para o que ajuntou o seu exercito, que dividido em pequenos destacamentos andava saqueando e devastando o paiz. D. Christovam, entrando em Ethiopia, desejava antes de tudo ajuntar-se com Galávdévós, que estava internado em Xavá, para depois de reunidas as suas forças fazerem a guerra ao Gráñe; mas este, prevendo isso mesmo, saiu-lhe ao encontro no caminho por onde D. Christovam havia de passar, para o bater isoladamente; sendo, porém, vencido em dois recontros, o Grañe retirou-se para uma serra forte afim de passar o inverno, e entretanto mandou pedir soccorro ao Baxá de Zabid, enviando-lhe de presente Minás, filho do Rei, e grande somma de dinheiro.

Reforçado o seu exercito com seiscentos turcos, muitos arabes, e algumas bombardas, que o Baxá de Zabid lhe mandou, o Gráñe deu batalha aos portuguezes, os quaes, depois de sustentar um renhido combate com um exercito muito superior em numero, foram desbaratados; D. Christovam, ferido na batalha, caiu em poder do inimigo, e foi morto, dizem, pelo proprio Gráñe.

Os portuguezes, que escaparam d'este desbarate, em numero de cento e trinta, refugiaram-se nas montanhas do Samén, onde esperaram Galávdévós, que alli chegou pouco depois; e este, logo que ajuntou forças sufficientes, levando comsigo os portuguezes, marchou contra o Gráñe, que tinha o seu arrayal em Vayná Dagá.

Os portuguezes, desejosos de vingar a morte de D. Christovam, e de tantos outros da sua companhia, pediram, e alcançaram marchar na vanguarda. Os dois exercitos encontraram-se na encosta de Zántará, e o Gráñe que marchava na frente do seu exercito com duzentos turcos, entrando no combate para animar os seus, foi morto, segundo a tradição, de um tiro de espingarda, arma de que então no exercito de Galávdévós só usavam os portuguezes. O exercito mouro foi desbaratado; Mahmad, filho do Gráñe, ficou captivo; mas sua mulher Delvambará conseguiu salvar-se, fugindo até 'Atbará.

Assim foi livre Ethiopia do seu terrivel inimigo, que durante quatorze annos tinha feito nella as maiores devastações. Depois de pacificado o reino, Galávdévós occupou-se em o restaurar, povoando as

aldeias que tinham sido devastadas, reconstruindo as Egrejas incendiadas e derrubadas, e fazendo habitar os mosteiros pelos monges, que andavam escondidos pelos mattos. Não se esqueceu dos portuguezes, que o tinham ajudado na guerra, os quaes fez distribuir por diversas povoações, que proviam á sua subsistencia.

O fim do reinado de Galávdévós foi muito perturbado; os gallás invadiram as provincias do sul e oeste; o Baxá Zemur, desembarcando em Maçuá com quinhentos turcos, apossou-se da ilha e das terras firmes proximas do mar; emfim, grandes tumultos se levantaram por causa das discussões religiosas entre os abexins, firmes na Fé de Alexandria, e o Bispo e padres da Companhia de Jesus, que tinham entrado em Ethiopia com o fim de a reduzir ao catholicismo.

D. João III, Rei de Portugal, desejava muito reduzir ao gremio da Egreja catholica o reino de Ethiopia; e, por assim o haver pedido Lebna Dengel, sollicitou do Papa a nomeação de Patriarcha e Bispos para aquelle intento. Por diversas causas as negociações estavam demoradas; mas tendo Galávdévós pedido alguns sacerdotes catholicos, que administrassem os sacramentos aos portuguezes que tinham ficado em Ethiopia, el Rei renovou as suas instancias em Roma, e obteve a nomeação de D. João Nunes Barreto para Patriarcha de Ethiopia, e para seus coadjutores e futuros successores, o Bispo de Hierapolis D. André de Oviedo, e o de Nicea D. Melchior Carneiro.

Entretanto o Governador da India, Francisco Barreto, mandava mensageiros a Galávdévós para saber se persistia nos desejos de seu pae, de receber o Patriarcha, Bispos e padres que el Rei de Portugal lhe mandava; ao que elle respondeu, que por estar muito obrigado a el Rei de Portugal pelo soccorro, que lhe tinha enviado contra os seus inimigos, desejava muito fazer ordenar em seu reino Bispos que ensinassem a doutrina catholica, se não fosse o receio de ser desobediente ao Concilio de Nicea, no qual fôra ordenado, que em seu reino não receberia outra doutrina que não fosse a ensinada pelo Patriarcha de Alexandria, nem outros Bispos, que os ordenados pelo mesmo Patriarcha. Recebida esta resposta, o Governador da India sobreesteve na ida do Patriarcha e Bispos, emquanto não avisasse a el Rei do que passava; mas para de alguma fórma não perder a occasião, e para satisfazer ás instancias do Patriarcha, despachou para Ethiopia o Bispo D. André de Oviedo, acompanhado de dois padres e tres irmãos da Companhia de Jesus, com o fim de doutrinarem e administrarem os sacramentos aos portuguezes, e ao mesmo tempo para irem dispondo a vontade de Galávdévós a receber o Patriarcha.

Galávdévós fez bom acolhimento ao Bispo e padres, ainda que logo lhe deu a entender que persistia firme na Fé de Alexandria. Pas-

sado algum tempo houve, a pedido do Bispo, e na presença de Galávdévós, disputas entre os lettrados de Ethiopia e o Bispo e padres, nas quaes o proprio Galávdévós tomava a palavra, e defendia com vehemencia a Fé de seus pais; nada porém se concluindo, Galávdévós e os da sua parcialidade saíam dizendo que tinham vencido aos de Roma. Cançados o Bispo e padres das disputas, e vendo que não alcançavam o que pretendiam, retiraram-se do arrayal, e foram com o consentimento de Galávdévós estabelecer-se em a povoação de Docomo; então o Bispo D. André de Oviedo, fulminou contra Galávdévós e contra todos os abexins uma excommunhão por não quererem acceitar a Fé catholica, e darem obediencia ao Papa, prohibindo aos portuguezes a sua communicação com os hereges. O Bispo D. André de Oviedo era certamente um varão muito illustrado e virtuoso; mas faltava-lhe o verdadeiro espirito apostolico; assim o seu zelo immoderado e intempestivo o levou áquelle acto impolitico, que depois expiou rudemente com maus tratos e com o desterro.

Por então os mouros de Adal, commandados por Nur, sobrinho do Gráñe, invadiram as provincias do sueste; e Galávdévós, ainda que tinha junto de si poucas forças, contra o parecer dos grandes, marchou ao encontro dos inimigos, levando comsigo alguns portuguezes. Travando-se a batalha, Galávdévós approximou-se do logar do combate para animar os seus, mas espantando-se o seu cavallo, foi metter-se entre os inimigos, que mataram o Rei ás lançadas, e lhe cortaram a cabeça que levaram como tropheo para o seu paiz; o pequeno exercito de Galávdévós foi desbaratado e disperso, e mortos todos os portuguezes que o acompanhavam.

Como Galávdévós não deixasse filhos varões, os grandes fizeram rei a seu irmão Minás, cujo resgate, promovido por sua mãe, se tinha effectuado nos primeiros annos do reinado de Galávdévós, dando-se em troca Mahmad, filho do Gráñe, e grande somma de dinheiro. Pelo que fica dito, se vê o estado em que Minás encontrou o reino quando subiu ao throno: agitado pelas dissensões religiosas, e invadido pelos inimigos. Os successos do seu reinado são o assumpto da sua historia.

Resta-nos agora dizer poucas palavras a respeito do que aconteceu ao Bispo e padres, e portuguezes durante o reinado de Minás. Para pôr termo ás dissensões e tumultos causados pelas discussões religiosas, Minás, apenas subiu ao throno, prohibiu aos abexins que entrassem nas Egrejas dos catholicos, e prendeu e desterrou aquelles, que, tendo-se reduzido á Fé catholica, persistiam nella. Ainda revogou a concessão que Galávdévós tinha feito, de que as mulheres do paiz, que casassem com portuguezes, podessem seguir, querendo, a Fé catholica, e assim as suas familias e escravos. Ao Bispo prohibiu que

prégasse a Fé catholica aos abexins, ao que elle respondeu com certa liberdade, dizendo que fazia o seu officio; pelo que Minás o mandou desterrado para uma serra forte.

Alguns grandes, descontentes de Minás, revoltaram-se contra elle: o Bispo e padres favoreciam occultamente aos alevantados com os quaes se ajuntaram tambem alguns dos portuguezes, mas a maior parte conservou-se fiel ao Rei. Depois de uma victoria que este alcançou sobre os alevantados, os portuguezes, que o tinham acompanhado nesta guerra, pediram, e alcançaram o perdão do Bispo, que depois andou no arrayal. Entretanto, tendo-se refeito os alevantados e alliando-se com os turcos estabelecidos em Maçuá, pelejaram e venceram o Rei, que fugiu abandonando o seu arrayal; então o Bispo e padres cairam em poder dos alevantados, com os quaes estiveram sempre depois, até á morte de Minás.

Na Europa não havia noticias do que se tinha passado em Ethiopia depois da entrada do Bispo D. André de Oviedo; e dizia-se, ainda que vagamente, que Galávdévós e depois seu irmão Minás se haviam reduzido ao catholicismo e dado obediencia ao Papa. Nesta supposição Pio IV escreveu em 1561 a Minás, convidando-o a enviar embaixadores que o representassem no Concilio, que se ia celebrar em Trento. Lourenço Pires de Tavora, embaixador de Portugal em Roma, escolheu para levar as cartas o dr. Antonio Pinto; quando este chegou á côrte de Ethiopia, já Minás tinha fallecido, e a embaixada não pôde ter effeito.

TEXTO

በስመ ፡ አብ ፡ ወወልድ ፡ ወመንፈስ ፡ ቅዱስ ፡ ፩አምላክ ። በረደ 117, r, b.
ኤት ፡ እግዚአብሔር ፡ ኃያል ፡ እቴጥን ፡ አንሰ ፡ ከመ ፡ እንብብ ፡ ወ
እከርትስ ፡ ዜናሁ ፡ ለእግዚእነ ፡ ማር ፡ ሚናስ ፡ ስብሐት ፡ ለእግዚአ
ብሔር ፡ ዘአጽንዓ ፡ ለዛቲ ፡ ድክምት ፡ ተረክቦተ ፡ ዝንቱሰ ፡ መፍቀሬ ፡
እግዚአብሔር ፡ ማር ፡ ሚናስ ፡ ኮነ ፡ በግብር ፡ አምላካዊ ፡ ከመ ፡ ያስ 117, v, a.
ተርኢ ፡ ግብረ ፡ እግዚአብሔር ፡ ላእሌሁ ፡ ወመንክራት ፡ ብዙኃት ፡
ከመ ፡ ይትገሀድ ፡ ቦቱ ፡ ዘንጽሕሮሙ ፡ እምድኅረዝ ። ዝንቱሰ ፡ እመ
ር ፡ ሊቀ ፡ ሠራዊት ፡ ፀብዕ ፡ አብኦ ፡ አምኃ ፡ ለእግዚኡ ፡ ግራኝ ፡ እ
ስመ ፡ ከመዝ ፡ ልማዶሙ ፡ ለኅያላን ፡ ሶበ ፡ ይትመየጡ ፡ እምኀበ ፡
ወረዱ ፡ ኀበ ፡ ፀብዕ ፡ ምስለ ፡ መዊዕ ፡ ያወፍዩ ፡ አምኃ ፡ ለሊቆሙ ፡
እምዘማኅረኩ ፡ በኩናቶሙ ። ወአሜሃ ፡ ወደየ ፡ እግዚአብሔር ፡ ርኅ
ራኄ ፡ ውስተ ፡ ልበ ፡ ዝንቱ ፡ አላዊ ፡ ግዙፈ ፡ ልብ ፡ ከመ ፡ ያፍቅሮ ፡
ወይሠሃል ፡ ላእሌሁ ፡ ለወልደ ፡ ንጉሥ ፡ መሢሓዊ ፡ ማር ፡ ሚናስ ።
ወበውእቱ ፡ መዋዕለ ፡ ጼዋዌሁ ፡ እምእለ ፡ ነበሩ ፡ ክርስቲያን ፡ ጼውዋ
ን ፡ ቦእለ ፡ ይቤልዎ ፡ ተዘከረኒ ፡ አመ ፡ ትመጽእ ፡ መንግሥትከ ፡ ወ
ቦ ፡ ዘይቤሎ ፡ ሀበኒ ፡ ኪዳነ ፡ ከመ ፡ ትሠሃል ፡ ላእሌየ ፡ በወርኀ ፡ መ
ንግሥትከ ፡ ወኢኀደገ ፡ ጻሕቆ ፡ ለ፩እምኔሆሙ ፡ ሶበ ፡ ነግሠ ፡ ድኅረ ፡
ተመይጦቱ ፡ እምጼዋዌ ፡ እስመ ፡ ጽድቅ ፡ ቃሉ ፡ እሙን ፡ ነገሩ ፡ ወ
ርቱዕ ፡ ኵሉ ፡ ፍናዊሁ ። ወበሣልስ ፡ ዓመት ፡ እምጼዋዌሁ ፡ ሰምዐ ፡
ግራኝ ፡ ምጽአተ ፡ አፍርንጅ ፡ ዘጉቡጣኖሙ ፡ ደንክስቶቡ ፡ ወሶቤሃ ፡
ቀንዓተ ፡ ሰይጣናዌ ፡ ወፈቀደ ፡ አውዕኦተ ፡ ትርኍ ፡ ወፈነወ ፡ መል
እክተ ፡ ኀበ ፡ ባሻ ፡ ዘቢድ ፡ ለዝኒ ፡ ወልደ ፡ ንጉሥ ፡ ፈነዎ ፡ ምስለ ፡
ላእካኒሁ ፡ ይመጥዎ ፡ ለባሻ ፡ አምኃሁ ። በዝየ ፡ ንጽሕፍ ፡ ተአምራተ ፡ 117, v, b.

ዘኮኑ ፡ እምቅድመ ፡ ርደቱ ፡ ኀበ ፡ ባሕር ፡ ወናተሉ ፡ ዘኮነ ፡ እምድኅ
ረዝ ። ፩ተአምሪሁ ፡ አመ ፡ ይእኅዝዎ ፡ በይእቲ ፡ ዕለት ፡ ዘአድኅኖ ፡
ለዳዊት ፡ ገብሩ ፡ እምኲናት ፡ እኪት ፡ አድኅኖ ፡ ከማሁ ፡ እምእዴሆ
ሙ ፡ ለደቂቀ ፡ ነኪር ፡ እለ ፡ ኢይርኅርኁ ፡ ላእለ ፡ አንስት ፡ ወደቀ ፡
እምደለወ ፡ ይበል ፡ አሜሃ ፡ በእንተዝ ፡ ሕይወትየሰ ፡ ኀልቀት ፡ በሕ
ይወተ ፡ ክርስቶስ ፡ ሀሎኩ ፡ በከመ ፡ ይቤ ፡ ጳውሎስ ፡ ብፁዓዊ ። ካል
እ ፡ ተአምሪሁ ፡ ወበውእቱ ፡ መዋዕል ፡ አዘዘ ፡ ግራኝ ፡ ከመ ፡ ይረስ
ይዎሙ ፡ ሕፀዋን ፡ ለውእቱ ፡ ወልደ ፡ ንጉሥ ፡ ሚናስ ፡ ወለደቂቀ ፡
አኃቲሁ ፡ ለአቡሁ ፡ ላእከ ፡ ማርያም ፡ ወላእከ ፡ ማርያም ፡ ዘተጸውዑ ፡
በ፩ስም ፡ ወሐጸውዎሙ ፡ ለ፪ሆሙ ፡ ወለወልደ ፡ ንጉሥሰ ፡ አራኅርኆ ፡
እግዚአብሔር ፡ ልቦ ፡ ወልበ ፡ ብእሲቱ ፡ ወኢገብሩ ፡ ቦቱ ፡ በከመ ፡
ገብሩ ፡ በ፪አኀው ፡ ወዝንቱሰ ፡ ኮነ ፡ በፈቃደ ፡ እግዚአብሔር ፡ ከመ ፡
ይትወለድ ፡ እምኔሁ ፡ ወልድ ፡ በቋዒ ፡ ዘአትረፈ ፡ ስመ ፡ ሠናየ ፡ ዘ
ኢረከቡ ፡ አበዊሁ ። ወዝንቱሰ ፡ ድኂኖቱ ፡ እምከዊነ ፡ ሕፅው ፡ ይመ
ስል ፡ ድኅነተ ፡ ይስሐቅ ፡ እምተሠውዖ ፡ ድኅረ ፡ ነበረ ፡ መጥባሕት ፡
ዲበ ፡ ክሣዱ ፡ ከመ ፡ ኢይትሐሰው ፡ ቃለ ፡ እግዚአብሔር ፡ ዘይቤ
118, *r*, *a*. ሎ ፡ ለአብርሃም ፡ እምይስሐቅ ፡ ይሰመይ ፡ ለከ ፡ ዘርዕ ። ዓዲ ፡ ይመ
ስል ፡ ዘመሐለ ፡ ሎቱ ፡ እግዚአብሔር ፡ ለዳዊት ፡ እንዘ ፡ ይብል ፡ እ
ምፍሬ ፡ ከርሥከ ፡ አነብር ፡ ዲበ ፡ መንበርከ ። ወበዛቲ ፡ ምክንያት ፡
ኮነ ፡ ድኅነተ ፡ ዝንቱ ፡ ማር ፡ ሚናስ ፡ እምተሐፅዎ ፡ ከመ ፡ ኢይትር
ፉ ፡ ብዙኃት ፡ መንክራት ፡ ዘይትገበሩ ፡ በእደ ፡ ወልዱ ፡ እለ ፡ ድል
ዋን ፡ ንሕነ ፡ ለጽሒፈቶሙ ። ወእምድኅረ ፡ ዝንቱ ፡ ሖረ ፡ ግራኝ ፡ መ
ንገለ ፡ ቅዳ ፡ ወእንዘ ፡ ሀሎ ፡ ህየ ፡ ሰምዐ ፡ ዜና ፡ ከመ ፡ አፍቀርዎ ፡
ለዝንቱ ፡ ወልድ ፡ ኵሎሙ ፡ ሰራዊተ ፡ ከተማሁ ፡ ዘሀለዉ ፡ በደምብያ ፡
ወምስለ ፡ ዝኒ ፡ እስተናሥኡ ፡ ምክረ ፡ ዐበይተ ፡ ሕዝበሙ ፡ ለመለሳ
ይ ፡ እንዘ ፡ ይብሉ ፡ ለዝንቱ ፡ ወልደ ፡ ንጉሥ ፡ ኢይትኀደግ ፡ እንበለ ፡
ያንግሥዎ ፡ እስመ ፡ ሙብዝኅቶሙ ፡ ለሰብአ ፡ ከተማ ፡ አምሐሩ ፡ እለ ፡
ኢያኀብሩ ፡ ሃይማኖተ ፡ ምስሌነ ፡ እመኒ ፡ ቦኡ ፡ ውስተ ፡ ሃይማኖ
ትነ ፡ በፍርሃተ ፡ ሰይፍ ፡ ወኲናት ፡ ኢይጸሪ ፡ ሕሊናሆሙ ፡ እምተቀን
ዮሂ ፡ ለከ ፡ ያፈቅሩ ፡ ተቀንዮ ፡ ለወልደ ፡ ንጉሦሙ ፡ ዘቀዳሚ ፡ ይኄይ
ሰከ ፡ ትምክር ፡ ምክረ ፡ ሠናየ ፡ ለሕይወትከ ፡ ወለምልክናከ ። ወዘንተ ፡
ሰሚዖ ፡ ተሀውከ ፡ ግራኝ ፡ ወተመልአ ፡ መንፈሰ ፡ ቅንዐት ፡ በእንተ ፡

መንግሥቱ ፡ በከመ ፡ ተሐውከ ፡ ልበ ፡ ሄሮድስ ፡ አመ ፡ መጽኡ ፡ ኀ
ቤሁ ፡ ሰብአ ፡ ሰገል ፡ እንዘ ፡ ይብሉ ፡ አይቴ ፡ ሀሎ ፡ ንጉሥ ፡ አይሁ
ድ ፡ እስመ ፡ ርኢነ ፡ ኮከበ ፡ ዚአሁ ፡ በምሥራቅ ፡ ወመጻእነ ፡ ከመ ፡ 118, r, b.
ንስግድ ፡ ሎቱ ። ወእምዝ ፡ ሖረ ፡ እምቅጽ ፡ መንገለ ፡ ደምብያ ፡ ከመ ፡
ያስተጻንዕ ፡ ከተማሁ ፡ ከመ ፡ ኢይትሐወክ ፡ ወጸውዐ ፡ ዐበይተ ፡ ሕዝ
ቡ ፡ ወመማክርቲሁ ፡ ወይቤሎሙ ፡ ምንተ ፡ ንግበር ፡ በዝንቱ ፡ ወልደ ፡
ንጉሥ ፡ ናሁ ፡ እሰምእ ፡ በእንቲአሁ ፡ ብዙኀ ፡ ነገረ ። ወእምዝ ፡ ተሰጥ
ውዎ ፡ ምክረ ፡ እኩየ ፡ እንዘ ፡ ይብሉ ፡ ኢትትረኀረኅ ፡ ላእሌሁ ፡ ወ
ኢትምሐኮ ፡ እስከ ፡ለሞት ፡ ወእንበለ ፡ ዝ ፡ ኢተዐርፍ ፡ እምኔሁ ።
ወበዊኦ ፡ ኀበ ፡ ብእሲቱ ፡ ነገራ ፡ ኵሎ ፡ ዘይቤሉ ፡ መማክርቲሁ ፡ ወ
ሶቤሃ ፡ ሐወጸቶ ፡ ምሕረት ፡ እግዚአብሔር ፡ ዘዘልፈ ፡ ተዐቅቦ ፡ ለዝ
ንቱ ፡ ወልደ ፡ ንጉሥ ፡ መሢሓዊ ፡ ወወደየት ፡ ርኅራኄ ፡ በከመ ፡ ል
ማደ ፡ ውስተ ፡ ፪ሆሙ ፡ ወረሰየቶሙ ፡ ይጸልዑ ፡ ምክረ ፡ ሞት ፡ ዘመ
ከሩ ፡ ላእለ ፡ ዝንቱ ፡ ንጹሕ ፡ እምአበሳ ፡ ዘኢገብረ ፡ ምንተኒ ፡ በዘይ
መውት ፡ ወይቤሉ ፡ ኢናኅሥም ፡ ላእለ ፡ ዝንቱ ፡ ወልደ ፡ ክቡራን ፡
ነገሥት ፡ ወናሠኒ ፡ ሎቱ ፡ ከመ ፡ ይፍድዮ ፡ እግዚአብሔር ፡ ለወል
ድነ ፡ ፍዳ ፡ ሠናየ ፡ ወከመ ፡ ኢይኩን ፡ ሀውከ ፡ በሐልዮ ፡ አቡሁ ፡
ወእሙ ፡ ወአኀዊሁ ፡ ነሀቦ ፡ ወለተነ ፡ ወንግበር ፡ ሎቱ ፡ ከብካበ ፡ በከ 118, v, a.
መ ፡ ሕግነ ፡ ወናስተደሉ ፡ ሥርዐተ ፡ ሰብሳብ ፡ ዘይደሉ ፡ ለመርዓዊ ፡
ወለመርዓት ። በልሳኖሙ ፡ ዘይትበሀል ፡ ንካሀ ። ወእምድኅረ ፡ ፈጸመ ፡
ሕገ ፡ ከብካብ ፡ ተንሥአ ፡ ፩ተመያኒ ፡ ወመጽአ ፡ ኀበ ፡ ግራኝ ፡ ወይ
ቤሎ ፡ ብየ ፡ ነገር ፡ ዘእብለከ ። ወይቤሎ ፡ ምንት ፡ ውእቱ ። ወእምዝ ፡
ወጠነ ፡ ይዝራዕ ፡ ውስተ ፡ ልቡ ፡ እኩየ ፡ ነገረ ፡ እንዘ ፡ ይብል ፡ ቦኑ ፡
ፈቀድከ ፡ ከመ ፡ ተሀብ ፡ ክብረከ ፡ ለባእድ ፡ ወታግብእ ፡ መንግሥተ
ከ ፡ ለባዕሉ ፡ እመሰ ፡ ወሀብኮ ፡ ወለተከ ፡ ይመስሎሙ ፡ ለሠራዊትከ ፡
ዘኀደገ ፡ ሎቱ ፡ መንግሥተ ፡ ወይትመየጡ ፡ ኀቤሁ ፡ ኵሎሙ ፡ ሰብ
አ ፡ ከተማ ፡ እለ ፡ ሀለዉ ፡ ታሕተ ፡ ሥልጣንከ ፡ አንተኒ ፡ ትኔስሕ ፡
ወኢትክል ፡ አግብኦ ፡ ሥልጣን ፡ ዘኀደገ ፡ በፈቃድከ ። ወዛቲ ፡ ምክ
ር ፡ ተሰውጠት ፡ ውስተ ፡ ሕሊናሁ ፡ ወይቤሎ ፡ ምንተ ፡ እመ ፡ እገ
ብር ፡ ይኄይሰኒ ። ዘንተ ፡ ዘይቤ ፡ እስመ ፡ መሰሎ ፡ ዘፈለሰት ፡ መንግ
ሥቱ ፡ ኀበ ፡ ዝንቱ ፡ ወልደ ፡ ንጉሥ ። ውእተ ፡ ጊዜ ፡ መከረ ፡ ውእ
ቱ ፡ ዐራዊ ፡ ሸርፈዲን ፡ ምክረ ፡ እኩየ ፡ እንዘ ፡ ይብል ፡ ስማዕ ፡ ዘእ

ነግረከ ፡ ለዝንቱ ፡ ወልደ ፡ ንጉሥ ፡ ፈንዎ ፡ አምኃ ፡ ለባሻ ፡ ዘቢድ ፡
ወበሎ ፡ ፈኑ ፡ ሊተ ፡ አሽከር ፡ አፍርንጅኒ ፡ ናሁ ፡ ወፅኡ ፡ ወኢትክ
118. v, b. ል ፡ ተፃብአቶሙ ፡ እንበለ ፡ ትርሖ ። ዛቲ ፡ ምክር ፡ አደመቶ ፡ ከመ ፡
ቀዳሚ ፡ ወፈጸመ ፡ ምክረ ፡ ከመ ፡ ይፈንዎ ። ወበውእቱ ፡ መዋዕል ፡
ፈነዎ ፡ በእደ ፡ ቃጽ ፡ ልጅ ፡ አብርሃም ፡ ዘውእቱ ፡ ፩እምዐበይተ ፡ ሕ
ዝቡ ። ወበዕለተ ፡ ፀአቱ ፡ እምትዕይንት ፡ ኮነ ፡ ሰቆቃው ፡ ዐቢይ ፡ ወ
ድምፀ ፡ አውያተ ፡ ኀዘን ፡ በቤተ ፡ ድልወምበራ ፡ እስመ ፡ ኮነት ፡ ት
ሬእዮ ፡ ከመ ፡ ወልዳ ፡ አግብርቲሃኒ ፡ ወእእማቲሃ ፡ ገዐሩ ፡ እማዕም
ቀ ፡ ልቦሙ ፡ ወኮነ ፡ አንብዖሙ ፡ ከመ ፡ ማይ ፡ እስመ ፡ ያፈቅርዎ ፡
በእንተ ፡ ስነ ፡ ራእዩ ፡ አፍኣዊ ፡ ወስነ ፡ ግዕዙ ፡ ውሳጣዊ ፡ አኮ ፡ ባ
ሕቲቶሙ ፡ አላ ፡ ሰብአ ፡ ከተማ ፡ ዘግራኝ ፡ እስመ ፡ እግዚአብሔር ፡
ወደየ ፡ ፍቅሮ ፡ ውስተ ፡ ልቦሙ ። ወአስተፋነዎ ፡ ወሖረ ፡ እንዘ ፡ እ
ግዚአብሔር ፡ ምስሌሁ ፡ በከመ ፡ ሖረ ፡ ምስለ ፡ ዮሴፍ ፡ ወኢተፈል
ጠ ፡ አመ ፡ ሤጥዎ ፡ አኀዊሁ ። ወእንዘ ፡ ሀሎ ፡ በፍኖት ፡ ሐመ ፡ ሕ
ማመ ፡ ፈጸንት ፡ ዘውእቱ ፡ ሕማመ ፡ ዋዕይ ፡ ወእንዘ ፡ ይጸንዕ ፡ ቦቱ ፡
አልቦ ፡ ዘተራኀርኀ ፡ ላእሌሁ ፡ ወአልቦ ፡ ዘአዕረፎ ፡ አላ ፡ ያስተዕዕን
ዎ ፡ አስተባርዮሙ ፡ በ፫አግማል ። ወአሐተ ፡ ዕለተ ፡ እንዘ ፡ የሐውር ፡
ተዕዒኖ ፡ በ፩ገመል ፡ ጸምዐ ፡ ውእቱ ፡ ገመል ፡ ወኢረከበ ፡ ማየ ፡ ወ
እምብዝኀ ፡ ፃሕቁ ፡ ለሰትየ ፡ ማይ ፡ ሖረ ፡ ጕጕዐ ፡ ከመ ፡ ይብጻሕ ፡
119, r, a. ኀበ ፡ ዘኢበዕሐ ፡ ወእንተ ፡ ካልእት ፡ ፍኖት ፡ ሖረ ፡ ኅዲጎ ፡ ፍኖተ ፡
ዘየሐውርዎ ፡ ሰብእ ፡ ወሶበ ፡ ኀጥእዎ ፡ አዱ ፡ ለፌ ፡ ወለፌ ፡ ወኢረ
ከብዎ ፡ አመ ፡ ሳድሳይ ፡ ዕለት ፡ እምተኀጥአቱ ፡ በዕሐ ፡ በፈቃደ ፡ እ
ግዚአብሔር ፡ ኀበ ፡ እሉ ፡ እኩያን ፡ ሰብእ ፡ ዘይወስድዎ ፡ ድኅረ ፡ ቀ
ብፁ ፡ ሐይዎቶ ። ሶበሰ ፡ ኢኮነ ፡ በፈቃደ ፡ አምላክ ፡ ሕይወተ ፡ ዝንቱ ፡
ድውይ ፡ ወዕዑር ፡ ጊዜ ፡ ተኀጥአቱ ፡ መጠነ ፡ ፮ዕለታት ፡ እምኢድኅ
ነ ፡ ለጥዑይኒ ፡ ዘአልቦቱ ፡ ደዌ ፡ እምወፅአት ፡ ነፍሱ ፡ በጽምዐ ፡ ማ
ይ ፡ ውስተ ፡ ምድረ ፡ ሐሩር ፡ ወበኀጢአ ፡ ዕረፍት ፡ መዓልተ ፡ ወሌ
ሊተ ፡ በኍልቈ ፡ መዋዕል ፡ ዘዘከርናሆሙ ። ነዋ ፡ ዕውቀ ፡ በኀበ ፡ ኵ
ሉ ፡ በጽምአ ፡ አሐቲ ፡ ዕለት ፡ ለኀያላን ፡ ሰብእ ፡ ፀብዕ ፡ እለ ፡ ይሜ
ርዱ ፡ ርሑቀ ፡ ትወፅእ ፡ ነፍሶሙ ፡ ወይገብኡ ፡ ውስተ ፡ መሬቶሙ ፡
ኅድጉሰ ፡ ለዘከመዝ ፡ ድውይ ፡ ዘአልፀቀት ፡ ሕይወቱ ፡ ለሞት ፡ መን
ክር ፡ ግብሩ ፡ ለእግዚአብሔር ፡ ዘይቀትል ፡ ወያሐዩ ፡ ያወርድሂ ፡ ው

ስተ ፡ ሲኦል ፡ ወየዐርግ ። ውእቱኒ ፡ የአኵቶ ፡ ለእግዚአብሔር ፡ ድኅረ ፡ ተመይጠቱ ፡ እምጼዋዌ ፡ ወይብል ፡ ከመዝ ፡ ሶበ ፡ ምሕረተ ፡ እግዚአብሔር ፡ ምስሌየ ፡ ወጸሎተ ፡ እምየ ፡ ሰብለ ፡ ወንጌል ፡ አመ ፡ አዐይል ፡ ውስተ ፡ ገዳም ፡ መልእልተ ፡ ገመል ፡ ሕቀ ፡ ከመ ፡ እምተሐጐልኩ ፡ ወኮንኩ ፡ መብልዐ ፡ ለአዕዋፈ ፡ ሰማይ ፡ ወአራዊተ ፡ ገዳም ። ወዝንቱ ፡ ተአምር ፡ ሣልስ ፡ እምተአምራት ፡ ዘጸሐፍናሆሙ ። ወእምዝ ፡ በዕሑ ፡ ኀበ ፡ ጽንፈ ፡ ባሕር ፡ ወአዕረግዎ ፡ ውስተ ፡ ሐመር ፡ ዘተሐውር ፡ ኀበ ፡ ዘቢድ ። ዛቲሰ ፡ ስደቱ ፡ እምርስተ ፡ አቡሁ ፡ ወነጊዶቱ ፡ በሐመር ፡ እንዘ ፡ ሙቁሕ ፡ ውስተ ፡ ምድረ ፡ ነኪር ፡ ትመስል ፡ ስደተ ፡ ፊቅጦር ፡ ወልደ ፡ ማርታ ፡ እንዘ ፡ ልጓም ፡ ውስተ ፡ አፉሁ ፡ እምአንጾኪያ ፡ ኀበ ፡ መኰንነ ፡ እስክንድርያ ። ወእምዝ ፡ አርሰዩ ፡ ሐመሮሙ ፡ በጽንፈ ፡ ባሕር ፡ ኀበ ፡ መርሶ ፡ ወወዕኡ ፡ ወወሀብዎ ፡ አምኃ ፡ ለባሻ ፡ ዘቢድ ፡ ለውእቱ ፡ ወልደ ፡ ንጉሥ ፡ ወሶቤሃ ፡ ተፈሥሐ ፡ ጥቀ ፡ ወተመጠዎ ፡ እምእደ ፡ ልዑካን ፡ ምስለ ፡ ፪አኀዊሁ ፡ እለ ፡ ሐፀምሙ ፡ ግራኝ ፡ አስማቲሆሙ ፡ ዘዘከርነ ፡ ቅድመ ። ወሶቤሃ ፡ ፈነወ ፡ ላእካነ ፡ ኀበ ፡ ሥልጣን ፡ ሶሌማን ፡ እንዘ ፡ ይብል ፡ ሱታፌ ፡ ሃይማኖትነ ፡ እስላም ፡ ዘአደል ፡ ዘመለከ ፡ ለምድረ ፡ ሐበሽ ፡ ናሁ ፡ ፈነዎ ፡ ለወልደ ፡ ንጉሥ ፡ ኀቤየ ፡ አምኃ ፡ ለክብርከ ፡ አዚዝ ፡ ምንተ ፡ እግበር ፡ ቦቱ ፡ ይኩን ፡ ፈቃድከ ፡ ወአኮ ፡ ፈቃደ ፡ ዚአየ ፡ ባሕቱ ፡ ፈቃድከ ፡ ይኩን ። ወውእቱ ፡ ተሰጥዎ ፡ ለመልእክቱ ፡ ወይቤ ፡ አንብሮ ፡ ለወልደ ፡ ንጉሥ ፡ ኀቤከ ፡ በሠናይ ፡ ለወልደ ፡ ንጉሥ ፡ ወኢታኅስም ፡ ላእሌሁ ። ወሶቤሃ ፡ ወሀቦ ፡ ማኅደረ ፡ ሠናየ ፡ ወዠሎ ፡ ንብረቶ ፡ በዘይሤኒ ፡ ወይኄይስ ፡ እስመ ፡ አራኅርኆ ፡ ልቦ ፡ እግዚአብሔር ፡ በከመ ፡ አራኅርኆ ፡ ልበ ፡ ግራኝ ፡ ቀዳሚ ። ወበውእቱ ፡ መዋዕል ፡ አሐዘት ፡ ትትለዓል ፡ መንግሥተ ፡ ገላውዴዎስ ፡ ወትሑር ፡ እምኀይል ፡ ውስተ ፡ ኀይል ፡ ወገብረ ፡ ዐብዐ ፡ ምስለ ፡ ግራኝ ፡ ወቀተሎ ፡ ወለዠሎሙ ፡ ሠራዊቱ ፡ ከዊኖ ፡ ምስለ ፡ አፍርንጅ ፡ በኀይለ ፡ እግዚአብሔር ፡ ወአኀዘ ፡ ወልዶ ፡ ብእሲቱሰ ፡ አምሠጠት ። ወተእኅዘተ ፡ ወልዱ ፡ ወአምሥጠተ ፡ ብእሲቱ ፡ ኮነ ፡ በፈቃደ ፡ እግዚአብሔር ፡ ምክንያተ ፡ ለተመይጠተ ፡ ዝንቱ ፡ ወልደ ፡ ንጉሥ ፡ እምጼዋዌ ። ወዛቲሰ ፡ ንግሥት ፡ ሰብለ ፡ ወንጌል ፡ መፍቀሪተ ፡ እግዚአብሔር ፡ ኮነት ፡ ታዘልፍ ፡ ጸሎተ ፡ ወተዐርግ ፡ ቅድመ ፡ እግዚአብሔር ፡ መዓልተ ፡ ወሌሊተ ፡ በእ

119, r, b.

119, v, a.

ንተ ፡ ውእቱ ፡ ወልዳ ፡ ወታማኅፀኖ ፡ ኀበ ፡ ኵሎሙ ፡ መነከሳት ፡ ወ
ነዳያን ፡ ዘውስተ ፡ አድባር ፡ ወዘገዳማት ። ወሶበ ፡ ዐርገ ፡ ጸሎታ ፡ ው
ስተ ፡ እዝነ ፡ እግዚአብሔር ፡ ሰማዒ ፡ አስተናሥአ ፡ መንፈስ ፡ ቅዱ
ስ ፡ ለድልወምበሩ ፡ እስከ ፡ ሐለየት ፡ ትትቤዘዎ ፡ ለወልዳ ፡ ዘሀሎ ፡
በእደ ፡ ባሻ ፡ ወለአከት ፡ ኀበ ፡ በኣልተ ፡ ዝክር ፡ ሠናይ ፡ ዘዘከርናሃ ፡
እንዘ ፡ ትብል ፡ ፈንዊ ፡ ሊተ ፡ ወልድየ ፡ እፈኑ ፡ ለኪ ፡ ወልደኪ ። ወ
119, r, b. ተሰጥወት ፡ ይእቲ ፡ በፍሥሓ ፡ ወበሐሤት ፡ ወትቤ ፡ አሆ ። ወተሰነዓ
ዋ ፡ ፪ሆን ፡ ምስለ ፡ ዐቢይ ፡ ፃሕቅ ፡ እስመ ፡ እማንቱ ፡ ተሞአ ፡ በባሕር
የ ፡ ጠባይዒሆን ፡ ለወላድያት ። ወሶቤሃ ፡ ለአከት ፡ ኀበ ፡ ባሻ ፡ እንዘ ፡
ትብል ፡ ተቤዝዎ ፡ ለወልድየ ፡ ሙቁሕ ፡ በዝንቱ ፡ ወልደ ፡ ንጉሥ ፡
እስመ ፡ ውእቱ ፡ ማኅበሩ ፡ ለሃይማኖትከ ። ውእቱኒ ፡ ለአከ ፡ ኀበ ፡
ሥልጣን ፡ ሶሌማን ፡ ፃሕቀ ፡ ድልወምበሩ ፡ በእንተ ፡ ወልዳ ፡ ወይ
ቤ ፡ ተቤዘው ፡ ላቲ ፡ ወልደ ፡ እስመ ፡ ውእቱ ፡ ወልደ ፡ ሃይማኖትነ ።
ወሰሚዖ ፡ ዘንተ ፡ ባሻ ፡ አግዘፈ ፡ ልቦ ፡ ወይቤ ፡ በዲበ ፡ ዝንቱ ፡ ወል
ደ ፡ ንጉሥ ፡ ይወስኩ ፡ ሊተ ፡ ፲፪ወቄት ፡ ወርቅ ፡ ዝሬን ፡ አውሀዱ ፡
ወአሕፅዖ ፡ እስመ ፡ ውእቱ ፡ ወልደ ፡ ክቡራን ፡ ነገሥት ። ወሶበ ፡ በፅ
ሐ ፡ ሐዋርያ ፡ ምስለ ፡ መልእክት ፡ ኀበ ፡ ይእቲ ፡ ዐባይ ፡ ንግሥት ፡
ሰብለ ፡ ወንጌል ፡ ወኮነ ፡ ዐቢይ ፡ ፍሥሓ ፡ ወእምዝ ፡ አስተዋፅአት ፡
ንዋየ ፡ ብዙኀ ፡ በውእቱ ፡ መዳልው ፡ ዘዘከርነ ፡ በእደ ፡ መኳንንት ፡
ወስሙያን ፡ ዘትግሬ ፡ ለወልደ ፡ ግራኝኒ ፡ ፈነወቶ ፡ ምስለ ፡ ውእቱ ፡
ወርቅ ። ወሶቤሃ ፡ ፈነዎ ፡ ባሻ ፡ ለማር ፡ ሚናስ ፡ ምስለ ፡ እሉ ፡ ፪አኀ
ዊሁ ፡ ዘተዔወዉ ፡ ምስሌሁ ፡ እስመ ፡ ተመውአ ፡ በሃይማኖቱ ፡ ወበ
ፍቅረ ፡ ወርቅ ። ወተራከቡ ፡ በማእከለ ፡ ባሕር ፡ በለፌ ፡ እምነ ፡ ምጽ
ዋዕ ፡ ላእካነ ፡ ባሻ ፡ ሰብአ ፡ ቱርክ ፡ እለ ፡ ሀለዉ ፡ ምስለ ፡ ወልደ ፡
120, r, a. ንጉሥ ፡ ኮኑ ፡ በ፩መርከብ ፡ ወላእካነ ፡ ንግሥትኒ ፡ እለ ፡ ሀለዉ ፡ ም
ስለ ፡ ወልደ ፡ ግራኝ ፡ ኮኑ ፡ በካልእ ፡ መርከብ ፡ ከመኒ ፡ ኢይትኃሀል
ዎ ፡ ፩ለካልኡ ፡ ወኢየአምፆ ፡ በእንተ ፡ ተፈልጦተ ፡ ሃይማኖቶሙ ፡
ወተናክሮተ ፡ ሀገሮሙ ፡ ፈጸመ ፡ በኪዳን ፡ ወበመሐላ ፡ እስመ ፡ ኀቤ
ሆሙ ፡ ተሰናዕዎ ፡ በ፩እግዚአብሔር ። ወእምዝ ፡ ተራከቡ ፡ ከዊኖሙ ፡
ልዑቃነ ፡ ወቅሩባነ ፡ እሙንቱኒ ፡ ላእካነ ፡ ባሻ ፡ መጠውዎ ፡ ለወልደ ፡
ንጉሥ ፡ ምስለ ፡ ፪አኀዊሁ ፡ ለሕዝበ ፡ ወእሉኒ ፡ ላእካነ ፡ ንግሥት ፡ መ
ጠውዎ ፡ ለወልደ ፡ ግራኝ ፡ ምስለ ፡ ወርቅ ፡ ለአዝማደ ፡ ሃይማኖቱ ፡

ወእሉ ፡ መጥዎታት ፡ በዘዚአሆሙ ፡ ከኑ ፡ በ፩ጊዜ ፡ እንበለ ፡ ቀዲም ፡
ወተድኅሮ ፡ እምትኅዝብተ ፡ ትምይንት ፡ ወተኃህልዎ ፡ እስመ ፡ አ
ልቦ ፡ ንጹሕ ፡ ፍቅር ፡ ማእከለ ፡ ክርስቲያን ፡ ወእስላም ፡ በእንተ ፡ ዘ
ኢኅብሩ ፡ ሃይማኖተ ። አኬ ፡ ትፍሥሕተ ፡ ኅሩይ ፡ ሚናስ ፡ በይእቲ ፡
ሰዓት ፡ ጊዜ ፡ ተራክቦቱ ፡ ምስለ ፡ ሕዝቡ ፡ ወጊዜ ፡ ፀአቱ ፡ እምባሕ
ር ፡ ዘትመስል ፡ ፀአተ ፡ ፳ኤል ፡ እምኤርትራ ፡ አመ ፡ ይወፅኡ ፡ እም
ግብፅ ፡ ምድረ ፡ ቅንየቶሙ ፡ ወፀአተ ፡ ፫ደቂቅ ፡ እምዕቶን ፡ እሳት ።
ወውእተ ፡ ጊዜ ፡ ከነ ፡ ፍሥሓ ፡ ዐቢይ ፡ በውስተ ፡ ሕዝብ ፡ በእንተ ፡
ዝንቱ ፡ ወልደ ፡ ንጉሥ ፡ ዘከነ ፡ ፀአቱ ፡ በእዳዊሆሙ ። ሶቤሃ ፡ ፈነ
ዉ ፡ ዜና ፡ ብስራት ፡ ኀበ ፡ እሙ ፡ በዓልተ ፡ ዝክር ፡ ሠናይት ፡ ከመ ፡
አብሰርዋ ፡ ለእግዝእትነ ፡ ማርያም ፡ ትንሣኤ ፡ ወልዳ ፡ ወትፍሥሕተ ፡ 120, *r, b.*
ዚአሃኒ ፡ ይመስል ፡ ትፍሥሕተ ፡ እግዝእትነ ፡ ማርያም ፡ በእንተ ፡
ተመይጠተ ፡ ወልዳ ፡ እምጼዋሁ ። ወኵልቄ ፡ አዝማንሰ ፡ እምተእኅ
ዞቱ ፡ እስከ ፡ ርደቱ ፡ ኀበ ፡ ባሕር ፡ ፪ዓመት ፡ ወ፯አውራኅ ፡ ወእም
ርደቱ ፡ እስከ ፡ ተመይጦቱ ፡ እምባሕር ፡ ፫ዓመት ። ጊዜ ፡ ብፅሐቱ ፡
ኀበ ፡ ከተማሃ ፡ ለንግሥት ፡ ሰብለ ፡ ወንጌል ፡ መፍቀሪተ ፡ እግዚአብ
ሔር ፡ በምድረ ፡ ወገራ ፡ ዘይትበሀል ፡ አይባ ፡ ወንግሥትኒ ፡ መሃይ
ምንት ፡ ሰብለ ፡ ወንጌል ፡ አዘዘት ፡ ይትክሉ ፡ ሐይመታተ ፡ ወይንጽ
ፉ ፡ ዘርቤታተ ፡ ውስቴቱ ። መነከሳትኒ ፡ ወካህናት ፡ ሠርዑ ፡ በከ
መ ፡ ሕጎሙ ፡ ምስለ ፡ መስቀል ፡ ወማዕጠንት ፡ እንዘ ፡ ይለብሱ ፡
አልባሰ ፡ ክህነት ፡ ሊቃውንተ ፡ ቤተ ፡ ክርስቲያንሂ ፡ ወመላህቅተ ፡
ሕዝቦሙ ፡ ለካህናት ፡ ወዕኡ ፡ ይትቀበልዎ ፡ እንዘ ፡ ይሠረገዉ ፡ አል
ባሰ ፡ ቅድዋተ ፡ እለኒ ፡ መጽኡ ፡ ምስለ ፡ ዝንቱ ፡ ወልደ ፡ ንጉሥ ፡
መኳንንት ፡ ክቡራን ፡ ዐበይተ ፡ ሕዝባ ፡ ለዛቲ ፡ ንግሥት ፡ ወሥዩማ
ን ፡ ትግሬ ፡ ሠርዑ ፡ ሥርዐተ ፡ ሐራ ፡ ከመ ፡ ሕጎሙ ፡ ዘልማድ ። አ
ይ ፡ ልሳን ፡ ዘይክል ፡ ነቢብ ፡ ወዜንዎ ፡ ፍሥሓሃ ፡ ለይእቲ ፡ ዕለት ፡
ወኢይትከሀል ፡ ይንግርዎ ፡ በበገጹ ። ወእምዝ ፡ አብእዎ ፡ ኀበ ፡ ሀለ
ዉ ፡ እሙ ፡ ወእኁሁ ፡ ወአኃቲሁ ፡ ወሶቤሃ ፡ ሐቀፈት ፡ ክሣዶ ፡ ንግ 120, *v, a.*
ሥት ፡ ሰብለ ፡ ወንጌል ፡ ወአምኀት ፡ ኵሎ ፡ አባላቲሁ ፡ እንዘ ፡ ትበ
ኪ ፡ ወታውኅዝ ፡ አንብዐ ፡ ከመ ፡ ማይ ፡ ወእኃቲሁ ፡ አምኃሁ ፡ ከመ
ዝ ፡ እንዘ ፡ ይበክያ ፡ ወያስቆቅዋ ፡ እስመ ፡ ከመዝ ፡ ልማድ ፡ በዝንቱ ፡
ዓለም ፡ ድኅረ ፡ ተፈልጡ ፡ እምአዝማዲሆሙ ፡ አው ፡ እምአእርክቲ

ሆሙ ፡ ሶበ ፡ ይትራከቡ ፡ በኑኀ ፡ ዘመን ፡ ይበክዩ ፡ ወያስቆቅዉ ፡ እም
ብዝኀ ፡ ትፍሥሕቶሙ ፡ ከማሁ ፡ ኮነ ፡ ትፍሥሕተ ፡ ንግሥት ፡ ወአዋ
ልዲሃ ፡ ቱሱሐት ፡ ምስለ ፡ አንብዕ ። ወእምዝ ፡ አኀዘት ፡ ታእኵቶ ፡
ለእግዚአብሔር ፡ እንዘ ፡ ትብል ፡ ታዐብዮ ፡ ነፍስየ ፡ ለእግዚአብሔ
ር ፡ ወትትሐሠይ ፡ መንፈስየ ፡ በአምላኪየ ፡ ወመድኀንየ ፡ እስመ ፡
ርእየ ፡ ትሕትናሃ ፡ ለእሙ ፡ ናሁ ፡ እምይእዜሰ ፡ ያስተበፅዑኒ ፡ ኵሉ ፡
ትውልድ ፡ እስመ ፡ ገብረ ፡ ሊተ ፡ ኀይለ ፡ ዐቢያተ ። ወእምድኅረዝ ፡ አ
ዘዘት ፡ ከመ ፡ ያብእዎሙ ፡ ለካህናት ፡ በበዖታሆሙ ፡ ወለሐራ ፡ በበሕ
ዘቢሆሙ ፡ ኀበ ፡ ተተክሉ ፡ ሐይመታት ፡ ወአርፍቅዎሙ ፡ ኀበ ፡ ተደ
ለወ ፡ መካን ፡ ወተሠርዐ ፡ መንዐፍ ፡ በአምጣነ ፡ ኍልቍ ፡ ዘይትፈቀ
ድ ፡ ለለ፩ምርፋቅ ፡ ወእምዝ ፡ ፈነወት ፡ ሎሙ ፡ ማዕደ ፡ ዘዘዚአሁ ፡
ኅብሩ ፡ ወዘዘዚአሁ ፡ ጣዕሙ ፡ ወወይነሂ ፡ ጽሩየ ፡ ዘምሉእ ፡ ቅድሐ
ቲ ። ወከነት ፡ ትቤሎሙ ፡ ተፈሥሑ ፡ ሊተ ፡ እስመ ፡ ዝንቱ ፡ ወልድ
የ ፡ ሞተኒ ፡ ወሐይወ ፡ ተሐጒለኒ ፡ ወተረክበ ፡ ወበሕቱ ፡ ኢይኩን ፡
ትፍሥሕትክሙ ፡ ከመ ፡ አሕዛብ ፡ በዝንጋዔ ፡ ወንዝህላል ፡ አላ ፡ ተፈ
ሥሑ ፡ በእግዚአብሔር ፡ ዘረድአነ ፡ ወየብቡ ፡ ለአምላከ ፡ ያዕቆብ ፡
ንሥኡ ፡ መዝሙረ ፡ ወሀቡ ፡ ከበሮ ፡ መዝሙር ፡ ሐዋዝ ፡ ምስለ ፡ መ
ሰንቆ ፡ ዝኒ ፡ ከመ ፡ ናእኵቶ ፡ ለገባሬ ፡ ሠናያት ፡ ላእሴነ ። ዝንቱ ፡ ብ
ሂሎታ ፡ ይመስል ፡ ምስለ ፡ ብሂሎቱ ፡ ለበኣለ ፡ ፻አባግዕ ፡ ሶበ ፡ ተገድ
ፈቶ ፡ አሐቲ ፡ እምኔሆን ፡ አኮኑ ፡ የኀድግ ፡ ፺ወ፱ተ ፡ ውስተ ፡ ገዳ
ም ፡ ወየሐውር ፡ ይኅሥሥ ፡ እንተ ፡ ተገድፈቶ ፡ ወእምከመ ፡ ረከባ ፡
ይፀውራ ፡ ዲበ ፡ መትከፍቱ ፡ ወይትፌሣሕ ፡ በዊአ ፡ ቤቶ ፡ ወይጼው
ዕ ፡ አእርክቲሁ ፡ ወአግዋሪሁ ፡ ወይቤሎሙ ፡ ተፈሥሑ ፡ ሊተ ፡ እስ
መ ፡ ረከብኩ ፡ በግዕትየ ፡ እንተ ፡ ተገድፈተኒ ። ዓዲ ፡ ትመስል ፡ ብ
እሲተ ፡ ዘባቲ ፡ ዒሥሩ ፡ ጠፋልሐ ፡ አግሙስ ፡ ወሶበ ፡ ተገድፈታ ፡
አሐቲ ፡ እምኔሆን ፡ አኮኑ ፡ ተኀሥሥ ፡ አስተሓሚማ ፡ እስከ ፡ ትረክ
ባ ፡ ወሶበ ፡ ረከበታ ፡ ትጼውዕ ፡ አዕርክቲሃ ፡ ወአግዋሪሃ ፡ ወትቤሎ
ሙ ፡ ተፈሥሑ ፡ ሊተ ፡ እስመ ፡ ረከብኩ ፡ ገመስየ ፡ እንተ ፡ ተገድፈ
ተኒ ። አኮ ፡ በምድር ፡ ባሕቲቱ ፡ ዝንቱ ፡ ፍሥሓ ፡ አላ ፡ በሰማያትኒ ፡
በእንተ ፡ ተፈልጠቱ ፡ ለዝንቱ ፡ ወልደ ፡ ንጉሥ ፡ እማኅበረ ፡ ዐላው
ያን ፡ ወተደምሮቱ ፡ ምስለ ፡ ማኅበረ ፡ ምእመናን ። ወበዘከመዝ ፡ ግ
ብር ፡ ፈጸሙ ፡ ሰቡአ ፡ መዋዕለ ፡ እንዘ ፡ ይትፌሥሑ ፡ ወይትሐሠዩ ፡

(Margin: 120, *v*, *b.* at line beginning "ቲ ። ወከነት"; 121, *r*, *a.* at line beginning "በእንተ ፡ ተፈልጠቱ")

ይእቲሰ ፡ ንግሥት ፡ ሰብለ ፡ ወንጌል ፡ ኢወሰነት ፡ መዋዕለ ፡ ለፍሥሓ
ሃ ፡ አላ ፡ ነበረት ፡ ኵሎ ፡ መዋዕለ ፡ ሕይወታ ፡ እንዘ ፡ ትትፌሣሕ ፡
ወትትሐሠይ ፡ ወተአኰቶ ፡ ለእግዚአብሔር ። ወእምዝ ፡ ፈነወት ፡ ሐ
ዋርያተ ፡ ኀበ ፡ ወልዳ ፡ ዐቢየ ፡ ሥልጣን ፡ ገላውዴዎስ ፡ ከመ ፡ ያብ
ስርዎ ፡ ተመይጦተ ፡ እኁሁ ፡ እምጼዋዌ ። ወሶበ ፡ በጽሑ ፡ ሐዋርያተ ፡
ብስራት ፡ ኀቤሁ ፡ ወነገርዎ ፡ ተመይጦተ ፡ እኁሁ ፡ ተፈሥሐ ፡ ዐቢየ ፡
ፍሥሓ ፡ ወመሰሎ ፡ ዘተንሥአ ፡ እመቃብር ። እሙሰ ፡ ንግሥት ፡ በው
እቱ ፡ መዋዕል ፡ ገብረት ፡ ምክሬመ ፡ በዓይባ ፡ ለዝንቱ ፡ ማር ፡ ሚ
ናስ ። ተኣምረ ፡ ፀአቱ ፡ እምባሕር ፡ ወተመይጦቱ ፡ እምጼዋዌ ፡ ራብ
ዖሙ ፡ ውእቱ ፡ ለተኣምራት ፡ ዘጸሐፍናሆሙ ። እምድኅረ ፡ ኀለፈ ፡
ክረምት ፡ ዘውእቱ ፡ ዳግማይ ፡ ዓመት ፡ እምተመይጦቱ ፡ ተንሥአት ፡
እምዓይባ ፡ ወሖረት ፡ ሽሜ ፡ ወበህየ ፡ ገብረት ፡ ምክሬመ ። ወበሣል
ሳይ ፡ ዓመት ፡ ተንሥአት ፡ እምሽሜ ፡ ከመ ፡ ትትራከብ ፡ ምስለ ፡ ወ
ልዳ ፡ መፍቀሬ ፡ እሙ ፡ ከመ ፡ በጥሊሞስ ፡ ወአሜሃ ፡ ኮነ ፡ ህላዌሁ ፡
በምድረ ፡ ወጅ ። ወጊዜ ፡ በጺሖታ ፡ ፈነወ ፡ ዐበይተ ፡ መንግሥቱ ፡ 121, *r*, *b*.
ዘአፍአ ፡ ወውሥጥ ፡ ውእተ ፡ አሚረ ፡ ተቀበልዋ ፡ በዐቢይ ፡ ክብር ፡
ወአብእዋ ፡ ውስተ ፡ ጽርሐ ፡ ንጉሥ ፡ ምስለ ፡ ደቂቃ ፡ ወአዋልዲሃ ።
ወበውእቱ ፡ መዋዕል ፡ ንጉሥ ፡ ገላውዴዎስ ፡ ገብረ ፡ ዐቢየ ፡ ትፍሥ
ሕተ ፡ ምስለ ፡ ንግሥት ፡ እሙ ፡ ወአኀዊሁ ፡ ወአኃቲሁ ፡ አመተ ፡ ጊ
ዮርጊስ ፡ ወሰበነ ፡ ጊዮርጊስ ፡ ወበእንተ ፡ ተራክቦቱ ፡ እምድኅረ ፡ ተ
ፈልጠ ፡ ነዊኀ ፡ መዋዕለ ፡ ወፈድፋደሰ ፡ በእንተ ፡ ተመይጦተ ፡ እኁ
ሁ ፡ እምጼዋዌ ። ወእምድኅረ ፡ ጕንዱይ ፡ መዋዕል ፡ ኮነ ፡ ተሰናዕዎ ፡
ማእከለ ፡ ዝንቱ ፡ ንጉሥ ፡ ወአኀዊሁ ፡ ሠናይነ ፡ ምግባር ፡ ያዕቆብ ፡
ወሚናስ ፡ እስመ ፡ ሰሰለ ፡ ትሕዝብት ፡ እምኔሁ ፡ ከመ ፡ ኢየሐሊ ፡ ላ
እሌሆሙ ፡ እኩየ ፡ በእንተ ፡ ቅንዐተ ፡ መንግሥት ፡ ወኢይገብር ፡ በ
ሙ ፡ በከመ ፡ ገብሩ ፡ አበዊሁ ፡ በአኀዊሆሙ ፡ ዘከመ ፡ ሙቃሔ ፡ ወ
ግዕዘት ። ውእቶሙኒ ፡ ኢይሄልዩ ፡ ወኢይፍቅዱ ፡ ላእሌሁ ፡ እኩየ ፡
ከመ ፡ ሐልዮተ ፡ ኤሳው ፡ ላእለ ፡ ያዕቆብ ፡ እኁሁ ፡ አላ ፡ ይትሜነዩ ፡
ርትዐተ ፡ መንግሥቱ ፡ ወኑኀ ፡ ሕይወቱ ። ወበዘከመዝ ፡ ግብር ፡ ነበ
ሩ ፡ ጕንዱየ ፡ መዋዕለ ፡ አለዛቲ ፡ ተሰናዕዎ ፡ መንፈሳዊት ፡ ዘተብህ 121, *v*, *a*.
ለ ፡ በእንቲአሃ ፡ ናሁ ፡ ሠናይ ፡ ወናሁ ፡ አዳም ፡ ሶበ ፡ ይሄልው ፡ አኀ
ው ፡ ኅቡረ ። ወእምድኅረ ፡ ጕንዱይ ፡ ዓመታት ፡ እምተመይጦቱ ፡ አ

ግበረት ፡ ለ፦ቱ ፡ ተክሊለ ፡ ለማር ፡ ሚናስ ፡ ወለመጸምርቱሂ ፡ በከመ ፡
ሠርዐ ፡ መምህራኒ ፡ ቤተ ፡ ክርስቲያን ፡ ለመርዓዊ ፡ ወለመርዓት ፡ ከ
መ ፡ ይረስይዎሙ ፡ ፩አባለ ፡ በዝንቱ ፡ ጸሎት ። ወበውእቱ ፡ ጊዜ ፡ ከ
ነት ፡ ሢመተ ፡ ጵጵስና ፡ በእደ ፡ አቡነ ፡ ጴጥሮስ ፡ ዘተሰይመ ፡ እምድ
ኅረ ፡ አቡነ ፡ ዮሳብ ። ወበእንተ ፡ ዛቲ ፡ ጸሎት ፡ ጸንዐ ፡ ማዕሠረ ፡ ሰብሳ
ብ ፡ ማእከሌሆሙ ፡ በከመ ፡ ተብህለ ፡ ዘእግዚአብሔር ፡ አስተፃመረ ፡
ሰብእ ፡ ኢይፍልጥ ። ወከነ ፡ ውስቴቶሙ ፡ ዐቢይ ፡ ፍቅር ፡ በከመ ፡ ተብ
ህለ ፡ ወተጽሕፈ ፡ ለብእሲ ፡ ወብእሲት ፡ ውእቱኒ ፡ ይሔሊ ፡ በዘያሠም
ራ ፡ ላቲ ፡ በቃል ፡ ወበምግባር ፡ ወይእቲኒ ፡ ትትኤዘዝ ፡ ለ፦ቱ ፡ ከመ ፡
ሳራ ፡ ትትኤዘዞ ፡ ለአብርሃም ፡ ወእግዚእየ ፡ ትብሎ ። ወበእንተ ፡ ዛቲ ፡
ተሰናዕዎቶሙ ፡ ተጸገዉ ፡ እምእግዚአብሔር ፡ ደቂቀ ፡ ቡሩካነ ፡ ወአ
ዋልደ ፡ ሠናያተ ፡ በከመ ፡ ይቤ ፡ መጽሐፍ ፡ ትውልደ ፡ ጻድቃን ፡ ይት
ባረኩ ፡ ወፈድፋደሰ ፡ ይትዐወቅ ፡ ኂሩቶሙ ፡ ወትሩፋቲሆሙ ፡ በወል
ዶሙ ፡ በቋዒ ፡ ለአቡሁ ፡ ተአዛዚ ፡ ለእሙ ፡ ዜነዋ ፡ ያገኈዐኒ ፡ መን
ፈስ ፡ ለጽሒፈ ፡ ዜናሁ ። ወእምድኅረዝ ፡ ኅዳጥ ፡ ዘመን ፡ ኀሊፎ ፡ አ
ድምአ ፡ ማር ፡ ገላውዴዎስ ፡ ሞተ ፡ ሰማዕታት ፡ ክቡራን ፡ ወነሥአ ፡
አክሊለ ፡ ዘኢይማስን ፡ በከመ ፡ አቅደምነ ፡ ጽሒፈ ፡ ዜናሁ ። ወሶቤ
ሃ ፡ ፈነወ ፡ ክፍሎ ፡ ወልደ ፡ ኢዮኤል ፡ ላእካነ ፡ ኀበ ፡ እሙ ፡ ንግሥ
ት ፡ መሢሓዊት ፡ ከመ ፡ ያይድዕዋ ፡ ሞተ ፡ ወልዳ ፡ ወከመ ፡ ያንግሥ
ዎ ፡ ለማር ፡ ሚናስ ፡ እስመ ፡ አሜሃ ፡ ነበረ ፡ በርቱዕ ፡ ልብ ፡ ከመ ፡
ቀደሚ ፡ ወኢቦአ ፡ ውስተ ፡ ሕሊናሁ ፡ ጥውየት ። ወበጺሖ ፡ ላእክ ፡
ኀበ ፡ ሀለወት ፡ ንግሥት ፡ ነገረ ፡ በማእምራን ፡ እለ ፡ አባ ፡ ዝክሬ ፡
ውእቶሙኒ ፡ አይድኡ ፡ ለንግሥት ፡ ወለደቂቃ ፡ ሞተ ፡ ዝንቱ ፡ ማር ፡
ገላውዴዎስ ፡ መፍቀሬ ፡ ሰብእ ፡ ይምሀሮ ፡ ወይሠሀሎ ፡ እግዚአብሔ
ር ። ወሶቤሃ ፡ ከነ ፡ ዐቢይ ፡ ሰቆቃው ፡ ወብዙኅ ፡ ብካይ ፡ እስመ ፡ ኮኑ ፡
ያፈቅርዎ ፡ እማዕምቀ ፡ ልቦሙ ፡ በእንተ ፡ ብዝኀ ፡ ኂሩቱ ፡ ወአሠንዮ
ቱ ፡ ለኄራን ፡ ወለእኩያን ፡ ከመ ፡ ሠናይተ ፡ እግዚአብሔር ፡ ዘያሠር
ቅ ፡ ፀሓየ ፡ ወያዘንም ፡ ዝናመ ፡ ላእለ ፡ ኃጥኣን ፡ ወጻድቃን ፡ ወብካ
ዮሙኒ ፡ አኮ ፡ ብካይ ፡ አፍኣዊ ፡ ከመ ፡ ሞተ ፡ እግዚእ ፡ በፍርሀተ ፡
ተቀንዮ ፡ አላ ፡ ከመ ፡ ሞተ ፡ አብ ፡ መሓሪ ፡ ወብካየ ፡ ውሉድ ፡ ፍቁ
ራን ፡ ሶበሰ ፡ ቦሙ ፡ ልቡና ፡ እንስሳኒ ፡ እምበከዩ ፡ ርእዮሙ ፡ ውእተ ፡
ብካየ ፡ ዘአሜሃ ።

121, v, b.

ተረፈ፡ ዜና፡ ጼዋዌ፡ ሚጠት። ዝንቱ፡ አንቀጽ፡ ያየድዕ፡ ዜና፡
መንግሥቱ፡ ለማር፡ ሚናስ፡ በዓለ፡ ዝንቱ፡ ዜና፡ ወሣልሳይ፡ ክፍ
ል፡ ወዜና፡ ተናፍቆተ፡ መንግሥት። ወተዘርወ፡ ሡራዊት፡ በበነገ 122, *r*, *a*.
ዶሙ፡ ወበበሕዘቢሆሙ፡ እንዘ፡ ሀለወት፡ እሙ፡ በብዙኅ፡ ሰቆቃ
ው፡ ወአውያት፡ ጸውዕዎ፡ ለውእቱ፡ ወልደ፡ ንጉሥ፡ ከመ፡ ያንብ
ርዎ፡ ዲበ፡ መንበረ፡ እኁሁ፡ ውእቱሰ፡ ይጔጕዕ፡ ለተሰጥዎተ፡ ቃ
ሎሙ፡ ከመ፡ ጸሃቂ፡ ብእሲ፡ አላ፡ ይቤሎሙ፡ ኢይደልወኒ፡ እን
በር፡ ዲበ፡ ዛቲ፡ መንበር፡ ዐባይ፡ ወክብርት። ወበብዙኅ፡ አገብሮ፡
አንበርዎ፡ ላእለ፡ መንበረ፡ መንግሥት፡ ወሰመዩ፡ ስመ፡ መንግሥ
ቱ፡ አድማስ፡ ሰገድ፡ በከመ፡ ጸሐፍነ፡ እምቅድመዝ፡ ምስለ፡ ፍካ
ሬሁ፡ አላ፡ ዛቲ፡ ትሕትና፡ እንዘ፡ ይእቲ፡ መንበር፡ ዘአቡሁ፡ ልብነ፡
ድንግል፡ ወእኁሁ፡ ገላውዴዎስ፡ ይቤ፡ ኢይደልወኒ፡ ሊተ፡ መንበ
ረ፡ መንግሥት፡ እንበር፡ ባቲ። ወበአምሳለ፡ ዝንቱ፡ ይቤ፡ ጳውሎ
ስ፡ ብፁዓዊ፡ እንዘ፡ ይብል፡ ኢይደልወኒ፡ ሊተ፡ ተሰመይኩ፡ ሐዋ
ርያሁ፡ ለክርስቶስ፡ እምድኅረ፡ ጸውዖ፡ መንፈስ፡ ቅዱስ፡ እንዘ፡ ይብ
ል፡ ፍልጥዎሙ፡ ሊተ፡ ለሳውል፡ ወለበርናባስ፡ ከመ፡ ይኩኑኒ፡ ሊ
ተ፡ ለመልእክተ፡ አሕዛብ፡ እስመ፡ ብዝኀ፡ ትሕትና፡ አገበረቶ፡ ከ
መ፡ ይንብብ፡ ቃለ፡ ሕፀፅ፡ በእንተ፡ ርእሱ። ወወርኀ፡ መንግሥቱኒ፡
ኮነ፡ ወርኀ፡ ሚያዝያ፡ ዘውእቱ፡ ጥንተ፡ መዋዕለ፡ ዓመተ፡ ዓለም፡
ወውእቱ፡ ቀዳሚ፡ አውራኂሆሙ፡ ለዕብራውያን፡ አመ፲ወ፩ለዝንቱ፡ 122, *r*, *b*.
ወርኅ። ወበውእቱ፡ ወርኅ፡ ብኡ፡ ዐበይተ፡ መንግሥት፡ ሐመልማ
ል፡ ክፍሎ፡ ተክለ፡ ሃይማኖት፡ ወልደ፡ ደገልሃን፡ ሮም፡ ሰገድ፡ ወካ
ልኣን፡ መኳንንት፡ ዐበይት፡ ዘኢዘከርናሆሙ፡ ውብዙኃን፡ ሠራዊት፡
እለ፡ አምሰጡ፡ እሞተ፡ ይእቲ፡ ዕለት፡ ዘዘከርናሃ፡ ወሶቤሃ፡ ተባህሉ፡
በአይቴ፡ ይሜኒ፡ ምክራም፡ ዘንጉሥ፡ ወአስተኀይሶሙ፡ ምክረ፡ ኀረ
ዩ፡ ምድረ፡ ቤገ፡ ምድር፡ ወደምብያ፡ ከመ፡ ይኩን፡ ምክራም፡ በሀ
የ። ወእምድኅረዝ፡ ተንሥአ፡ ንጉሥ፡ እመንግሥተ፡ ሰማያት፡ ዘይ
እቲ፡ መካነ፡ መንግሥቱ፡ እስመ፡ ሀልዎቶሙ፡ ኮነ፡ አሜሃ፡ ምድረ፡
ጐገም፡ ወእሙሂ፡ ሐረት፡ ምስሌሆሙ፡ ወኢተፈልጠት፡ እምኔሁ፡
ከመ፡ ታስተጸንዕ፡ ሎቱ፡ ሕገ፡ መንግሥት፡ ወኵሉ፡ ዓለም፡ ተለዎ፡
ድኅሬሁ፡ ዘእንበለ፡ ሐመልማል፡ ዘተርፈ፡ ለፀቢአ፡ ኑር፡ ፀር፡ ከዊኖ፡
ደጅ፡ አዝማች፡ እኒዞ፡ እምዐባዊ፡ እስከ፡ ኅበ፡ በፅሐ፡ ሥልጣኑ፡ ወ

እንበለ ፡ እኅቱ ፡ ባሕቲታ ፡ ሠናይተ ፡ ዝክር ፡ ወውድስተ ፡ ምግባር ፡ አ
መተ ፡ ጊዮርጊስ ፡ ዘከረመት ፡ በመርጡለ ፡ ማርያም ። ወእምድኅረዝ ፡
122, *v*, *a*. አንጸረ ፡ ገጸ ፡ መንገለ ፡ ፍኖተ ፡ በድ ፡ ወበጺሖ ፡ ደምብያ ፡ ገብረ ፡
ምክራመ ፡ በጸዳ ። በመዋዕለ ፡ ክረምት ፡ ኮነ ፡ ፍሥሓ ፡ ወሐሤት ፡ ተ
ድላ ፡ ወፍግዓ ። ውእቱ ፡ እምአመ ፡ ነበረ ፡ በዛቲ ፡ መንበር ፡ መሢ
ሓዊት ፡ ወጠነ ፡ ሕገ ፡ ወሥርዓተ ፡ መንግሥት ፡ ዐበይተ ፡ መንግሥ
ትኒ ፡ እለ ፡ ከመ ፡ ክፍሎ ፡ ወካልአኒሁ ፡ ወጠኑ ፡ ሐሜተ ፡ ወነጐርጓ
ረ ፡ ወሁከተ ፡ በኅቡእ ፡ እስከ ፡ ያግህዱ ፡ በምግባር ። ወእምድኅረ ፡ ኀ
ለፈ ፡ ክረምት ፡ ፈነወ ፡ ላእካነ ፡ ወአስተጋብአ ፡ ሠራዊተ ፡ ፀብዕ ፡ እ
ምኵሉ ፡ አህጉረ ፡ መንግሥቱ ፡ ኀበ ፡ ይስሐቅኒ ፡ ለአከ ፡ እንዘ ፡ ይብ
ል ፡ አስተጋቢአከ ፡ ሠራዊተ ፡ ፀብዕ ፡ አፍጥን ፡ መጺአ ፡ ከመ ፡ ንዕ
ብዖ ፡ ለፈላሻ ። ወእምዝ ፡ አስተጋቢኦ ፡ ፀባኢተ ፡ ሖረ ፡ ሰሜን ፡ ም
ስለ ፡ ይስሐቅኒ ፡ ተራከበ ፡ በህየ ፡ ወተፃብአ ፡ ኅዳጠ ፡ መዋዕለ ፡ ወእ
ንዘ ፡ ሀሎ ፡ ጥቡአ ፡ ለፀቢኦቱ ፡ ተንሥኡ ፡ ማእምራን ፡ ወመከሩ ፡ እ
ንዘ ፡ ይብሉ ፡ ንኅድግ ፡ ፀቢኦተ ፡ ፈላሻ ፡ እስመ ፡ ኢበፅሐ ፡ ጊዜሁ ።
ወበዛቲ ፡ ምክር ፡ ተመይጡ ፡ ደምብያ ፡ ወከረመ ፡ በእንፍራዝ ። ወበይ
እቲ ፡ ዳግሚት ፡ ዓመተ ፡ መንግሥቱ ፡ ተንሥአ ፡ ፩ፀራዊ ፡ መስተመ
ይን ፡ ዘስሙ ፡ በለው ፡ ረዓድ ፡ ወመከረ ፡ ምክረ ፡ እኩየ ፡ ሰይጣናዌ ፡
እንዘ ፡ ይብል ፡ አቅትሎ ፡ ለዝንቱ ፡ ንጉሥ ። ወዘንተ ፡ ዘይቤ ፡ አኮ ፡
ዘአኅሰመ ፡ ላእሌሁ ፡ አላ ፡ እስመ ፡ አገበሮ ፡ ሰይጣን ፡ ከመ ፡ ይሁዳ ፡
ዘአግብአ ፡ ለእግዚኡ ፡ ወመጠዎ ፡ ለእለ ፡ ይቀትልዎ ፡ እምድኅረ ፡ ጸገ
122, *v*, *b*. ዎ ፡ ሀብታተ ፡ ብዙኀ ፡ አምላካውያተ ፡ በከመ ፡ አውዕአ ፡ አጋንንተ ፡
ወአንጽሖ ፡ እለ ፡ ለምጽ ። ኵሉ ፡ መጠኑ ፡ ለዝንቱ ፡ ብእሲ ፡ እኩይ ፡
ይመስል ፡ ቀታሌ ፡ እግዚኡ ፡ ወመምህሩ ፡ ዘአፍቀሮ ፡ ወአሠነየ ፡ ሎ
ቱ ። እምድኅረ ፡ ዝንቱሰ ፡ ናየድዕ ፡ ዜና ፡ እከያቲሁ ። ወአሐቲ ፡ ሌሊ
ት ፡ እምለያልይ ፡ እንዘ ፡ ይነውም ፡ ዝንቱ ፡ ንጉሥ ፡ ውስተ ፡ ምስ
ካቡ ፡ ምስለ ፡ ሥጋ ፡ እምሥጋሁ ፡ ቦአ ፡ ግብተ ፡ ምስለ ፡ ገብሩ ፡ እ
ኩይ ፡ ዘይመስሎ ፡ ውሣጤ ፡ ድንኳን ፡ ወረከበ ፡ ማኅቶተ ፡ እንዘ ፡ ያ
ሐቱ ፡ ወ፪አግብርት ፡ ንዉማን ፡ በውሳጤ ፡ ድንኳን ፡ እምለፌ ፡ ወእ
ምለፌ ፡ ዓዲ ፡ አስተሓየጸ ፡ በሕቁ ፡ ኀበ ፡ ይሰክቡ ፡ ንጉሥ ፡ ወንግ
ሥት ፡ ወጠየቆ ፡ ጽኑዓ ፡ ጥያቄ ፡ አጥፍአ ፡ ማኅቶተ ፡ ከመ ፡ ኢያእም
ርዎ ፡ መኑ ፡ ውእቱ ፡ ወእምዝ ፡ አጽንዐ ፡ እዴሁ ፡ ወአውረደ ፡ ኩናት

ተ ፡ ላእለ ፡ መሢሐ ፡ እግዚአብሔር ። ወሶቤሃ ፡ መጽአት ፡ ኀይል ፡
እምላከዊት ፡ ወረሰዮ ፡ ለኵናት ፡ ይደቅ ፡ ማእከለ ፡ ፪ሆሙ ፡ ላእለ ፡
መንጸፍ ፡ ውእቱሰ ፡ ፈጸመ ፡ ቀቲሎቶ ፡ በልቡ ፡ ወበእዴሁ ፡ ሶበ ፡ አከ ፡
ምስሌሁ ፡ እግዚአብሔር ፡ ዘአድኀኖ ፡ ለዳዊት ፡ ገብሩ ፡ እምኵናት ፡
ጐልያድ ። ዝንቱ ፡ ግብር ፡ ይመስል ፡ ጥበዐተ ፡ ልቡ ፡ ለአብርሃም ፡
ወአንብሮቱ ፡ መጥባሕተ ፡ ላእለ ፡ ክሣደ ፡ ይስሐቅ ፡ ወልዱ ፡ ዋሕድ ፡
ሶበሰ ፡ ኢኀደጎ ፡ እግዚአብሔር ፡ በትእዛዙ ፡ ወኢቤዘዎ ፡ በበግዑ ፡
እምሣዖ ፡ ወእምጠብሖ ፡ መላይልዮ ፡ ከመ ፡ ልማደ ፡ መሥዋዕት ። ወ
ባሕቱ ፡ ሡዊአተ ፡ ዝንቱ ፡ አብ ፡ ዋሕድ ፡ ኮነ ፡ በትእዛዘ ፡ አምላክ ፡ 123, *r*, *a.*
ወአከ ፡ በአምሳለ ፡ ዝንቱ ፡ ተሀበሊ ፡ ዘፈቀደ ፡ ቀቲለ ፡ ንጉሥ ፡ መሢ
ሓዊ ፡ በምክረ ፡ አቡሁ ፡ ሰይጣን ፡ በከመ ፡ ይቤሎሙ ፡ እግዚእነ ፡ ለ
አይሁድ ፡ አንትሙሰ ፡ እምአቡክሙ ፡ ሰይጣን ፡ አንትሙ ፡ ወፍትወ
ቶ ፡ ለአቡክሙ ፡ ትፈቅዱ ፡ ትግበሩ ። ኢንኀድግ ፡ ዜንዎተ ፡ ፍጻሜ ፡
ግብሩ ፡ ለበለው ፡ ረዓድ ፡ ወልደ ፡ ሰይጣን ፡ ገቢአነ ፡ ኀበ ፡ ምሳሌ ።
ወሶበ ፡ ወድቀ ፡ ኵናት ፡ ማእከለ ፡ ፪ሆሙ ፡ ተንሥአ ፡ ንጉሥ ፡ እም
ስካቡ ፡ እንዘ ፡ ይጥሀር ፡ ከመ ፡ አንበሳ ፡ ወያዘምር ፡ በስመ ፡ አቡሁ ፡
ወከዕበ ፡ ደገመ ፡ ረጊዞቶ ፡ በኵናት ፡ ወከልአቶ ፡ ኀይለ ፡ እግዚአብሔ
ር ፡ ከመ ፡ ቀዳሚ ፡ ወረሰዮ ፡ ከመ ፡ ይደቅ ፡ ኵናት ፡ ላእለ ፡ በርኖ
ስ ፡ ዘሀሎ ፡ ኀበ ፡ ትርዓሱ ። ውእቱሰ ፡ ገብር ፡ እምነ ፡ ፪አግብርት ፡ ዘ
ይሰክቡ ፡ ውስተ ፡ ድንኳን ፡ ፩ቀተለ ፡ ወ፩ረገዘ ። ሶበኒ ፡ ፈቀደ ፡ እኂ
ዞቶ ፡ ነሢአ ፡ ሰይፈ ፡ እምትርአሱ ፡ ጐየ ፡ ወወፅአ ፡ እምድንኳን ፡ ገ
ብሩኒ ፡ ወፅአ ፡ ድኅሬሁ ፡ ወፍኖቶሙሰ ፡ ኮነ ፡ ዘዘዚአሁ ፡ በለው ፡ ረ
ዓድ ፡ ሖረ ፡ እንተ ፡ ኀበ ፡ ሀብናት ፡ ወገብሩኒ ፡ ሖረ ፡ እንተ ፡ መንገ
ለ ፡ ፀምዓ ፡ ወ፪ተእኀዙ ፡ ፩በትእምርተ ፡ ሰይፉ ፡ ወ፩በትእምርተ ፡ መ
ልክዑ ፡ ወአብጽሕዎሙ ፡ ኀበ ፡ ከተማ ፡ ንጉሥ ፡ ወይእተ ፡ ጊዜ ፡ በ
ጽድቀ ፡ ፍትሖሙ ፡ ለፈታሕያን ፡ ለ፩ሰቀልዎ ፡ ወለ፩ወገርዎ ፡ በአእባ
ን ። ወአሜሃ ፡ ተሰብሐ ፡ ኀይለ ፡ እግዚአብሔር ፡ በአፈ ፡ ኵሉ ፡ ሰብ 123, *r*, *b.*
እ ፡ ወተብህለ ፡ ስቡሕ ፡ እግዚአብሔር ፡ ዘቀተሎ ፡ ለዘተመሐለ ፡ ላእለ ፡
መሢሐ ፡ እግዚአብሔር ። ወበይእቲ ፡ ዘሐለፈት ፡ እንተ ፡ ይእቲ ፡ ዕ
ለተ ፡ ድኅነቱ ፡ ለንጉሥ ፡ ተባሀሉ ፡ ማእምራን ፡ ሰብእ ፡ ይእዜ ፡ አድ
ኀኖ ፡ እግዚአብሔር ፡ ለመሢሐ ፡ በኀይለ ፡ አድኅኖተ ፡ የማኑ ። ወእ
ምድኅረ ፡ ሕቀ ፡ ጸኒሆ ፡ ተንሥአ ፡ እምክራሙ ፡ ወአንጸረ ፡ ገጸ ፡ መ

ንገለ ፡ ወርወር ። ወአሜሃ ፡ ተርፈ ፡ ይስሐቅ ፡ በምክንያተ ፡ ሕማም ፡
ወከፈሎን ፡ በእንተ ፡ አገብሮ ፡ መርዓ ፡ ለወለትየ ፡ ብሂሎ ፡ ዝንቱ ፡
ዡሉ ፡ ምክንያተ ፡ ተሪሮቶሙ ፡ ከመ ፡ ያንግሥዎ ፡ ለወልደ ፡ እኍሁ ፡
ተዝከሮ ፡ እስመ ፡ ከረሙ ፡ እንዘ ፡ ያስተፃንዑ ፡ ዘንተ ፡ ምክረ ፡ ዕል
ወት ፡ ምስለ ፡ ዴገና ፡ ፫ሆሙ ፡ ወባሕቱ ፡ ኢኀብረ ፡ እግዚአብሔር ፡
ምስሌሆሙ ፡ ወሐለዩ ፡ ምክረ ፡ እንተ ፡ ኢይክሉ ፡ አቅሞ ። ወሶበ ፡ ቦ
አ ፡ ትሕዝብት ፡ ውስተ ፡ ልበ ፡ ንጉሥ ፡ መሢሓዊ ፡ ለአከ ፡ ኀበ ፡ ይ
ስሐቅ ፡ ምዕረ ፡ ወካዕበ ፡ እንዘ ፡ ይብል ፡ ብጻሕ ፡ ፍጡነ ፡ ኀበ ፡ ሀሎነ ፡
ወኢታመክኒ ፡ በደዌ ። ወአሆ ፡ ብሂሎ ፡ ሖረ ፡ ምስለ ፡ ላእኩ ፡ ወበጺ
ሐ ፡ ፍኖተ ፡ እንተ ፡ ትወስድ ፡ ላእለ ፡ ወታሕተ ፡ ይቤሎ ፡ ለላእክ ፡
አንተ ፡ ሑር ፡ ኀበ ፡ ሐጼጌ ፡ ወንግር ፡ ምጽአትየ ፡ በላእላይ ፡ ፍኖት ፡
123, v, a. ወአነ ፡ አሐውር ፡ በፍኖት ፡ ታሕታይ ፡ ከመ ፡ ኢይርኀቡ ፡ ወዓልያንየ ፡
እስመ ፡ ሀሎ ፡ እክል ፡ በውስተዝ ፡ ፍኖት ። ወእምዝ ፡ ሖረ ፡ ላእክ ፡
ፍኖቶ ፡ ውእቱኒ ፡ ሖረ ፡ እንተ ፡ ካልእት ፡ ፍኖት ፡ ወአተወ ፡ ብሔ
ሮ ፡ ወተራከበ ፡ ምስለ ፡ አዝማድ ፡ ወምስለ ፡ ደቂቁ ፡ ወወዓልያኒሁ ።
ክፍሎኒ ፡ ወወዓልያኒሁ ፡ አንገሡ ፡ ተዝከሮሃ ፡ በከመ ፡ መከሩ ፡ ቀዳ
ሚ ፡ ወሶበ ፡ ሰምዐ ፡ ንጉሥ ፡ ዜና ፡ እሉ ፡ ዐላውያን ፡ ኢፈቀደ ፡ ይ
ዕብአ ፡ ለመንግሥተ ፡ ዐላዊ ፡ አላ ፡ ጐጕዐ ፡ ከመ ፡ ይዕብዮ ፡ ለይስ
ሐቅ ፡ ዐላዊ ፡ መሰረታ ፡ ለሕንፃ ፡ እኪት ። ወእምዝ ፡ ፈነዎ ፡ ለዘርአ ፡
ዮሐንስ ፡ ምስለ ፡ ሠራዊተ ፡ ፀብዕ ፡ ውእቱኒ ፡ ተለዎ ፡ ድኅሬሁ ፡ ይስ
ሐቅሰ ፡ ፈቀደ ፡ ይዕብዮ ፡ ለዘርአ ፡ ዮሐንስ ፡ እስመ ፡ መሰሎ ፡ ዘሀሎ ፡
ባሕቲቱ ፡ ወዘኢተለዎ ፡ አንበሳ ፡ ግሩም ፡ ዘእምነገደ ፡ ይሁዳ ፡ እም
ነ ፡ ሥርው ፡ ለዳዊት ፡ ወሶበ ፡ ሰምዐ ፡ ምጽአተ ፡ ንጉሥ ፡ ጐየ ፡ መ
ንገለ ፡ ሲሬ ፡ ወንጉሥኒ ፡ ተለዎ ፡ በአሰሩ ፡ ወረከቦ ፡ በምድረ ፡ አድ
ያቦ ። ወሶበ ፡ በፅሐ ፡ ዕለተ ፡ ሐሣሩ ፡ ለይስሐቅ ፡ አግዘፈ ፡ ልቦ ፡ ወ
ተፃብአ ፡ ምስለ ፡ መሢሐ ፡ እግዚአብሔር ፡ ወሶቤሃ ፡ ኮነ ፡ መዊዕ ፡
ለንጉሥ ፡ ወተሞአ ፡ ዐላዊ ፡ ወተቀትለ ፡ ወልዱ ፡ ወእምወዓልያኒሁ ፡
ቦዘተቀትሉ ፡ ወቦ ፡ ዘተድህሉ ፡ ኀዲጎሙ ፡ አፍራሲሆሙ ፡ ወአብቅል
ቲሆሙ ፡ ወቦ ፡ እለ ፡ ቦኡ ፡ በፈቃዶሙ ። ውእቱሰ ፡ አምሠጠ ፡ በዕፁ
ብ ፡ ገዲፎ ፡ ጌራ ፡ ሐፂን ፡ እምርእሱ ፡ ለወልደ ፡ እኍሁኒ ፡ አግብአ ፡
123, v, b. በሳኒታ ፡ አውሪዶ ፡ እምደብር ፡ ዘተሐፀነ ፡ ባቲ ። ወእምብዝኀ ፡ ርኅራ
ኄ ፡ ዘስይምት ፡ ውስተ ፡ ልበ ፡ ነገሥተ ፡ ፳ኤል ፡ ኢያኅሠመ ፡ ላእሌ

ሁ ፡ ተዘከሮ ፡ ኀጢአተ ፡ አበዊሁ ፡ ወኀጢአተ ፡ ርእሱ ፡ ዘተሀበለ ፡
ላእለ ፡ ቀቲሎቱ ፡ አላ ፡ ኀደገ ፡ አበሳሁ ፡ ወተሠሃሎ ። አኰቴት ፡ ለእ
ግዚአብሔር ፡ ዘይሁቦሙ ፡ ኀይለ ፡ ለነገሥትነ ፡ ወያሌዕል ፡ ቀርነ ፡ መ
ሢሐ ። ወእምዝ ፡ አስተናሥኦ ፡ ኀይለ ፡ እግዚአብሔር ፡ ከመ ፡ ይፈ
ጽም ፡ ሎቱ ፡ ኀይለ ፡ ፀብዕ ፡ ዘወጠነ ፡ ሎቱ ፡ ወሜጠ ፡ ገጾ ፡ መንገለ ፡
ፍኖት ፡ ዘመጽአ ፡ ቦቱ ፡ ወዴገኖ ፡ ለይስሐቅ ፡ በጕጕዓ ፡ ለዐቢአ ፡
ዐሩ ፡ ዘዘከርነ ፡ ወበጺሖቱሰ ፡ ቤገ ፡ ምድር ፡ በሐምሌ ፡ በሀየኒ ፡ ኢያ
ዕረፈ ፡ እስመ ፡ ሆከ ፡ ሥልጣነ ፡ እግዚአብሔር ፡ ለፍጻሜ ፡ ግብር ፡
ዘይከውን ፡ በእደዊሁ ። እሉሰ ፡ ሶበ ፡ ሰምዑ ፡ ምጽአቶ ፡ አግዘፉ ፡ ል
ቦሙ ፡ ወአንበሩ ፡ ውስተ ፡ ሰማይ ፡ አፉሆሙ ፡ በዘይነብቡ ፡ ቃለ ፡ ጽ
ርፈት ፡ ውእቱሰ ፡ መሢሓዊ ፡ በጺሖ ፡ ኀቤሆሙ ፡ ተዐገሠ ፡ ገቢረ ፡
ፀብዕ ፡ ወፈቀደ ፡ ይቢት ፡ ዐላውያንሰ ፡ ይቤሉ ፡ ኢናበውሆ ፡ ይቢት ፡
አላ ፡ ንጹብዖ ፡ በምሴት ። ወዘንተ ፡ ዘይቤሉ ፡ እስመ ፡ አስተጋብኡ ፡
ብዙኃነ ፡ አፍራሰ ፡ እምለፌ ፡ ወእምለፌ ፡ በውእቱ ፡ ጊዜ ፡ አፍርን
ጅኒ ፡ ኅብሩ ፡ ምስሌሆሙ ፡ በእንተዝ ፡ አኀዘሙ ፡ ትዕቢት ፡ ወሠር
ዑ ፡ ሰልፈ ፡ ከመ ፡ ይዕብዕዎ ፡ ለንጉሥ ፡ ዘሀሎ ፡ ረድኤት ፡ እግዚአ
ብሔር ። ምክንያተ ፡ ጐጕዮቶሙሰ ፡ በይእቲ ፡ ሌሊት ፡ ለመኑኬ ፡ ያ
ሰትይዋ ፡ ለዛቲ ፡ ጽዋዐ ፡ መዓት ፡ ዘተቀድሐት ፡ በእንቲአሆሙ ፡ እ
መአከሰ ፡ እምግብሩ ፡ ጸሎተ ፡ በፍርሃት ፡ ወበድንጋጼ ፡ እንዘ ፡ ይብ
ሉ ፡ እግዚኦ ፡ አኅልፉ ፡ እምኔየ ፡ ለዛቲ ፡ ጽዋዕ ፡ እምይጐጕዑ ፡ ለ 124 *r, a.*
ሰትዮታ ፡ ከመ ፡ ይጌጕዕ ፡ ጽሙዕ ፡ ለሰትየ ፡ ማይ ። ወሶበ ፡ መጽእ
ዎ ፡ ውእቱኒ ፡ ሠርዐ ፡ ሰልፈ ፡ እንዘ ፡ ይትአመን ፡ በእግዚአብሔር ፡
ውእቶሙሰ ፡ መጽኡ ፡ እንዘ ፡ ይትአመኑ ፡ በአፍራሲሆሙ ፡ ወበፀብ
አ ፡ አፍርንጅ ። ወሶበ ፡ ተፃብኡ ፡ ሞአ ፡ ዝንቱ ፡ ንጉሥ ፡ ተአማኒ ፡
በእግዚአብሔር ፡ ወወድቁ ፡ ብዙኃን ፡ እምሠራዊተ ፡ ዝንቱ ፡ ሠሩ
ቄ ፡ መንግሥት ፡ ውእቱሰ ፡ ወዮሐንስ ፡ ወልደ ፡ ወይዘሮ ፡ ሮማነ ፡ ወ
ርቅ ፡ ወክፍሎ ፡ ተድህሉ ፡ ኅቡረ ። ወሶበ ፡ አዕአቅዎሙ ፡ እለ ፡ ይዴ
ግኑ ፡ ወረዶሙ ፡ እምአፍራሲሆሙ ፡ ተግኅሡ ፡ እምፍኖት ፡ ወተኀብ
ኡ ፡ በበዱ ፡ ታሕተ ፡ እግረ ፡ ንዑስ ፡ ዕፅ ። ለክፍሎሰ ፡ ተሰውጠ ፡ ው
ስተ ፡ ልቡ ፡ መንፈሰ ፡ ድንጋጼ ፡ አምሳለ ፡ ቃየል ፡ እስመ ፡ ይብል ፡
እመኒ ፡ ተእኅዝክሙ ፡ ኢየኀስሙ ፡ ላእሌክሙ ፡ ሊተሰ ፡ ሶበ ፡ ይእኅዙ
ኒ ፡ እምጠብሑ ፡ ሥጋየ ፡ በበመለያልይ ። ወዘንተ ፡ ብሂሎ ፡ ተፈልጠ ፡

እምኔሆሙ ፡ ወሖረ ፡ ባሕቲቱ ፡ ባሕቱ ፡ ኢተዐውቀ ፡ ኀበ ፡ ሖረ ፡ እ
መኒ ፡ ወድቀ ፡ ውስተ ፡ ፀድፍ ፡ ወእመኒ ፡ ቀተሎ ፡ ዘያፈቅሮ ፡ ንጉ
ሥ ፡ እግዚአብሔር ፡ ያአምር ። ወካልኣንሰ ፡ ሠራዊተ ፡ ፀብዕ ፡ እለ ፡
አምሰጡ ፡ እሞተ ፡ ዛቲ ፡ ዕለት ፡ ሖሩ ፡ ፍናዋተ ፡ ዘዘዚአሁ ፡ እለ ፡ ዮ
ሐንስኒ ፡ ወተዝካሮ ፡ ተእኅዘ ፡ በሳኒታ ፡ ዕለት ፡ ወአብዕሕዎሙ ፡ ኀበ ፡
ዝንጉሥ ፡ ውእቱሰ ፡ ኢፈደዮሙ ፡ በከመ ፡ እከዮሙ ፡ አላ ፡ ተዐገሦ
ሙ ፡ ወአእኰቶ ፡ ለእግዚአብሔር ፡ መዊአ ፡ ሳእለ ፡ አፅራሪሁ ። ዝን
124, r, b. ቱ ፡ ኵሉ ፡ ኮነ ፡ በሣልሳይ ፡ ዓመተ ፡ መንግሥቱ ፡ ለንጉሥ ፡ ሚናስ ፡
አብ ፡ ለእኅለ ፡ ማውታ ፡ ወመኰንኖን ፡ ለዕቤራት ፡ ስብሐት ፡ ለእግዚ
አብሔር ፡ ዘይፈትሕ ፡ ለግፉዓን ፡ እምገፋዕያን ። ወዝ ፡ ኮነ ፡ አመ፲ወ፬ለ
ሐምሌ ፡ በዕለተ ፡ ሐሙስ ። ወእምዝ ፡ ገብረ ፡ ምክሬመ ፡ በጉባኤ ፡
ወእምድኅረ ፡ ኀለፈ ፡ ክረምት ፡ ቦአ ፡ ሰይጣን ፡ ውስተ ፡ ልበ ፡ ይስ
ሐቅ ፡ ወረሰዮ ፡ ይግበር ፡ ሰላመ ፡ ምስለ ፡ ባሻ ፡ እስድሙር ፡ ቀታሌ ፡
እኁሁ ፡ ወገብሩ ፡ ፍቅረ ፡ በኪዳን ፡ ወመሐላ ፡ ከመ ፡ ይኩኑ ፡ ፩ደ ፡
ለሞት ፡ ወለሕይወት ። ወበውእቱ ፡ መዋዕል ፡ አንገሠ ፡ ማርቆስሃ ፡ ሕ
ፃነ ፡ ንዑሰ ፡ ወልደ ፡ ማር ፡ ያዕቆብ ፡ እኁሁ ፡ ለዝንቱ ፡ ንጉሥ ። ወ
ሰሚዖ ፡ ንጉሥ ፡ ዘንተ ፡ ተምዐ ፡ ጥቀ ፡ ወአዘዘ ፡ ይትጋብኡ ፡ ኵሉ ፡
ሐራ ፡ ዘለፌ ፡ ወለፌ ፡ ወሶቤሃ ፡ አርትዑ ፡ ሐዊረ ፡ መንገለ ፡ ትግሬ ፡
ሶበኒ ፡ መከሩ ፡ ዐበይት ፡ ወይቤሉ ፡ ኢርቱዕ ፡ ለነ ፡ ተጻብዖ ፡ ምስለ ፡
ነፍጥ ፡ ወመድፍ ፡ እስመ ፡ ድኩም ፡ ንዋየ ፡ ሐቅልነ ፡ ወኢንክል ፡ ተ
ቃውሞ ፡ ምስለ ፡ እሳት ። ወዘንተ ፡ ሰሚዖ ፡ አውሥአሙ ፡ በቃለ ፡ ቍ
ጥዓ ፡ እስከ ፡ አርመሙ ፡ ወኅደጉ ፡ ተናግሮቶ ። ወሰሚዖ ፡ ይስሐቅ ፡
ምጽአቶ ፡ መጽአ ፡ ምስለ ፡ ባሻ ፡ እስድሙር ፡ እምአክሱም ፡ መንገ
ለ ፡ ዕደ ፡ መኰንን ፡ ወተራከቡ ፡ በምድረ ፡ እንደርታ ። ዝንቱሰ ፡ ንጉ
ሥ ፡ ተአማኒ ፡ በእግዚአብሔር ፡ ዘይስእር ፡ ትምይንቶሙ ፡ ለጣቢ
ን ፡ ወያደክም ፡ ኀይሎሙ ፡ ለጽኑዓን ፡ ኮነ ፡ ይብል ፡ እመኒ ፡ ሞትኩ ፡
ረባሕ ፡ ሊተ ፡ ሞትየ ፡ በክርስቶስ ፡ ወእመኒ ፡ ሐየውኩ ፡ ኮነ ፡ ሕይወ
124, v, a. ትየ ፡ በክርስቶስ ። ወምስለ ፡ ዝኒ ፡ ሃይማኖቱ ፡ ገብረ ፡ ሰልፈ ፡ ባሕቱ ፡
ኮነ ፡ መዊዕ ፡ ለእስድሙር ፡ በይእቲ ፡ ዕለት ፡ እስመ ፡ ልማዶሙ ፡ ለ
መስተቃትላን ፡ ቦጊዜ ፡ አመ ፡ ይመውኡ ፡ ወቦ ፡ አመ ፡ ይትመውኡ ፡
ዘኢይትመወዕሰ ፡ እግዚአብሔር ፡ ባሕቲቱ ፡ ዘመንግሥቱ ፡ ዘለዓለም ፡
ወምኵናኑኒ ፡ ለትውልደ ፡ ትውልድ ። ወምስለ ፡ ዝኒ ፡ ኢበዕሐት ፡ ዕ

ለተ ፡ ልደቱ ፡ ለይስሐቅ ፡ ዘይትፌደይ ፡ ባቲ ፡ ሳብዕተ ፡ በቀለ ፡ በእ
ደ ፡ ወልዱ ፡ በቋሚ ፡ ማር ፡ ሡርዐ ፡ ድንግል ፡ ዘተብህለ ፡ በእንቲአሁ ፡
እመኒ ፡ ሞተ ፡ አቡሁ ፡ ከመ ፡ ዘኢሞተ ፡ እስመ ፡ ኀደገ ፡ ዘከማሁ ፡
በድኅሬሁ ። በይእቲ ፡ ዕለት ፡ ኢተሐጕለ ፡ እምዐበይቱ ፡ እሙራን ፡
ዘእንበለ ፡ ፫ዕደው ፡ ለይስሐቅሰ ፡ ጸንሐቶ ፡ ትዕግሥቱ ፡ ለእግዚአብ
ሔር ፡ እመ ፡ ይኔስሕ ፡ በከመ ፡ ተብህለ ፡ ውእቱሰ ፡ ኢያማስን ፡ መ
ነሂ ፡ እስከ ፡ ከመ ፡ ትኔስሑ ፡ ኵልክሙ ። ውእቱሰ ፡ ኢነስሐ ፡ አላ ፡
ወሰከ ፡ ግዘፈ ፡ በዲበ ፡ ግዘፍ ፡ ከመ ፡ ይትፌጸም ፡ ላእሌሁ ፡ ቃለ ፡
መጽሐፍ ፡ ዘይቤ ፡ አምጣነ ፡ ታጸንዕ ፡ ልበከ ፡ ወኢትኔስሕ ፡ ትዘግ
ብ ፡ ለከ ፡ መቅሠፍተ ። ዝንቱሰ ፡ መሢሓዊ ፡ ንጉሥ ፡ ኢኮነ ፡ ቅቡዐ ፡
ተስፋ ፡ ጊዜ ፡ ተመውዖቱ ፡ እስመ ፡ ያእምር ፡ ከመ ፡ መዊዕ ፡ በተባ
ርዮ ፡ ወገብረ ፡ ፍኖቶ ፡ እንተ ፡ ፍኖተ ፡ ወግ ፡ ወበጺሖ ፡ አትሮንሰ ፡
ማርያም ፡ ነበረ ፡ ኅዳጣ ፡ መዋዕለ ፡ ወበህየ ፡ ተጋብኡ ፡ መኳንንት ፡
እለ ፡ ሀለዉ ፡ በሸዋ ፡ ዘከመ ፡ ሐመልማል ፡ ወተክሎ ፡ ወሮም ፡ ሰገድ ፡
ወካልኣኒሆሙ ፡ እለ ፡ ተፈልጡ ፡ ሠራዊት ፡ በዕለተ ፡ ፀብዕ ፡ እንተ ፡
ፍኖተ ፡ አንጎት ፡ ወተራከቡ ፡ በህየ ። ዝኵሉ ፡ ዘኮነ ፡ በራብዕ ፡ ዓመ
ተ ፡ መንግሥቱ ። አሜሃ ፡ ገብረ ፡ ምክሮመ ፡ በዋላ ፡ መጨጥ ፡ ለሠ
ራዊት ፡ እለ ፡ ነበሩ ፡ ምስሌሁ ፡ ፈነዎሙ ፡ በበሕዘቢሆሙ ፡ ውስተ ፡ 124, *v*, *b*.
ብዙኅ ፡ አህጉራት ፡ ከመ ፡ ይክርሙ ፡ ወድኅረ ፡ ክረምት ፡ ይብጽሑ ፡
ኀቤሁ ፡ አዘዘ ። ወበዛቲሰ ፡ ወርኀ ፡ ክረምት ፡ ኢኀሠሠ ፡ ምንተ ፡ ዘእን
በለ ፡ ዘያስተዳሉ ፡ ንዋየ ፡ ሐቅል ፡ ለነሀብትኒ ፡ አስተጋብአሙ ፡ እም
ብዙኅ ፡ አህጉር ፡ ወከረመ ፡ እንዘ ፡ ያስተጌብሮሙ ፡ አስይፍተ ፡ ወኵ
ያንወ ፡ ወኵሎ ፡ ሥርዐተ ፡ አፍራስ ፡ ዘከመ ፡ ልጓም ፡ ወእርካብ ፡ እ
ለኒ ፡ ያአምሩ ፡ ገቢረ ፡ ነፍጥ ፡ ይትጌበሩ ፡ ዘእንበለ ፡ ዕረፍት ፡ ወበዘ
ከመዝ ፡ ግብር ፡ ፈጸመ ፡ ክረምተ ። ዝኵሉ ፡ ትጋሁ ፡ ለተፃብኦተ ፡
እስድሙር ፡ እስመ ፡ ኢያእመረ ፡ ከመ ፡ ኮነት ፡ ለወልዱ ፡ ዛቲ ፡ መ
ክፈልት ፡ ወከመ ፡ ኢኮነ ፡ ውእቱ ፡ ሠራዊሆሙ ፡ ለትርኵ ፡ ዘእንበለ ፡
ዳእሙ ፡ ፍሬ ፡ ከርሡ ፡ ዘይነብር ፡ ዲበ ፡ መንበሩ ። ወእምድኅረ ፡ ኀ
ለፈ ፡ ክረምት ፡ አስተጋብአ ፡ ኵሎ ፡ ሠራዊተ ፡ እለ ፡ ከረሙ ፡ በበሥ
ርዐቶሙ ፡ ወሶቤሃ ፡ ተንሥአ ፡ እምክራሙ ፡ ወገብረ ፡ ፍኖቶ ፡ መን
ገለ ፡ አምሐራ ፡ ወፈነዎሙ ፡ ቅድመ ፡ ገጹ ፡ ለሐመልማል ፡ ወለዮሐ
ንስ ፡ እኁሁ ፡ ወለዘርአ ፡ ዮሐንስ ፡ ምስለ ፡ ብዙኅ ፡ ሠራዊት ፡ ከመ ፡

ይገስግሡ ፡ ዱብዓ ፡ ወይማሕርኩ ፡ አልህምተ ፡ ከመ ፡ ይኩን ፡ ለስን
ቅ ፡ ወያጽንሕዎ ፡ በፍኖት ፡ እንዘ ፡ ይወርድ ፡ ትግሬ ። በለፌኒ ፡ ፌነ
ዎሙ ፡ ሊተክሎ ፡ ወመናድሌዎስ ፡ ወሊብዙኃን ፡ መሳፍንት ፡ ከመ ፡
ይሑሩ ፡ በፍኖተ ፡ ዋግ ፡ ከመ ፡ ይሰምዑ ፡ ምስለ ፡ ሰየምት ፡ ወህየ ፡
ያጽንሕዎ ። ወዘንተ ፡ ኵሎ ፡ ገቢሮ ፡ ወአስተናቢሮ ፡ ፃዕፃአ ፡ ፍናዋ
ት ፡ በቅድመ ፡ ገጹ ፡ ሶበ ፡ በፅሐ ፡ ምድረ ፡ ኮልእ ፡ ሐወጸቶ ፡ በንስ
ቲት ፡ ደዌ ፡ ሥርዐተ ፡ አበዊሁ ፡ ጠባይዓዊት ፡ ዘይእቲ ፡ ግብረ ፡ ኵ
125, r, a. ሉ ፡ እጓለ ፡ እመሕያው ፡ ወበይእቲ ፡ ደዌ ፡ አዕረፈ ፡ ወፈለሰ ፡ ኀበ ፡
ምሕረተ ፡ እግዚአብሔር ፡ ክቡር ። ያዕርፍ ፡ ነፍሶ ፡ ብመንግሥተ ፡ ሰ
ማያት ፡ አመ ፡ ይቤሎሙ ፡ ለእለ ፡ በየማኑ ፡ ንዑ ፡ ኀቤየ ፡ ቡሩካኒሁ ፡
ለአቡየ ፡ ትረሱ ፡ መንግሥተ ፡ ዘድልው ፡ ለክሙ ፡ እምቅድመ ፡ ይ
ትፈጠር ፡ ዓለም ። ረድኤተ ፡ ግፍዑ ፡ ወሀብተ ፡ በረከቱ ፡ ለንጉሥ ፡
ሚናስ ፡ ይኩን ፡ ምስለ ፡ ወልዱ ፡ ሠርፀ ፡ ድንግል ፡ አሜን ። ወዕለ
ተ ፡ ዕረፍቱ ፡ አመ ፡ ፳ለወርኀ ፡ የካቲት ፡ በ፳፻ወበ፶ወ፳ዓመት ፡ እ
ምዓመተ ፡ ዓለም ። ተፈጸመ ፡ ክፍል ፡ ሣልሳይ ።

TRADUCÇÃO

Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, um Deus. Com o auxilio do Senhor da Terra[1], Poderoso, eu começo, como disse e escrevi, a historia de nosso senhor Mar Minás[2]: louvor ao Senhor da Terra, que fez forte o que era fraco; pois os successos de Mar Minás, amigo do Senhor da Terra, se perfizeram com o divino favor, porque nelle se manifestou a acção do Senhor da Terra, e nelle houve, como é notorio, muitas maravilhas, que depois escreveremos.

O mesmo 'Emar[3], capitão mór de guerra, offereceu Mar Minás de presente ao Gráñe[4], seu senhor, porque tal é o costume dos principes, quando voltam com a victoria, donde desceram para a guerra, darem um presente aos seus chefes, do que aprezaram com a sua lança; e então o Senhor da Terra infundiu piedade no coração d'este infiel, de espesso coração, para que amasse, e se compadecesse de Mar Minás, filho do Rei christianissimo. E nos dias do seu captiveiro, d'aquelles christãos que tinham ficado captivos uns diziam-lhe: «lembra-te de mim, quando vier o teu reinado»[5]; outro dizia-lhe: «faze-me a promessa de que te compadeces de mim no tempo do teu reinado»; e não desprezou a petição de nenhum d'elles, quando reinou depois de voltar do seu captiveiro, porque verdadeira era a sua palavra, dignos de credito os seus ditos, e direito todo o seu caminho.

No terceiro anno depois do seu captiveiro, o Gráñe teve noticia da vinda dos Frangues[6], dos quaes o seu Capitão era Dom Christovam[7]: então o ciume foi diabolico; quiz fazer desembarcar os Turcos, e mandou uma embaixada ao Baxá de Zabid[8]; e ao mesmo filho do Rei enviou com os seus criados, para que o entregassem ao Baxá como presente seu.

Aqui escreveremos os prodigios que succederam antes da sua descida para o mar, e proseguiremos com o que depois succedeu. O primeiro dos seus prodigios foi quando o prenderam; neste dia Aquelle que salvou David, seu servo, de uma lança má, salvou tambem a elle

da mão dos filhos do estrangeiro[9], os quaes não se compadecem das mulheres nem das crianças; por isso devia dizer então: «a minha vida se gastou; na vida de Christo eu sou»[10]; assim como disse Paulo, o bemaventurado.

Segundo prodigio. Nos mesmos dias o Gráñe ordenou que fizessem eunuchos a Minás, filho do Rei, e a Lá'eka Máryám e a Lá'eka Máryám, filhos das irmãs de seu pai[11], os quaes tinham o mesmo nome; e castraram aos dois; mas emquanto ao filho do Rei, o Senhor da Terra abrandou o coração do Gráñe e o coração de sua mulher, e não fizeram com o filho do Rei, como fizeram com os dois irmãos; mas isto foi por vontade do Senhor da Terra, para que d'elle nascesse um filho bemfeitor, que deixasse um nome bom, que não alcançaram seus pais. E a sua salvação de ser castrado foi semelhante á salvação de Isaac de ser sacrificado, depois que o cutello assentou sobre o seu pescoço, para que não fosse tida por falsa a palavra que o Senhor da Terra disse a Abrahão: «de Isaac será chamada a tua geração»[12]. Ainda foi semelhante ao que o Senhor da Terra jurou a David, quando disse: «do fructo do teu ventre collocarei sobre o teu throno»[13]. E por esta causa foi a salvação de castrarem a Mar Minás, para que não deixassem de ser muitas maravilhas, que foram feitas por seu filho, as quaes nos pertence escrever.

E depois d'isto o Gráñe foi para Qedá[14], e quando estava alli, ouviu a noticia de que amavam ao mesmo filho do Rei todos os capitães do seu arrayal[15], que estavam em Dambyá[16]; e com elle fizeram conselho os grandes da nação dos Malasáys[17], dizendo: «a este filho do Rei não falta, senão que o façam rei, porque a maior parte dos homens do nosso arrayal de 'Amhará[18], que não se associaram comnosco em a Fé, ou entraram em a nossa Fé por temor da espada e da lança, não é sincero o seu animo; ainda que te servem a ti, preferem servir ao filho do seu antigo rei; melhor era para ti tomar bom conselho para a tua vida e para a tua auctoridade». Ouvindo isto, o Gráñe ficou perturbado, e encheu-se do espirito de ciume por causa do seu reino; assim como se perturbou o coração de Herodes[19], quando vieram ter com elle os Magos, dizendo-lhe: «onde está o rei de Judá, porque nós vimos a sua estrella no oriente, e viemos para o adorar?»

Depois o Gráñe partiu de Qedá para Dambyá, afim de consolidar o seu arrayal, para que não houvesse tumultos; convocou os grandes da sua nação e os seus conselheiros, e disse-lhes: «que faremos do filho do Rei? eis que ouvi muitas cousas a seu respeito»; e depois lhe responderam com um mau conselho, dizendo-lhe: «não tenhas compaixão d'elle, e não o poupes até á morte; e sem isto não estás seguro d'elle». E indo ter com sua mulher[20], contou-lhe tudo o que lhe tinham

dito os seus conselheiros; e então olhou para elle a misericordia do Senhor da Terra, que sempre defendeu a este filho do Rei christianissimo, e infundiu piedade em ambos, assim como era costume, e fez que odiassem o conselho de morte, que tinham aconselhado contra este innocente que não tinha feito nenhum crime, para que morresse; e disseram: «não façamos mal a este filho de reis gloriosos, mas façamos-lhe bem, para que o Senhor da Terra dê a nosso filho um premio bom, e para que não haja perturbação no pensamento de seu pai, de sua mãe, e de seus irmãos; demos-lhe nossa filha, e façamos o seu casamento segundo a nossa lei, e disponhamos os preparativos do noivado, que são proprios de esposo e esposa». Na sua lingua é o que se chama *nekáh*[21].

Depois que terminou a cerimonia do casamento, levantou-se um falsario, veio ter com o Gráñe, e disse-lhe: «tenho uma palavra que te dizer». E o Gráñe tornou-lhe: «que é?». E depois elle começou a semear no coração do Gráñe más palavras, dizendo: «acaso quizeste dar a tua honra ao estranho, e fazer voltar o reino para o seu possuidor? se pois lhe deste tua filha, ha de parecer aos teus capitães que lhe deixaste o reino, e voltar-se-hão para elle todos os homens do arrayal, que estavam debaixo da tua sujeição; tu tambem terás pezar, mas não poderás fazer voltar o poder, que deixaste por tua vontade». E este conselho fez impressão no seu animo, e disse-lhe: «que era melhor para mim, do que o que fiz?». Isto, que disse, foi porque lhe pareceu que o seu reino passava para o filho do Rei. Então o mesmo inimigo Xarfadin[22] deu um conselho mau, dizendo: «ouve o que eu te digo; a este filho do Rei envia-o de presente ao Baxá de Zabid, e dize-lhe: manda-me soldados[23]; eis que desembarcaram os Frangues, e não podes pelejar com elles sem Turcos». Este conselho agradou-lhe, como o primeiro, e concluiu o conselho, que o enviasse.

Naquelles dias o Gráñe enviou o filho do Rei por Qáẓ, filho de ʾAbrehám, que era um dos grandes da sua nação; e no dia da sua saida do arrayal houve grandes lamentações e clamores de tristeza em casa de Delvambará, porque ella o olhava como seu filho; e os seus escravos e escravas choravam do fundo de seus corações, e as suas lagrimas eram como agua, porque o amavam por causa da gentileza do seu aspecto exterior, e da bondade da sua indole interior; não só elles, mas tambem os homens do arrayal do Gráñe, porque o Senhor da Terra tinha infundido amor para com elle nos seus corações. Despediram-se, e partiu sendo com elle o Senhor da Terra, assim como partiu com José, e não se separou d'elle, quando o venderam os seus irmãos[24]. E, sendo de caminho, adoeceu de doença de febre, que é uma doença de calor; e quando nelle era mais intensa,

não houve ninguem que d'elle tivesse piedade, nem que o deixasse repousar; mas fizeram-no montar mudando-o successivamente por sete camelos. Um dia, quando caminhava montado em um camelo, este teve sede, e não encontrou agua; e por causa do seu grande desejo de beber agua, caminhou apressadamente para chegar aonde não chegou; mas foi por outro caminho, deixando aquelle por onde iam os homens; e quando o perderam, corriam para um lado e outro, e não o encontravam; até que ao setimo dia depois de estar perdido, chegou, por vontade do Senhor da Terra, áquelles maus homens que o conduziam, quando já tinham perdido a esperança da sua vida. Como pois não foi preservada por vontade de Deus a vida d'este doente e attribulado, estando perdido cerca de seis dias, se não salva ao são, que não tem doença, de que lhe fuja a vida, por causa da sede de agua em terra de harur[25], e por não achar repouso nem de dia nem de noite, durante o numero de dias que mencionamos? Eis que é sabido de todos, que, por causa da sede de um dia, aos robustos homens de guerra, que correrem longe, fugir-lhes-ha a vida, e tornar-se-hão para o seu pó[26]; muito mais ao que era assim doente, cuja vida estava perto da morte; admiravel acção do Senhor da Terra, que mata e faz viver, faz descer ao inferno e subir[27]. Elle deu graças ao Senhor da Terra, depois de voltar do seu captiveiro, e disse assim; «então foi commigo a misericordia do Senhor da Terra, e as orações de minha mãe Sabla Vangél[28], quando eu andava errante pelo matto sobre um camelo; porque pouco faltou que eu não morresse, e não fosse pasto das aves do céu, e das feras do matto». E este foi o terceiro dos prodigios que nós escreveremos.

Depois d'isto chegaram á praia do mar, e o fizeram embarcar em um navio[29], que ia para Zabid; este seu exilio da herança de seu pae, e a sua viagem em um navio, ficando preso em terra estrangeira, é semelhante ao exilio de Victor[30], filho de Marta, indo com o freio na bocca, desde Antiochia até ao Prefeito de Alexandria. Depois ancoraram o seu navio na praia do mar junto do porto, desembarcaram, e o filho do Rei deram de presente ao Baxá de Zabid; então este se alegrou muito, e da mão dos mensageiros o recebeu com seus dois primos, aos quaes o Gráñe tinha castrado, e cujos nomes são os que mencionámos antes. Então o Baxá de Zabid enviou mensageiros ao Sultão Soleman[31], dizendo: «o participante da nossa Fé, mussulmano de Adal[32], que senhoreou o paiz de 'Habax[33], eis que me enviou um filho do Rei, presente digno da tua honra; ordena o que hei de fazer d'elle; faça-se a tua vontade, e não a minha, mas sómente a tua vontade»[34]. E elle respondeu aos seus mensageiros, e disse: «conserva o filho do Rei junto de ti, como convem a um filho de rei, e não lhe faças

mal». Então o Baxá deu-lhe uma habitação boa, e todos os arranjos, do que era bom e do melhor, porque o Senhor da Terra abrandou o seu coração, assim como antes tinha abrandado o coração do Gráñe[35].

Nestes dias começou a levantar-se o reino de Galávdévós, e a ir de bem em melhor[36]; e elle pelejou com o Gráñe, e pelo poder do Senhor da Terra matou-o a elle[37] e a todos os seus capitães, sendo Galávdévós com os Frangues, e prendeu a um seu filho; mas sua mulher fugiu. E ser preso seu filho e fugir sua mulher foi, por vontade do Senhor da Terra, a causa de voltar do captiveiro o mesmo filho do Rei; porque a religiosissima Rainha Sabla Vangél[38], perseverou em orações, e intercedeu deante do Senhor da Terra, de dia e de noite, por este seu filho, e o encommendou a todos os monges e pobres, que havia nos mosteiros e nos desertos; e quando a sua oração subiu aos ouvidos do Senhor da Terra, ouvindo-a, o Espirito Santo incitou a Delvambará até pensar em ser resgatado o filho da Rainha, que estava em poder do Baxá; e mandou recado á Rainha, de boa recordação, que mencionámos, dizendo: «envia-me o meu filho; enviar-te-hei o teu». Élla respondeu com alegria e com satisfação, e disse: «sim». Annuiram ambas com muita vontade, porque foram vencidas pela natureza da sua qualidade de mães; e então Delvambará mandou recado ao Baxá, dizendo: «faze resgatar o meu filho preso, por esse filho do Rei, porque elle professa a tua Fé».

O Baxá enviou ao Sultão Soleman a petição de Delvambará a respeito de seu filho; e o Sultão disse: «faze-lhe resgatar o filho, porque é filho da nossa Fé». Ouvindo isto, o Baxá fez espesso o seu coração, e disse: «sobre este filho do Rei ajuntarão para mim mil óquias de ouro»[39]: sem reduzir, nem diminuir por ser filho de reis gloriosos. Quando o mensageiro chegou com este recado junto da grande Rainha Sabla Vangél, houve grande contentamento; depois ella fez ajuntar muito dinheiro no valor que mencionámos, por meio dos principes e nobres de Tegré, e enviou o filho do Gráñe com o mesmo ouro. Então o Baxá enviou Mar Minás com aquelles seus dois primos, que estavam captivos com elle, porque foi vencido pela sua Fé, e pela cubiça do ouro.

Encontraram-se no meio do mar, do lado de Meẓeváe[40]; os mensageiros do Baxá, homens da Turquia[41], que eram com o filho do Rei, estavam em um navio; e os mensageiros da Rainha, que eram com o filho do Gráñe, estavam em outro navio; e para que uns aos outros não enganassem, nem fizessem mal, por causa da differença da sua Fé, e da diversidade dos seus paizes, concluiu-se com estipulações e juramento, porque entre elles se fez paz por um só Deus, Senhor da Terra. Depois encontrando-se collocaram-se proximos e juntos; e os mensa-

geiros do Baxá entregaram o filho do Rei com seus dois primos aos da sua nação; e os mensageiros da Rainha entregaram o filho do Gráñe com o ouro á gente da sua Fé; a entrega de cada um d'elles foi ao mesmo tempo, não havendo primeiro nem ultimo, por causa do receio de traição e de engano, porque não era sincera a amisade entre os christãos e os islamitas, por isso que não eram unidos na Fé[42]. Qual foi o contentamento do escolhido Minás nesta hora, em que se encontrou com o seu povo, e em que foi a sua saida do mar, a qual é semelhante á passagem de Israel pelo Mar Vermelho, quando saiu do Egypto, terra da sua escravidão[43], e á saida dos tres meninos da fornalha ardente[44]!

Neste tempo houve no povo grande contentamento por causa do filho do Rei, cuja saida do mar tinha sido por meio d'elles; e enviaram recado da boa nova a sua mãe, de boa recordação, assim como annunciaram a Maria, nossa Senhora, a resurreição de seu filho; e semelhante ao contentamento de Maria, nossa Senhora, foi o contentamento da Rainha por voltar seu filho do captiveiro. O tempo decorrido desde a sua prisão até á sua descida para o mar foram dois annos e seis mezes[45]; e desde a sua descida até á sua volta do mar foram tres annos.

No tempo da sua chegada ao arrayal da religiosissima Rainha Sabla Vangél, na povoação de Vagará[46], que se chama 'Aybá[47], a Rainha fidelissima Sabla Vangél[48] mandou que armassem tendas, e dentro d'ellas estendessem alcatifas; os monges e os sacerdotes dispozeram-se por ordem, segundo o seu ritual, com cruz e thuribulo, revestidos com as vestes de sacerdotes; e os superiores da Egreja christã, e os principaes da classe dos sacerdotes sairam ao seu encontro, adornados com os melhores vestidos; e os que vinham com o filho do Rei, os principes, os nobres, os grandes do povo da Rainha, e os Xumos[49] de Tegré formaram as companhias dos capitães, segundo a sua ordenança costumada. Que lingua pode dizer e contar o contentamento d'este dia? Não é possivel referil-o por cada uma das suas partes. Depois conduziram-no para onde estava sua mãe, seu irmão, e suas irmãs; e então a Rainha Sabla Vangél se lhe abraçou ao pescoço, e lhe beijou todo o corpo, chorando e derramando lagrimas como agua; e as suas irmãs tambem o beijaram, chorando e suspirando; porque assim é o costume neste mundo, depois de estarem separados dos seus parentes ou dos seus amigos, quando se encontram passado muito tempo, choram e suspiram por causa do seu grande contentamento; assim foi o contentamento da Rainha e de seus filhos misturado com lagrimas. Depois ella começou a dar graças ao Senhor da Terra, dizendo: «A minha alma engrandece ao Senhor da Terra, e o meu espirito se alegra em o meu Deus, e em o meu Salvador;

porque olhou para a humildade de sua mãe; eis que desde agora me chamarão feliz todas as gerações, porque fez para mim uma grande maravilha»[50].

Depois d'isto ordenou que conduzissem os sacerdotes, cada um com a sua gente, para onde tinham sido armadas as tendas, e se assentassem á mesa, no logar que estava preparado; e foi disposto um estrado segundo o numero que cada meza comportava; depois enviou-lhes manjares, cada um de sua côr, e cada um de seu sabor, e vinho puro, cuja infusão era completa[51], e dizia-lhes: «Alegrai-vos commigo porque tambem este meu filho tinha morrido, e tornou a viver; tambem estava perdido, e foi encontrado[52]; mas o vosso contentamento não seja como de gente louca e dissoluta; mas alegrai-vos em o Senhor da Terra, que nos ajudou, e acclamai ao Deus de Jacob; tomai o salterio, e tocai os atabales; o salterio é agradavel com a harpa; isto seja para darmos graças, ao que nos fez boas obras»[53]. Este seu dito é semelhante ao dito do dono das cem ovelhas[54]; quando se lhe perdeu uma d'ellas, acaso não deixou no campo as noventa e nove, e foi procurar aquella que se lhe tinha perdido? E depois que a encontrou, trouxe-a sobre os seus hombros, e foi contente entrando em sua casa, e chamou os seus amigos e os seus visinhos, e disse-lhes: «alegrai-vos commigo, porque encontrei a minha ovelha, que se me tinha perdido». Ainda ella foi semelhante á mulher que tinha dez moedas de drachma[55]; quando se lhe perdeu uma d'ellas, acaso não a procurou com diligencia até que a encontrou? E quando a encontrou, chamou as suas amigas e as suas visinhas, e disse-lhes: «alegrai-vos commigo, porque encontrei a minha drachma, que se me tinha perdido». Não houve sómente na terra este contentamento, mas tambem nos céus, por causa d'este filho do Rei se separar da congregação dos infieis[56], e se ajuntar á congregação dos fieis; e nestas cousas se gastaram sete dias, em que foram contentes e exultaram; mas a Rainha Sabla Vangél não poz termo aos dias do seu contentamento, mas ficou todos os dias da sua vida alegrando-se, e exultando, e dando graças ao Senhor da Terra.

E, depois d'isto, a Rainha enviou mensageiros a seu filho muito poderoso, Galávdévós, para que lhe dessem a boa nova, de que seu irmão tinha voltado do captiveiro. E quando os mensageiros da boa nova chegaram junto d'elle, e lhe contaram o regresso de seu irmão, encheu-se de grande contentamento, e pareceu-lhe que tinha resuscitado do sepulchro. Nestes dias a Rainha, sua mãe, fez em 'Aybá residencia de inverno para Mar Minás. O prodigio da sua saida do mar, e da sua volta do captiveiro, é o quarto dos prodigios que nós escreveremos.

Depois que passou o inverno, que era o segundo anno depois do seu regresso, a Rainha levantou-se de 'Aybá, e partiu para Xamé[57], e alli fez a sua residencia de inverno. E no terceiro anno levantou-se de Xamé, para se encontrar com seu filho, amigo de sua mãe, como Ptolemeu[58], porque então assistia na provincia de Vaǰ[59]; e quando ella chegou, Galávdévós enviou os grandes do seu reino, que eram do exterior e do interior aquelle dia, e a receberam com grandes honras, e a conduziram com seus filhos e suas filhas para o palacio do Rei. Nestes dias o Rei Galávdévós fez grandes festas com a Rainha, sua mãe, e com seus irmãos, e suas irmãs, 'Amata Giyórgis e Sabana Giyórgis, não só por causa de se encontrar com elles, depois de longos dias de separação, mas tambem muito por causa de seu irmão voltar do captiveiro. Depois de muitos dias fez-se alliança entre o Rei e seus irmãos, de boas acções, Yá'eqób e Minás; porque d'elle se tinha afastado a suspeita, para que meditasse mal contra elles com ciume do reino; e não teve para elles, assim como fizeram os seus antepassados para seus irmãos, isto é, a prisão e a inimizade; e elles não pensaram nem desejaram mal contra elle, como pensou Esau contra Jacob, seu irmão[60]; mas desejaram a boa ordem do seu reino, e a duração da sua vida, e assim d'este modo ficaram longos dias. Oh! d'esta concordia espiritual é que se diz[61]: «como é bom, e como é agradavel, quando os irmãos estão juntamente!»

E, alguns annos depois do seu regresso, a Rainha fez o casamento de Mar Minás e de sua esposa[62], assim como ordenaram os Doutores da Egreja christã a respeito do esposo e da esposa, para que se tornassem em um só corpo com este sacramento[63]; neste tempo tinha a dignidade de Metropolita Abuna Péṭrós, que foi ordenado depois de Abuna Yósáb[64]; e por meio d'este sacramento se fortaleceu o vinculo do matrimonio entre elles, assim como foi dito: «o que o Senhor da Terra ajuntou, o homem não separe»[65]; e houve entre elles muito amor, assim como se diz, e está escrito, a respeito do homem e da mulher; e elle pensava em lhe agradar nas palavras e nas acções; e ella obedecia-lhe, assim como Sara obedecia a Abrahão, e chamava-lhe «meu senhor»[66]; e por causa d'esta sua concordia foram premiados pelo Senhor da Terra com filhos abençoados, e filhas formosas, assim como diz a Escriptura: «a geração dos justos será abençoada, e será muito conhecida a sua bondade e a sua virtude no seu filho, bemfeitor de seu pai, e obediente a sua mãe». Eis que o espirito me apressa a escrever a sua historia.

E depois d'isto, passado pouco tempo, Mar Galávdévós alcançou a morte dos martyres gloriosos[67], e recebeu a coroa que não emmurchece, assim como antes escrevemos em sua historia[68]. E então Kefló, filho de 'Iyóél, enviou mensageiros á mãe d'elle, a Rainha christianis-

sima, para que lhe referissem a morte de seu filho, e para que fizesse rei a Mar Minás; porque então ficou com o coração sincero, como primeiro, e não entrou no seu espirito a perversidade. E chegando o mensageiro aonde estava a Rainha, fallou com os familiares de 'Abá Zekré[69], e estes referiram á Rainha e a seus filhos a morte do mesmo Mar Galávdévós, amigo dos homens: o Senhor da Terra tenha d'elle misericordia e clemencia! Então houve grandes lamentações e muito pranto[70], porque o amavam do fundo de seus corações por causa das suas muitas virtudes, e porque fazia bem aos bons e aos maus, como a bondade do Senhor da Terra que faz nascer o sol e cair a chuva sobre os peccadores e sobre os justos[71]. E o seu pranto não era pranto exterior, como por morte de senhor com medo da sua servidão; mas como por morte de pai misericordioso, e pranto de filhos amados; e se nos animaes houvesse intelligencia tambem chorariam, vendo este pranto de então.

O resto da historia do captiveiro é o regresso. Esta secção refere a historia do reinado de Mar Minás, assumpto d'esta historia; e é a terceira parte, e a historia da divisão do reino.

Espalharam-se os capitães, cada um com a sua familia, e cada um com a sua gente; e estando sua mãe em muitas lamentações e prantos[72], os grandes chamaram a este filho do Rei para o assentaram sobre o throno de seu irmão[73]; e elle apressou-se em responder ao seu recado, como homem diligente, mas disse-lhes: «não me convem assentar-me sobre este throno grande e glorioso»; comtudo elles obrigando-o muito[74] o fizeram assentar sobre o throno real[75], e pozeram-lhe o nome real de 'ADEMÁS SAGAD[76], assim como escrevemos antes d'isto com a sua significação; mas foi por modestia, que, sendo o throno de seu pae Lebna Dengel, e de seu irmão Galávdévós, disse: «não me convem assentar-me sobre o throno real». E semelhante a isto disse Paulo, o bemaventurado, dizendo: «não sou digno de ser chamado Apostolo de Christo»[77], depois que o chamou o Espirito Santo, dizendo: «separai-me Saulo e Barnabas, para que sejam os meus enviados das gentes»[78]; porque a muita modestia o obrigou a dizer palavras de humildade a seu respeito.

O primeiro mez do seu reinado foi o mez de miyázyá[79], que é a origem dos dias do anno da era do mundo, e é o principio dos mezes dos hebreus aos 14 d'aquelle mez; e no mesmo mez vieram os grandes do reino, 'Hamalmál[80], Kefló, Takla Háymánót, filho de Dagalhán[81], Róm Sagad, e outros grandes principes, de que não nos recordamos,

e muitos capitães que tinham escapado da morte d'aquelle dia, que mencionámos; e então discutiram onde seria melhor a residencia de inverno do Rei; e tomando o melhor conselho, escolheram a provincia de Bégamder[82] e Dambyá, para que fosse alli a residencia de inverno. Depois d'isto o Rei levantou-se de Mangesta Samáyát[83], que era a séde da sua côrte, porque então assistiam na provincia de Guajám[84]; e foi com elles sua mãe, e não se separou d'elle para consolidar nelle a Lei do reino; e todo o mundo o seguiu, excepto 'Hamalmál, que ficou para fazer guerra[85] ao inimigo Nur[86], como Daǰ 'Azmác[87], dominando desde o 'Abávi[88] até onde chegasse o seu poder; e excepto sómente sua irmã, de boa recordação e de louvadas acções, 'Amata Giyórgis, que passou o inverno em Martula Máryám[89]. E depois d'isto voltou o seu rosto para o caminho de Bad[90]; e chegando a Dambyá, fez a residencia de inverno em Ẓadá[91]: nos dias de inverno houve contentamento e jubilo, satisfação e prazer. Elle, desde que se tinha assentado no throno christianissimo, restabeleceu a Lei e Constituição do reino[92]; mas os grandes do reino, assim como Kefló e os seus eguaes, começaram a censurar e a murmurar, e a promover sedições occultamente, até que as fizeram manifestas por factos[93]. E depois que passou o inverno, o Rei enviou mensageiros, e aos capitães de guerra fez reunir de todas as povoações do seu reino; e a Ysĥaq[94] mandou recado, dizendo: «em tu ajuntando os capitães de guerra, apressar-me-hei a ir para combatermos ao Faláxá»[95]. E depois d'isto, tendo reunido as tropas, partiu para o Samén[96]; com Ysĥaq se encontrou alli, e pelejaram alguns dias; e estando preparado para pelejar, levantaram-se os Doutores, e fizeram conselho, dizendo: «deixemos de pelejar com o Faláxá, porque não chegou o seu tempo»[97]. E com este conselho voltaram para Dambyá, e passou o inverno em 'Enfráz[98].

No segundo anno do seu reinado levantou-se um inimigo ardiloso, cujo nome era Balav Ra'ád[99], e fez um projecto mau e diabolico, dizendo: «matarei ao Rei»; e isto, que disse, não foi porque o Rei lhe tivesse feito mal; mas porque o induziu Satanaz, como a Judas, que trahiu ao seu Senhor, e o entregou áquelles que o mataram, depois de o haver dotado com muitos divinos dons, assim como expulsar os demonios, e purificar os leprosos. Em tudo a este mau é semelhante o matador de seu Senhor e seu Mestre, que o amava, e lhe fazia bem. E depois d'isto contaremos a historia da sua maldade. Em uma certa noite, quando o Rei dormia na sua cama com a carne da sua carne, Balav Ra'ád entrou subitamente dentro da tenda com um seu escravo mau, que era semelhante a elle; encontrou uma lampada que estava accesa, e dois escravos dormindo dentro da tenda de um lado e do outro; ainda observou com cuidado, onde estavam deitados o Rei e

a Rainha, e o reconheceu com a maior certeza; apagou a lampada, para que não soubessem quem era; e depois esforçou a sua mão, e arremessou a lança[100] contra o ungido do Senhor da Terra; então interveiu o poder divino, e fez que a lança caisse entre ambos sobre o leito. Mas elle não desistiu de matal-o em seu coração e por sua mão, porque não era com elle o Senhor da Terra, que salvou David, seu servo, da lança de Golias[101]. Este caso é semelhante á constancia do coração de Abrahão, quando poz o cutello sobre o pescoço de Isaac, seu filho unico, pois que o Senhor da Terra não o poupou no seu mandamento, e não o remiu pelo seu carneiro de que o sacrificasse, e cortasse os seus membros[102], como é uso do sacrificio; mas sacrificar este pae o seu filho unico foi por ordem de Deus, e não assim como este perverso, que quiz matar o Rei christianissimo por conselho de Satanaz, seu pae, assim como disse nosso Senhor aos Judeus: «mas vós sois de vosso pae Satanaz; e a vontade de vosso pae quizestes fazer»[103]. Não deixemos de narrar o fim da acção de Balav Ra'ád, afastando-nos para semelhanças. E quando a lança caiu entre ambos, o Rei levantou-se da sua cama, rugindo como um leão, e chamando pelo nome de seu pae; e Balav Ra'ád segunda vez repetiu para trespassal-o com a lança; mas o poder do Senhor da Terra o impediu, como primeiro, e fez que a lança caisse sobre o albornoz[104], que estava junto do seu travesseiro; e o escravo matou a um dos dois escravos, que dormiam na tenda, e ao outro feriu. Mas quando o Rei quiz prendel-o, tomando a espada de junto do seu travesseiro, Balav Ra'ád fugiu, e saiu da tenda, e o seu escravo saiu atraz d'elle, e cada um foi por seu caminho; Balav Ra'ád foi para Hebnát[105], e o seu escravo foi para perto de Žam'á[106]; os dois foram presos, um por signaes da sua espada, e o outro por signaes da sua figura, e conduziram-nos ao arrayal do Rei; e logo por justa sentença dos juizes a um enforcaram, e ao outro apedrejaram[107]. Então foi louvado o Senhor da Terra pela bocca de todos os homens, e disse-se: «louvado seja o Senhor da Terra, que matou ao que se tinha conjurado contra o ungido do Senhor da Terra». E pelo que se passou no dia da salvação do Rei, disseram os homens prudentes: «agora salvou o Senhor da Terra ao seu ungido pelo poder de salvação da sua dextra».

E depois, demorando-se pouco, levantou-se da sua residencia de inverno, e voltou o seu rosto para Varvar[108]; mas então ficou Ysĥaq por causa de doença, e Kefló por motivo de fazer o casamento de sua filha; dizendo tudo isto, a causa de elles ficarem foi para fazerem rei a Tazkáró, filho do irmão do Rei, porque tinham passado o inverno assentando este projecto de levantamento com a parcialidade d'elles tres[109]; mas não se associou com elles o Senhor da Terra, e meditaram

um projecto, que não poderam executar[110]. Logo que entrou a suspeita no coração do Rei christianissimo, mandou recado a Ysĥaq, primeira e segunda vez, dizendo: «vem depressa para onde nós estamos, e não te desculpes com a doença». E elle, obedecendo, partiu com o seu mensageiro; e em chegando a um caminho, que conduzia para cima e para baixo, disse ao mensageiro: «tu vai para o 'Hazégé[111], e conta-lhe a minha vinda pelo caminho de cima, e eu irei pelo caminho de baixo, para que não passem fome os meus soldados, porque ha pão por este caminho». Depois d'isto partiu o mensageiro pelo seu caminho; mas elle foi por outro caminho, e voltou para a sua terra a encontrar-se com os seus parentes, com os seus filhos, e com os seus soldados. Mas Kefló e os seus soldados fizeram rei a Tazkáró, assim como antes tinham deliberado[112]; e quando o Rei ouviu a noticia d'estes alevantados, não quiz pelejar com o poder real do alevantado, mas apressou-se em pelejar com o alevantado Ysĥaq, fundamento do edificio da maldade. Depois d'isto enviou Zar'a Yóĥanes[113] com alguns capitães de guerra, e seguiu atraz d'elle; Ysĥaq queria pelejar com Zar'a Yóĥanes, porque lhe pareceu, que estava só, e que não o seguia o Leão terrivel que é da tribu de Judá, e do musculo de David[114]; mas quando teve noticia da vinda do Rei, fugiu para Siré[115], e o Rei o seguiu pelos seus passos, e o encontrou no districto de 'Adyábó[116]. E quando chegou o dia da perdição de Ysĥaq, este fez espesso o seu coração, e pelejou com o ungido do Senhor da Terra; e então foi do Rei a victoria, e foi vencido o alevantado, e morto um seu filho; e dos seus soldados uns foram mortos, outros retiraram-se, deixando os seus cavallos e as suas mulas, e outros submetteram-se voluntariamente. Mas Ysĥaq escapou com difficuldade, lançando fóra de sua cabeça o capacete de ferro; e ao filho de seu irmão trouxeram no dia seguinte, fazendo-o descer do monte[117] em que tinha sido criado[118]; e em razão da grande piedade que foi posta no coração dos reis de Israel, não lhe fez mal, lembrando-se dos peccados de seu pae, e dos peccados de si mesmo, que tomára para si matal-o; mas perdoou o seu crime, e teve compaixão d'elle: graças ao Senhor da Terra que dará força aos nossos reis, e exaltará o valor do seu ungido!

Depois d'isto o poder do Senhor da Terra incitou-o para terminar os feitos de guerra, que elle mesmo tinha começado; e voltou o seu rosto para o caminho, pelo qual tinha vindo; e foi com diligencia em seguimento de Ysĥaq para pelejar com o seu inimigo, que mencionamos; e em chegando a Bégamder no mez de ĥamlé[119], não descansou alli, porque o movia o poder do Senhor da Terra para terminar a empreza, que tinha entre suas mãos. Elles, quando tiveram noticia da

sua vinda, fizeram espessos os seus corações, e collocaram no ceu a sua bocca para proferirem palavras de blasphemia; e o Rei christianissimo, em chegando perto d'elles, absteve-se de dar batalha, e quiz passar a noite; mas os alevantados disseram: «não lhe permittamos que passe a noite, mas pelejemos com elle de tarde». E isto, que diziam, era porque tinham ajuntado muitos cavallos de uma parte e outra, e neste tempo tambem os Frangues se lhes tinham reunido[120], e por isso se apossou d'elles a soberba; dispozeram os esquadrões para pelejarem com o Rei, do qual era auxiliador o Senhor da Terra. E a causa de se apressarem nesta noite foi para lhe darem a beber do calix da ira, que estava cheio para elles, se porém não foi porque fizeram oração com medo e com terror, dizendo: «Senhor, faze passar de mim este calix»[121], porque se apressaram a beber d'elle, como se apressa o sequioso a beber agua. E quando chegaram perto, o Rei tambem dispoz os esquadrões, confiando no Senhor da Terra; mas elles vieram confiados nos seus cavallos e nos soldados Frangues; e quando pelejaram, venceu o Rei, que confiava no Senhor da Terra, e cairam muitos dos capitães d'este ladrão do reino[122]; mas elle, e Yóĥanes[123], filho da Vayzaró[124] Rómána Varq, e Kefló se retiraram juntos; e quando os apertaram os que os perseguiam, descendo dos seus cavallos, desviaram-se do caminho, e esconderam-se no matto junto do tronco de uma pequena arvore. Mas no coração de Kefló se infundiu o espirito de terror, á semelhança de Cain[125], porque lhes disse: «se acaso vos prenderem, não vos farão mal; mas a mim, se me prenderem, retalharão o meu corpo em cada um dos seus membros»: e tendo dito isto, separou-se d'elles, e caminhou só; mas não consta para onde foi, se caiu em algum precipicio, ou se o matou alguem, que o Rei amava: o Senhor da Terra o sabe! Os outros capitães de guerra, que tinham escapado da morte d'este dia, foram cada um por seu caminho; dos quaes Yóĥanes e Tazkáró foram presos no dia seguinte, e os conduziram á presença do Rei; comtudo elle não lhes pagou segundo a sua maldade, mas soffreu-os, e deu graças ao Senhor da Terra por vencer aos seus inimigos[126]. Tudo isto succedeu no terceiro anno do reinado do Rei Minás, pae dos orphãos, e juiz das viuvas[127]; louvor ao Senhor da Terra, que vinga os opprimidos sobre os oppressores. Isto foi aos 9 do mez de ĥamlé, em dia de quinta feira[128].

Depois d'isto fez a sua residencia de inverno em Guba'e; e depois que passou o inverno, entrou Satanaz no coração de Ysĥaq, e o moveu a fazer paz[129] com o Baxá 'Esdemur[130], que tinha matado seu irmão[131]; e fizeram amisade com estipulações e juramento de serem um para a morte e para a vida[132]. Nos mesmos dias fez rei a Márqós[133], menino

4

de pouca idade, filho de Mar Yá'eqób, irmão do Rei; este, ouvindo isto, irou-se muito, e ordenou que se reunissem todas as tropas de uma parte e outra; e quando dirigiu a sua marcha para Tegré[134], então fizeram conselho os grandes, e disseram: «não é conveniente pelejarmos com elle, que tem espingardas e bombardas, porque é fraco o nosso armamento, e não podemos resistir contra o fogo». Ouvindo isto, o Rei respondeu-lhes com palavras de agastamento, de modo que se calaram, e deixaram de lhe fallar nisto. Ysħaq, tendo noticia da sua vinda, veiu com o Baxá 'Esdemur de 'Aksum[135] para 'Eda Makuanen[136], e encontraram-se no districto de 'Endartá[137]. E o Rei, confiando no Senhor da Terra, que desfaz as insidias dos sabios, e enfraquece o poder dos fortes, dizia: «se morrer, ganho para mim a minha morte por Christo; e se viver, é a minha vida por Christo»; e com esta sua fé dispoz os esquadrões; mas neste dia foi de 'Esdemur a victoria[138], porque é sorte dos guerreiros vencerem em umas occasiões, e em outras serem vencidos; porque sómente não é vencido o Senhor da Terra, cujo reino é eterno, e cujo poderio é pelas gerações das gerações[139]. E com isto não chegou o dia de natal de Ysħaq, no qual recebeu o setimo castigo por mão de seu filho bemfeitor, Mar Ṣarža Dengel, a respeito do qual se disse, «quando morrer seu pae, é como se não morresse, porque deixa um tal como este depois de si»[140]. Neste dia não pereceram dos seus grandes, que fossem conhecidos, senão tres homens; e a Ysħaq esperou a paciencia do Senhor da Terra, para que se arrependesse, assim como se diz: «Elle não destruirá ninguem, até que vos arrependais todos vós»; e elle não se arrependeu, mas ajuntou obstinação sobre obstinação, para que nelle se cumprisse a palavra da Escriptura, que diz: «da mesma maneira que obstinares o teu coração, e não te arrependeres, assim enthesouras castigos para ti». Mas o Rei christianissimo não perdeu a esperança, quando foi vencido, porque sabia que a victoria é mudavel; e dirigiu-se pelo caminho de Vag[141], e chegando a 'Atrónsa Máryám[142], demorou-se poucos dias; alli se reuniram os principes que estavam em Xavá[143], como 'Hamalmál, Takló, Róm Sagad, e outros capitães, que se tinham apartado no dia da batalha pelo caminho de 'Angót[144], e encontraram-se alli. Tudo isto foi o que succedeu no quarto anno do seu reinado.

Então fez a residencia de inverno em Válá Maçaṭ; aos capitães, que ficaram com elle, enviou-os, cada um com a sua gente, para diversas povoações afim de passarem o inverno, e ordenou-lhes que depois do inverno viessem para junto d'elle[145]. Nos mezes de inverno não procurou senão preparar armamento; ajuntou ferreiros de muitas povoações, e passou o inverno occupando-os em fazer espadas e lanças, e alguns arreios de cavallo, assim como freios e estribos; e os que

sabiam fazer espingardas, trabalharam sem descanço; e d'este modo gastou o inverno. Toda esta sua diligencia era para pelejar com 'Esdemur, porque não sabia que esta empreza estava reservada para seu filho, e que elle não era o destruidor dos Turcos, senão sómente o fructo do seu ventre, que havia de assentar-se sobre o seu throno.

Depois que passou o inverno, ajuntou todos os capitães, que tinham passado o inverno cada um com as suas companhias, e então levantou-se da sua residencia de inverno, e dirigiu o seu caminho para 'Amhará; enviou adiante de si 'Hamalmál, e Yóhanes, seu irmão, e Zar'a Yóhanes com muitos capitães, para que alimpassem os Dób'a[146], e apresassem os bois para mantimento, e o esperassem no caminho, que desce para Tegré; e por outra parte enviou Takló, e Manádlévós, e muitos principes, para que fossem pelo caminho de Vág, para conferenciarem com os Xumos, e alli o esperassem. Feito tudo isto, e dispostos os arranjos do caminho para a sua frente, quando chegou á povoação de Kób'e[147], visitou-o com pequena doença a lei natural de seus paes, que é a sorte de todos os filhos dos viventes; e com esta doença falleceu[148], e passou para a misericordia do Senhor da Terra, glorioso; a sua alma repousará no reino dos ceus, quando disser aos que estiverem á sua dextra: «vinde, bemditos de meu Pae, herdae o reino, que vos pertence desde antes que fosse criado o mundo»[149]. O auxilio da maldição, e o dom da benção do Rei Minás sejam com seu filho Ṣarža Dengel; amen. O dia do seu fallecimento foi aos 5 do mez de yakátit[150], do anno 7045 da era do mundo[151].

Concluiu-se a terceira parte.

NOTAS

Para evitar repetições, damos em seguida os titulos de algumas das obras citadas nas annotações.

Padre Francisco Alvarez, *Verdadera informaçam das terras do Preste Joam.* Lisboa, 1540.

Carta que a Dom João III, Rei de Portugal, enviou Galawdewos, Rei de Ethiopia. Lisboa, Imprensa Nacional, 1888.

Miguel de Castanhoso, *Historia das cousas que o muy esforçado capitão Dom Christouão da Gama fez nos Reynos do Preste Ioão com quatrocẽtos Portugueses que consigo leuou.* Lisboa, 1564 (e 1855).

D. João Bermudez, *Breue relação da embaixada, que o Patriarcha dõ Ioão Bermudez trouxe do Imperador da Ethiopia, chamado vulgarmente Preste Ioão, ao christianissimo, e zelador da fee de Christo Rey de Portugal dom Ioão o terceiro deste nome.* Lisboa, 1565 (e 1875).

Damião de Goes, *Chronica del Rei dom Emanuel.* Lisboa, 1749.

Francisco de Andrade, *Chronica del Rey Dom João III.* Coimbra, 1786.

Fr. Luiz de Sousa, *Annaes de el Rei Dom João III.* Lisboa, 1844.

Diogo do Couto, *Decadas da Asia.* Lisboa 1736.

P. Fernão Guerreiro, *Relaçam annal* (sic) *das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India oriental nos annos de 607 e 608.* Lisboa, 1611.

P. Balthasar Tellez, *Chronica da Companhia de Jesus da Provincia de Portugal.* Lisboa, 1645–1647.

——*Historia geral de Ethiopia a alta ou Preste João.* Coimbra, 1660.

Diogo Barbosa Machado, *Memorias para a historia de Portugal, que comprehendem o governo del Rey Dom Sebastião.* Lisboa, 1736.

J. Ludolfi, *Historia aethiopica.* Francofurti ad Moenum, 1681.

——*Ad suam Historiam Aethiopicam antehac editam Commentarius.* Francofurti ad Moenum, 1691.

Legrand, *Relation historique d'Abissinie.* Paris, 1728.

James Bruce, *Voyage aux sources du Nile en Nubie et en Abyssinie,* traduit par Castera. Londres, 1790.

H. Salt, *Voyage en Abyssinie,* traduit par Henry. Paris, 1816.

R. F. Burton, *First footsteps in east Africa.* London, 1856.

J. L. Krapf, *Travels, researches, and missionary labours.* London, 1860.

Guillaume Lejean, *Voyage en Abyssinie.* Paris, 1872.

Dr. Philipp Paulitschke, *Harar, forschunsgreise nach den Somâl- und Galla-Ländern Ost-Afrikas.* Leipsig, 1888.

A. Dillmann, *Catalogus cod. mss. Bibliothecae Bodleianae Oxoniensis.* Pars VII codices aethiopici. Oxonii, 1848.

—— *Lexicon linguae aethiopicae.* Lipsiae, 1865.

—— *Octateuchus aethiopicus.* Lipsiae, 1853.

—— *Ascensio Isaiae.* Lipsiae, 1877.

—— *Ueber die Anfange des Axumitischen Reiches.* Berlin, 1879.

—— *Zur Geschichte des Axumitischen Reiches in vierten bis sechsten Jahrhundert.* Berlin, 1880.

—— *Ueber die Regierung, insbesondere die Kirchenordnung des Königs Zar'a-Jacob.* Berlin, 1884.

—— *Die Kriegsthaten des Königs ʿAmda-Žion gegen die Muslim.* Berlin, 1884.

A. d'Abbadie, *Catalogue raisonné des mss. éthiopiens appartenant à A. d'Abbadie.* Paris, 1859.

—— *Géodésie d'Éthiopie.* Paris, 1873.

—— *Dictionnaire de la langue amariñña.* Paris, 1881.

W. Wright, *Catalogue of the ethiopic manuscripts in the British Museum acquired since the year 1847.* London, 1877.

H. Zotenberg, *Catalogue des mss. éthiopiens de la Bibliothèque Nationale.* Paris, 1877.

R. Basset, *Études sur l'histoire d'Éthiopie.* Paris, 1882.

D. Leopoldo de Eguilaz y Yanguas, *Glossario etimologico de las palabras españolas de origen oriental.* Granada, 1886.

[1] Na lingua ge'ez o nome de Deus é አምላክ ፡ que se applica quer a muitos deuses, quer ao Deus unico. Na segunda inscripção de Rüppel, Deus é designado umas vezes por እግዚእ ፡ ብሔር ፡ «Senhor da Terra», e outras por እግዚእ ፡ ሰማይ ፡ «Senhor do Céo» (Dillmann, *Ueber die Anfänge des Axumitischen Reiches,* Berlin, 1879, pag. 217 e segs.): cf. *Act.* 17, 24: οὗτος οὐρανοῦ καὶ γῆς Κύριος. Mais tarde, porém, prevaleceu o nome እግዚእ ፡ ብሔር ፡ que, segundo se vê da traducção da Biblia, designa o Deus unico. Para de alguma fórma conservar a distincção, traduzimos አምላክ ፡ por «Deus», e እግዚአብሔር ፡ por «Senhor da Terra». (J. Ludolphi, *Psalterium Davidis, aethiopice et latine,* praefatio, pag. IV. Dillmann, *Lex. aeth.,* col. 151 e 1192; e *Ascensio Isaiae,* pag. 64.)

[2] Mar, do syriaco ܡܪܝ «meu senhor», é um titulo de honra usado pelos abexins. (Dillmann, *Lex. aeth.,* col. 163). Minás, ou Menas, é o nome de um santo, cuja commemoração, segundo a Synaxaria ethiopica, se celebra a 15 de ḫedár: Minás significa «fiel». (Zotenberg, *Cat. des Mss. éth. de la Bibl. Nat. de Paris,* pag. 163, *a.*)

[3] «E depois aos 25 de genbót (do 31.º anno do reinado de Lebna Dengel) pelejou com o Rei um Malasáy, chamado 'Emar, e ficou prisioneiro um filho do Rei, chamado Minás. Na mesma occasião morreu 'Ezrá, Blátén-gétá do interior, Giyórgis, o Grá-gétá, e Báḫrey, filho de Mártá; e muitos christãos morreram então, e outros foram vendidos como escravos. O Rei encheu-se de tristeza por causa do captiveiro dos seus capitães, e da prisão de seu filho. Isto succedeu em um districto de Vág, que se chama Zátá». (*Chronica ethiopica* em Basset, *Études,* pag. 16 e 107.)

[4] Mohamed, ou Ahmed ben Ibrahim el Ghazi, conhecido vulgarmente pela alcunha de Gráñe (canhoto), era Emir de Harar. (Basset, *Études,* notas 121 e 187. Dr. Paulitschke, *Harar,* pag. 220 e segs.)

[5] Assim o manuscripto, se não deve antes corrigir-se segundo *Luc.* 23, 42: ተዘከረኒ ፡ አመ ፡ ትመጽእ ፡ በመንግሥትከ ። «lembra-te de mim, quando entrares no teu reino». (P. Platt, *Evangelia sancta ethiopice,* Londini, 1826.)

[6] Frangues é a palavra pela qual os abexins designavam os portuguezes. (Carta de Galávdévós nos *Annaes de D. João III*, por Fr. Luiz de Sousa, pag. 427. *Chronica ethiopica*, em Basset, *Études*, pag. 19 e 110.)

[7] D. Christovam da Gama era irmão de D. Estevam da Gama, Governador da India, e filho de D. Vasco da Gama, 1.º Conde Almirante. (*Carta que a D. João III, Rei de Portugal, enviou Galávdévós, Rei de Ethiopia*, Lisboa, 1888. Basset, *Études*, pag. 19 e 110. Castanhoso, *Historia das cousas que fez D. Christovam*. Bermudez, *Relação da Embaixada*. Tellez, *Historia de Ethiopia a alta*, liv. II, cap. VIII e segs.)

[8] O Gráñe, depois de alguns recontros com os portuguezes, em que ficou vencido, mandou pedir soccorro ao Baxá de Zebid, que lhe enviou seiscentos turcos arcabuzeiros, e dez bombardas de campo. (Carta de Galávdévós nos *Annaes de D. João III*, pag. 427. Castanhoso, *Historia das cousas que fez D. Christovam*, cap. XVII.)

Baxá باشا titulo superior da hierarchia militar e civil turca. (Eguilaz, *Glossario*, s. h. v.)

Zebid زبيد é uma cidade de Arabia, situada perto do Mar Vermelho, entre Hadeida e Mokha.

[9] *Ps.* 143, 11. 13. *Cf.* I Reg. 18, 11; 19, 10.

[10] *Galat.* 2, 20.

[11] O Gráñe enviou de presente ao Baxá de Zebid a Minás, filho do Rei Lebna Dengel, e a Lá'eka Máryám, filho de Rómána Varq, e a Lá'eka Máryám, filho de 'Amata Dengel. (*Historia de Galávdévós*, Ms. 147, fonds éthiopien, da Bibl. Nac. de Paris, fol. 122, *r*, *b*.) Damos em seguida o quadro genealogico da familia real de Ethiopia, no tempo de Minás.

- Ná'ód (Rei)
  - Lebna Dengel (Rei)
    - Galávdévós (Rei)
      - Sabana Giyórgis
      - Masiħávit
    - Yá'eqób ....
      - Tazkáró
      - Márqós
      - Yóħanes
      - Fásiladas
    - Minás (Rei) .....
      - Ṣarža Dengel (Rei)
      - Tazkáró
      - Lesána Krestós
    - 'Amata Giyórgis
    - Sabana Giyórgis
  - Rómána Varq......
    - 'Hamalmál
    - Yoħanes
    - Lá'eka Máryám
  - 'Amata Dengel .... – Lá'eka Máryám

[12] *Gen.* 21, 12. Dillmann no texto impresso do *Octateucho* (Parte I, pag. 34) adoptou a lição ይትኃለቍ ፡; mas uma das variantes (Parte II, pag. 41) é ይሰመይ ፡ como se lê no nosso texto. *Cf. Hebr.* 11, 17. 18.

[13] *Ps.* 131, 11. *Cf.* II *Reg.* 7, 12. 13.

[14] Dillmann, *Ueber die Regierung, insbesondere Kirchenordnung des Königs Zar'a-Jacob,* pag. 13; e *Die Kriegsthaten des Konigs 'Amda-Žion gegen die Muslim,* pag. 1012.

[15] ከተማ ፡ *catamá,* (Carta do P. Manuel Barradas, Ms. do Morgado de Vimieiro, na Bibl. Nac. de Lisboa), arrayal, ou acapamento de tendas.

[16] Dambyá é uma provincia do 'Amhará, ao norte do lago Žáná, entre o rio 'Abávi e o Takazé. (Basset, *Études,* nota 75.)

[17] Os mouros de Adal eram vulgarmente conhecidos em Ethiopia pelo nome de መለሳይ ፡. Esta palavra lê-se na *Chronica ethiopica* (Basset, *Études,* pag. 14, l. 22; pag. 15, l. 4, 14 e 17; pag. 16, l. 16 e 23.)

«Moros que acá llamam Malaçais, que quiçá seran Amalecitas». (Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Bibl. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa). «El Rey Nafçaguet morreo em huma batalha que teve com os mouros de Adel». (Carta do P. Manuel Fernandes, de 31 de março de 1563, *ibidem. Cf.* P. Fernão Guerreiro, ***Relação de 607 e 608,*** fol. 296, *r.* Tellez, *Chron. da Comp.,* parte II, liv. VI, cap. XXXIX). «Rei dos Mallassais, mouro que visinhava com as terras do Emperador... Este Rei dos Mallassais, que era mouro, sempre foi inimigo dos Abexins; e seus antepassados tiveram com aquelles Emperadores continua guerra.» (Couto, dec. VII, liv. VII, cap. VI. Cf. Abbadie, *Cat. raisonné des Mss. éth.,* Ms. n.º 44.)

[18] 'Amhará é uma das grandes divisões de Ethiopia, comprehendida entre o 'Abávi e o Takazé.

[19] *Math.* 2, 2.

[20] A mulher do Gráñe chamava-se Delvambará; era filha de Mahfuzh, Governador de Zeila, morto em uma batalha com os abexins, no sexto anno do reinado de Lebna Dengel. (Alvarez, *Verdadeira informaçam,* cap. CXIII. Basset, *Études,* notas 121, 131 e 195. Dr. Paulitschke, ***Harar,*** pag. 221.)

[21] *Nekáh,* do arabe نكاح «copula, casamento».

[22] *Xarfadin,* é o arabe سرف الدين «Principe da Fé».

[23] *Axkar,* do arabe عسكر «multidão, exercito, soldados»; especie de janizaros na Arabia (Salt, *Voyage en Abyssinie,* tom. I, pag. 146, nota).

De العسكري *alascari,* fizeram os portuguezes a palavra lascarim usada na India nos seculos XVI e XVII. (Eguilaz, *Glossario,* pag. 436). «He proverbio em toda a India dizerem, que o bom lasquarim, a que nós chamamos soldado, ha de ser Abbexij.» (D. João de Castro, *Roteiro de Goa a Suez,* Porto, 1833, pag. 75.)

[24] *Cf. Gen.* 27, 28; 29, 2. 3.

[25] «Não havia senão abafar e morrer, assi polla malignidade da terra, como do vento que cansava, muito peor que o soão de Portugal, e terrenho de Goa, a que elles chamam arur, que derruba um homem, e ás vezes o mata em breve espaço.» (Carta do P. Manuel Barradas de 1633, Ms. do Morgado de Vimieiro, na Bibl. Nac. de Lisboa.)

[26] *Ps.* 103, 30. Cf. *Gen.* 3, 19.

[27] I *Reg.* 2, 6.

[28] Sabla Vangél, «Espiga do Evangelho», era viuva de Lebna Dengel.

[29] O auctor emprega aqui a palavra ሐመር ፡ que significa «navio de qualquer especie», e mais adiante መርከብ ፡ que é o arabe مركب «navio». (Dillmann, *Lex aeth.*, col. 75 e 305; e Abbadie, *Dic. amar.*, col. 138.) No seculo XVI os navios usados no Mar Vermelho eram conhecidos entre os portuguezes pelo nome de gelbas, de جلبة *helba*, «pequeno barco» (Eguilaz, *Glossario, s. v.* gelba). «Porque ho Estreito (de Meça) todo ano se navega com estas jelbas piqenas ao remo e a vela.» (*Cartas de Affonso de Albuquerque,* publicadas por R. A. de Bulhão Pato; Lisboa, 1884; tom. I, pag. 220.)

[30] Victor era natural de Xava, perto de Siut. Seu pae Marmar, e sua mãe Martha, eram christãos. O Prefeito de Antino, vindo a Xava para fazer executar as ordens de Diocleciano contra os christãos, o fez metter em uma prisão, da qual foi tirado pelo archanjo S. Miguel, que o fez subir ao céo, d'onde voltou no fim de sete dias. A Synaxaria ethiopica commemora o seu martyrio a 5 de táhsas. (Zotenberg, *Cat. des Mss. eth. de la Bibl. Nat. de Paris,* pag. 165, *b.* Dillmann, *Cat. Cod. Mss. Bibl. Bodl.,* cod. aeth., pag. 47, *a.*)

[31] O Sultão Soleiman II, soberano dotado dos mais elevados dotes politicos e militares, subiu ao throno em 1520 e falleceu em 1566.

[32] Adal era um dos pequenos estados mussulmanos, a leste de Ethiopia, hoje comprehendido no paiz dos Somalis. «La contrée des Somalis est en grande partie formée de ce que l'on appelait anciennement le pays d'Adel; elle est habitée par les tribus suivantes: les Danakils, les Awlad-Aly (dont le nom a évidemment formé celui d'Adel), par les Issa, et enfin par les Gadibourssi. Les Danakils, les Awlad-Aly occupent la partie nord-est de ce territoire, depuis Tajurrah jusqu'à la frontière du royaume de Choa. Les gens d'Issa habitent la partie est et nord-est de ce même territoire, enfin les Gadibourssis en occupent la partie est, sud, et sud-ouest.» (Notes sur le pays de Harar, par Mohammed Moktar, no *Bullétin de la Soc. Khéd. de Géogr. du Caire,* 1877, n.º 4, pag. 351.)

[33] *Habax,* do arabe حبش «colluvies, mixtura gentium». (Ludolf, *Hist. aeth.,* I, I, 1.) Por este nome era conhecida Ethiopia entre os arabes, a quem no seculo XVI o ouviram os portuguezes, que navegavam o Mar Vermelho, e de que fizeram Abexi. Esta palavra não é usada em Ethiopia senão por um pequeno numero de indigenas, que fallam um pouco o arabe, sem saberem que o termo *habax* é injurioso. (Abbadie, *Dic. amar.,* col. 9.)

[34] *Cf. Math.* 26, 39.

[35] Bruce (*Voyage*, tom. IV, pag. 305) conta que Minás, que tinha sido feito prisioneiro no reinado de seu pae Lebna Dengel, ficou captivo entre os mouros em uma alta montanha do reino de Adal; o que está em discordancia com a Historia de Galávdévós (Ms. 147, fonds éth., da Bibl. Nac. de Paris, fol. 102, *r, b*) com a presente Historia de Minás, e com o testemunho dos jesuitas (Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas*, Ms. da Bibl. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa).

[36] «Crecia aquel sancto mancebo honrado cada dia de bem em melhor.» (*Dialogos de S. Gregorio*, Cod. de Alcobaça n.º 36, fol. 3, *v*, na Bibl. Nac. de Lisboa). «Prouuesse a Deos prosperar seus negocios de bem em milhor.» (Goes, *Chron. del Rei dom Emanuel*, parte I, cap. LXIV.)

[37] O Gráñe morreu na batalha de Vayná Dagá, que teve logar a 28 de yácátit de 7035 A. M. (22 de fevereiro de 1543 J. C.). Segundo as narrações portuguezas. e as tradições populares de Ethiopia e de Harar, o Gráñe foi morto por um tiro de espingarda, arma de que no exercito de Galávdévós só usavam os portuguezes. (Castanhoso, *Hist. das cousas que fez D. Christovam*, cap. XXIV. Bermudez, *Relação da embaixada*, cap. XXXIV. Couto, dec. V, liv. IX, cap. IV. Tellez, *Hist. geral de Ethiopia a alta*, liv. II, cap. XVI. Fernão Guerreiro, *Relação de 607 e 608*, fol. 341, *v*. Burton, *First footsteps*, pag. 316–318.) A vida do Gráñe foi escrita pelo seu secretario Chihâb ed Din Ahmed com o titulo — *Conquista do Habax pelo Imam dos mussulmanos Ahmed, filho de Ibrahim el Ghazi.* (Abbadie, *Cat. raisonné des Mss. éth.*, n.º 104. Basset, *Études*, nota 187. Dr. Paulitschke, *Harar*, pag. 502.)

[38] **መፍቀሬ ፡ እግዚአብሔር ፡** significa propriamente: «que ama ao Senhor da Terra», e corresponde ao θεοφιλέστατος dos escriptores ecclesiasticos gregos, que os latinos verteram por religiosissimus.

[39] Segundo a Historia de Galávdévós (Ms. 147, fonds éth., da Bibl. Nac. de Paris, fol. 102, *r, b*), Minás e seus dois primos, Laʿeka Máryám, filho de Rómána Varq, e Laʿeka Máryám, filho de ʾAmata Dengel, foram resgatados, entregando Mahmad, filho do Gráñe, e pagando dez mil dinheiros (**ንዋይ ፡**). Esta moeda era, provavelmente, o peso de ouro que os arabes designavam pelo nome de *nawah* (نواة) egual a dois terços de um metical de ouro, isto é, 0,666 × 4,414 gr. = 2,942 gr. (Cf. *Traité sur les poids et mesures*, par Ez Zahrâwy em *The Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, 1884, vol. XVI, parte IV, pag. 527.) Segundo a Historia de Minás, a quantia paga foi de mil oquias de ouro. A oquia, أوقية «onça», pesava sete meticaes e meio de ouro, isto é, 7,5 × 4,414 gr. = 33,105 gr. (Ez Zahrâwy, *Ibid.*, pag. 500.) Bermudez (*Relação da embaixada*, cap. XVIII) diz que a oquia era um peso de ouro que valia dez cruzados da moeda portugueza d'aquella epocha. O P. Manuel de Almeida (*Historia de Ethiopia a alta*, liv. I, cap. XX) exprime-se assim: «cada oquea de ouro nesta terra tem dez drimes (em geʿez **ድርሀም ፡**, e **ድሪም ፡** em amariña), e cada drime vale uma pataca pouco mais ou menos.» A *Chronica ethiopica* (Basset, *Études*, pag. 22 e 115) refere que Minás foi resgatado dando muito ouro aos mussulmanos. (Cf. Bruce, *Voyage*, tom. IV, pag. 306.)

[40] A cidade de Maçuá está situada a 15° 36′ lat. N., e 37° 16′ long. E. do meridiano de Paris, sobre uma ilha madreporica, que se eleva pouco acima do nivel do mar. A ilha tem 1000^{m} de comprimento de leste para oeste, e 300^{m} de largura de norte para sul; está ligada por um dique de 400^{m} á ilha de Taulad, de egual formação e um pouco maior, a qual é tambem ligada á terra firme por outro dique de 1030^{m}. O logar do ancoradouro é formado pelo canal profundo que se estende entre a praia norte da ilha e o continente; outras ilhas a nordeste a defendem contra os ventos do largo. Occupada pelos turcos com o litoral visinho em 1557, Maçuá ficou sujeita á Turquia; em 1866 foi cedida ao Egypto; e desde 5 de fevereiro de 1885 pertence á Italia. (Vivien de S.t Martin, *Nouveau dictionnaire de géographie,* s. h. v.; Di Robilant, *Memoria sull' ordinamento politico-aministrativo di Massaua,* Roma, 1886.)

A etymologia da palavra Maçuá não é bem conhecida. Segundo Bruce (*Voyage,* tom. III, pag. 68 e 102) Maçuá é composta de duas palavras da lingua do paiz, *mai* «agua», e *suah* (plural de *so*) «pastores»; assim Maçuá significaria «agua (ou porto) dos pastores». Munzinger (*Oestrafrikanischen Studien*) diz que provavelmente se deriva do verbo ge'ez ጸውዐ ፡ «chamar». A distancia da ilha de Maçuá á terra firme dizia-se uma *medsau'a,* o que significaria a distancia á qual um homem ouve chamar outro, como succederia entre a ilha de Maçuá e a peninsula de Gherar. Parece ser esta a significação que á palavra Maçuá attribue desde tempos antigos a tradição popular; em 1513 dizia a Affonso de Albuquerque um mouro descrevendo aquella ilha: «Nem menos em Meçuá á hy agua; da terra firme do preste joham a trazem, que está tam perto da terra que pode hum homem bradar e ouuilo na outra banda». (*Cartas de Affonso de Albuquerque,* tom. I, pag. 222.) Segundo Abbadie (*Bull. de la Soc. de géogr. de Paris,* VII serie, 3.°, 1882, pag. 489) Muçawwa é um participio arabe, que significa «secco, terrificado». Não se póde desconhecer, entretanto, que ha uma certa affinidade entre varios nomes de povoações de Tegré, assim como 'Áduá, Debaruá, Maçuá. Segundo Dillmann (*Ueber die Anfänge des Axumitischen Reichs,* pag. 195 e 196) 'Áduá ዓድዋ ፡ deriva-se de ዓድ ፡ que em tigriña significa «cidade, povoação», e de አዋ ፡ que é o Αὔη da inscripção de Adulis, nome de uma região entre Adulis e Aksum. A palavra Maçuá encontra-se escripta umas vezes ምጽዋዕ ፡ (*Historia de Minás,* fol. 119, *v, b; Chron. eth.,* em Basset, *Études,* pag. 17, lin. 26), outras vezes mais simplesmente ምጽዋ ፡ (*Chron. eth.,* em Basset, *Études,* pag. 24, lin. 26; pag. 42, lin. 19 e 23): parece-nos, pois, que o segundo elemento da palavra Maçuá poderia ser አዋዕ ፡ equivalente a Αὔη; quanto ao primeiro abstemo-nos de fazer hypotheses.

[41] O P. Manuel de Almeida traduziu ሰብአ ፡ ቱርክ ፡ por «setenta turcos», lendo ሰብዓ ፡ ቱርክ ፡; preferimos, porém, traduzir por «homens da Turquia, turcos», por analogia com ሰብአ ፡ ሮሜ ፡ (*Act.* 16, 21. Cf. *Gen.* 46, 34; *Ps.* 82, 6; I *Cor.* 1, 1.)

[42] Bruce (*Voyage,* tom. IV, pag. 406) conta isto de differente modo. Delvambará, desejosa de resgatar seu filho, que os Abexins retinham captivo, encarregou de tratar com elles o Baxá de Maçuá, o qual declarou que, a não se effectuar o resgate, enviaria Minás ao Sultão, logo que recebesse uma resposta de Constantinopla. Por outro lado Galávdévós declarou que entregaria aos portuguezes o filho,

do Gráñe, se não fosse aceeite o resgate proposto por seu irmão. Estas ameaças de parte a parte resolveram as difficuldades: os abexins pagaram mil oquias de ouro aos mouros, os quaes entregaram Minás; e Galávdévós deu a liberdade a Ali Garad, filho do Gráñe e de Delvambará, assim como a Varaba Guta, irmão do rei de Adal.

[43] Cf. *Exodo*, 24.

[44] Cf. *Daniel*, 3.

[45] Minás foi captivado aos 25 de genbót do 31.º anno do reinado de Lebna Dengel (20 de maio de 1539), e partiu de Dambyá para o mar no mez de maskaram do 1.º anno do reinado de Galávdévós (29 de agosto a 27 de setembro de 1541). (*Chron. eth.*, em Basset, *Études*, pag. 16 e 17, e pag. 107 e 111.)

[46] Vagará é uma provincia do 'Amhará, situada a oeste do Samén e ao norte de Gondar. (Basset, *Études*, nota 96.)

[47] No Ms. lê-se na linha ዓመት ፡ ጊዮርጊስ ፡, e por cima na entrelinha ሰብለ ፡ ወንጌል ፡ correcção que adoptámos no texto.

[48] 'Aybá é uma povoação do Vagará, situada a 12º 37′ lat. N., e 35º 15′ long. E. do meridiano de Paris. (Abbadie, *Géodésie d'Éthiopie*, pag. 430.)

[49] Xumo é o administrador ou regedor de um pequeno districto. «Xumos quer dizer capitães» (Alvarez, *Verdadeira informaçam*, cap. xxiv).

[50] O texto parece ser uma adaptação da passagem *Luc.* 1, 46 e segs., se não foi erro do copista escrever ለእሙ ፡ ናሁ ፡ por ለእመ[ቱ ፡ ወ]ናሁ ፡ que se lê nas edições impressas dos Evangelhos. (P. Platt, *Evangelia sancta aethiopice*, Londini, 1826.)

[51] *Ps.* 74, 9.

[52] *Luc.* 15, 24.

[53] *Ps.* 80, 2. 3.

[54] *Luc.* 15, 4. 5. 6.

[55] *Luc.* 15, 8. 9.

[56] D'esta passagem parece inferir-se que Minás, quando captivo, tinha abandonado o christianismo, e abraçado o islamismo. Os missionarios Jesuitas assim o affirmam, como se vê das seguintes passagens: «Muerto Claudio Rey, como no le quedava hijo, succediò en el reyno uno otro hermano suyo, menor en edad, que al tiempo que por los nuestros fueron estos reynos rescatados de moros, y libres dellos, era el captiuo de Turcos aquy en Arabia, y era moro; y despues que Claudio su hermano a costa de sangre de los nuestros se entregò del reino, le rescatò

a el; y es verdad que com mucha verdad se puede dizir, que com sangre española, mas que con oro, fue redemptus ex miserabili seruitute». (Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.) «Esta terra se reuolueo, a quatro annos, não querendo os grandes obedecer a el Rey Adamas por haver sido mouro». (Carta do Patriarcha D. André de Oviedo, de 14 de julho de 1564, *Ibidem.*) «Affirmam muytos que como esteue tantos annos captiuo em poder de mouros e turcos, assy como tomou sua ley fazendose lá mouro, assy tomou delles o barbaro costume que tem de affrontar aos que tratam». (P. Manuel de Almeida, *Hist. de Ethiopia a alta,* liv. IV, cap. VI.) Não deve, porém, esquecer-se que o testemunho dos Jesuitas não é insuspeito, porque não perdiam occasião de denegrir o caracter de Minás. (Cf. Bruce, *Voyage,* tom. IV, pag. 324 e 325.)

[57] Xemê em Dillmann, *Die Kriegsthaten des Königs ʿAmda-Žion gegen die Muslim,* pag. 1012.

[58] Ptolemeu VIII, chamado Soter II, e igualmente Philometor, φιλομήτωρ መፍቀሬ ፡ እሙ ፡ «que ama a sua mãe», subiu ao throno do Egypto em 117 A. C. e morreu em 81. Era um principe moderado e bondoso, mas fraco, que não deixou nunca de testemunhar o respeito devido a sua mãe, ainda que ella procedeu para com elle como uma madrasta.

[59] Vaǰ é um districto do Tegré, ao norte de Lastá, na margem direita do Takazé, do qual um affluente, o Tella, o atravessa. (Basset, *Études,* nota 162.)

[60] *Gen.* 27, 41.

[61] *Ps.* 131, 1.

[62] A mulher de Minás chamava-se አድማስ ፡ ሞገሰ ፡ Además Mógasa; o seu nome de baptismo era ሥሉስ ፡ ኃይላ ፡ Ṣelus Háylá. (Wright, *Cat. of. the eth. Mss. in the British Museum,* pag. 317, *a.*)

[63] Oração de taklil, ጸሎተ ፡ ተክሊል ፡ «oração nupcial», ou benção dos esposos. O Ritual do casamento, segundo a igreja de Ethiopia መጽሐፈ ፡ ተክሊል ፡, existe em Ms. na Collecção de Abbadie (*Cat. raisonné,* Ms. n.º 213, 3), e na Bibliotheca de Tubingue (Krapf, *Travels,* pag. 256, *b,* n.º 32).

«Eu vy casar, e fuy em hum casamento, ho qual nam foy na ygreja, e se fez desta maneyra. Num rosio diante humas casas poserão hum catre, e aly asentarão ho noiuo e a noiua; e vierão hi tres eleriguos, e começaram hum cantar em alleluia; então seguirãono com o verso andando estes tres cleriguos tres vezes darredor do catre em que os noiuos estavam. Então cortaram ao noiuo huma guedelha da cabeça, e outra da cabeça da noiua; e estas guedelhas molharam em vinho de mel, e a gedelha do noiuo pozerãona na cabeça da noiua, e a da noiua na cabeça do noiuo, em aquelle lugar de que lhas cortarão; e sobre isto lhe deitarão agua benta; e dahy auante festejaram suas festas e bodas. E por noite os meteram em huma casa, e dahy a hum mes nam via ninguem a noiua, senão hum homem soo, a que chamam Padrinho, que está todo este mes com os noiuos. E acabado este mes se vay ho homem ou Padrinho.» (P. Francisco Alvarez, *Verdadeira infor-*

maçam, cap. xx.) «Eu vy ao Abuna Marcos, a que chamam papa, fazer benções na ygreja. s. ante a porta principal, estavam assentados hos noiuos em hum catre, e elle abuna andou derredor delles com encensso e cruz, e lhes pos as mãos sobre as cabeças, dizendolhes que guardassem ho que Deos mandaua no euangelho, e e que já nam erão dous apartados, mas erão dous em huma carne; e que assi auiam de ser seus corações e vontades; e ali esteueram até missa dita, e lhes deu a comunhão, e lhes lançou a benção». (P. Francisco Alvarez, *Ibid.*, cap. xxi. Cf. Ludolf, *Com. ad hist. aeth.*, pag. 439.) «Os casamentos entre os abexins foram até estes nossos tempos em tal forma, que nunca entre elles houue verdadeyro matrimonio, porque casauam com tacito ou expresso concerto de o dirimirem, tanto que se desauiessem hum do outro, o marido e a mulher; e pera isso se dauam logo fiadores, com certos costumes assaz estranhos e barbaros, por hauerem de ser estes, que juntamente eram como paranymphos, testemunhas quasi de vista da consumação do matrimonio». (P. Manuel de Almeida, *Hist. de Ethiopia a alta,* liv. i, cap. xv.)

[64] Segundo a Historia de Galávdévós (Ms. 147, fonds éth., da Bibl. Nac. de Paris, fol. 103, *r, a,* e 106, *r, a*) no 8.º anno do seu reinado era Metropolita Abuna Yósab; e no 12.º anno do reinado do mesmo rei, era Metropolita Abuna Pétrós. Na lista dos Abunas de Ethiopia (Wright, *Cat. of the eth. Mss. in the Brit. Museum,* pag. 320; e Dillmann, *Zur Geschichte des Axumitischen Reichs,* pag. 22, nota) Yósab II foi o 90.º Abuna, ao qual succedeu Mikaél; só o 94.º é que teve o nome de Pétrós. Vê-se, pois, que a lista dos Abunas é incompleta, ou não estão segundo a ordem de sua successão. «O Patriarcha quando veo ao Preste na era de 1548, que é o derradeiro que veo, se chama Osefee... Na era de 1551 vinha outro, a que elles chamam tambem patriarcha, pera ficar debaixo da obediencia do outro, e lhe soceeder, se morresse». (Nouas da Christandade de Ethiopia, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.)

[65] *Math.* 19, 6; *Marc.* 10, 9.

[66] i *Petr.* 3, 6.

[67] «O Mouro Nur, filho de Muyahid, Guasil, e Gouernador mór do Reyno de Adel, desejoso de vingar as mortes do Granhe e de seu pay, que com elle acabara em Ogará, por vezes mandaua espias pera saber as forças do Emperador Claudio, e ver se achaua occasião de o accometter. Neste anno (de 1559) tomando algumas espias, lhe disseram que a gente do Emperador era muyta, mas que andaua toda muy mal disciplinada, e sem exercicio algum de guerra; ouuindo isto ajuntou os grandes e capitães do Reyno; contoulhes o que passaua, e como determinaua fazer jornada contra o Emperador; e obrigouos com juramento a que não bebessem vinho, e a jejuarem, e a fazerem nouas deprecações a seu falso Profeta; isto feyto tornou a mandar outras espias, as quays lhes trouxeram as mesmas nouas, que as primeyras; ajuntou então seu exercito, e animou a todos com lhes contar o que passaua em Oggé, onde estaua o arrayal e corte de Claudio, e disselhes que sem duuida Deus lho hauia de entregar em suas mãos, que nada temessem; entrou poys pelas terras do Imperio com mil e setecentos de cauallo, e muyta gente de pé. O Emperador, tanto que soube da vinda dos Mouros, poz tambem logo sua gente em campo; e hindose buscar hum ao outro, se encontraram em huma larga campina. Tanto que a batalha se começou, vendo os Abexins e sentindo a resolução com que os Mouros pelejauam, os mays delles viraram as costas, deixando a Claudio, que

como esforçado e animoso pelejaua fortemente no meio dos inimigos, sómente acompanhado do Capitão dos Portuguezes com desoyto soldados, os quays, posto que fizeram marauilhas, cercados porém e affogados da grande multidão dos Mouros, ally acabaram com o Emperador. Seguiram os Mouros o alcance, mataram gente sem conto; senhorearamse do arrayal e dos despojos que nelle acharam, e captiuaram a muytos. Voltou o Mouro Nur pera sua terra rico e honrado com tal victoria; e o triumpho com que nella quiz entrar foy caualgar em hum jumento com huma sella velha, do que espantandose os que o viam, lhes satisfez dizendo que elle não alcançára aquella victoria, que só Deos lha dera; que suas forças não eram pera tanto, pelo que não tinha de se gloriar, que a gloria queria fosse toda de Deos, que por elle pelejára e vencéra.» (P. Manuel de Almeida, *Hist. de Ethiopia a alta,* liv. IV, cap. VI. Cf. *Hist. de Galávdévós,* Ms. 147, fonds éth., da Bibl. Nac. de Paris, fol. 113, *v,* e segs. P. Balthazar Tellez, *Hist. de Ethiopia a alta,* liv. II, cap. XXIX. Basset, *Études,* pag. 21 e 113. Dr. Paulitschke, *Harar,* pag. 223, 507 e 511.)

[68] Depois da morte de Galávdévós, os Malasáys, commandados por Nur, dirigiram-se á provincia de Vaǰ para tomarem ás mãos a rainha Sabla Vangél e seu filho Minás; mas não poderam por ella se ter retirado para uma serra forte do Gojám. Neste meio tempo tiveram noticia, que o Abetóhun 'Hamalmál entrara em seu paiz, e matara o seu rei; e que, depois que elle se recolhera a Ethiopia, tinhão entrado naquelle paiz os Gallás, que andavam assolando e destruindo tudo; com estas noticias retiraram-se apressadamente para Adal. (Couto, dec. VII, liv. VIII, cap. IX. Basset, *Études,* pag. 21 e 113.)

[69] Abá Zekré (Basset, *Etudes,* pag. 20 e 113).

[70] «E juntos alli (os grandes) choraram a morte do Emperador, e lhe fizeram suas exequias, para o que até então não tiverão logar, rapandose todos por dó, e com elles os portuguezes, por ser assim o costume dos abexins em seus nojos». (Couto, dec. VII, liv. VII, cap. IX). «Aos mortos choram com prantos muito largos, e de muitos dias, começando a prantear muito ante manhã, e durando o pranto até alto dia; ajuntamse alli os pais, filhos, parentes, e amigos do defuncto, e muitas mulheres lamentadeiras, que o fazem ao som do tambor, batendo com as palmas das mãos, e dando nos peitos, e dizendo com tom triste taes lastimas, que quebram o coração; trazem a este lugar do pranto o cavallo do defuncto, se o tinha, a lança, as bandeiras, se era capitão, a rodela, a espada, os vestidos ricos, cadeias de ouro, collares, e sobre cada peça mostrando a todos dizem tantas cousas que não ha ter as lagrimas». (P. Manuel de Almeida, *Hist. de Ethiopia a alta,* liv. I, cap. XV.)

[71] *Math.* 5, 45.

[72] No Ms. lê-se ውዑዬ ፡ que corrigimos em አውዩቱ ፡ por comparação com o que se lê no fol. 118, *v, b,* e 125, *v, a.*

[73] «Para tratar da eleição do Emperador se ajuntarão todos os grandes, e forão buscar a Rainha, que estava recolhida em huma serra forte com o filho na provincia de Gojam... Feito isto alevantarão por Emperador o irmão do morto Adamas Sagad, com suas pompas acostumadas». (Couto, dec. VII, liv. VIII, cap. IX.)

[74] No Ms. 147, fonds éthiopien, da Bibl. Nac. de Paris, lê-se meio apagado ወሱሰጊ ፡; mas o do British Museum (Orient. 821) tem ወሱሰዙኍ ፡ lieção que adoptámos no texto (Dr. Hoerning).

[75] Galávdévós não deixou filhos varões; e tendo já fallecido no 17.º anno do seu reinado seu irmão Yáqób, segundo filho de Lebua Dengel, os grandes fizeram rei a Minás, terceiro filho. Mais tarde os descontentes revoltaram-se contra Minás, dizendo que não lhe pertencia o throno, mas sim aos filhos varões de Yáqób. «Os grandes não queriam obedecer a el Rey Adamas, por haver sido mouro, e dizerem que a successão destes reinos não era sua, senão dos filhos de outro mais velho irmão seu, que já era defunto.» (Carta do Patriarcha D. André de Oviedo, de 14 de julho de 1564, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.)

[76] Segundo Ludolf (*Hist. aeth.*, II, I, 35) Además Sagad significa adamas venerabilis, «diamante veneravel».

[77] Cf. *Corinth.* 15, 9.

[78] Cf. *Act.* 13, 2; e *Rom.* 15, 16.

[79] O mez de miyázyá é o 8.º mez do anno ethiopico, e começa a 27 de março segundo o calendario juliano; corresponde, com pequena differença, ao mez de nisan, primeiro do anno sagrado dos hebreus. (Dillmann, *Lex. aeth.,* col. 214.) Assim 14 de miyázyá de 7051 A. M. corresponde a 9 de abril de 1559 J. C.

[80] 'Hamalmál era filho de Rómána Varq, filha de Ná'ód. Vide nota 11.

[81] Dégalhan foi um general do exercito de Ethiopia, que no 19.º anno do reinado de Lebna Dengel fez guerra ao paiz de Adal, saqueou as povoações, e levou as mulheres captivas; sendo, porém, perseguido pelo Gráñe, teve de lhe abandonar os captivos e os despojos. (Basset, *Études,* pag. 13 e 103.)

[82] Bégamder é uma provincia situada a leste do lago Žáná, entre o 'Ábávi e o Takazé. (Basset, *Études,* nota 76.)

[83] Mangesta Samáyát (Reino dos Ceos) é um districto da provincia de Gójám (Abbadie, *Géodésie d'Éthiopie,* carta n.º 6. Legrand, *Relation historique d'Abissinie,* carte de l'Abissinie.)

[84] Gojám é uma das principaes provincias do 'Amhará; está situada ao sul do lago Žáná, a oeste e norte do 'Abávi, e a leste de Damót. (Basset, *Études,* nota 154.)

[85] «E despedio logo seu primo Abitocon Malahamal, com hum arrezoado exercito, para ir tomar vingança da morte do Emperador seu irmão.» (Couto, dec. VII, liv. VIII, cap. IX.)

[86] Vide nota 67. «A historia (dos soberanos de Harar) começa com o Principe dos crentes Nur, filho do vizir Mudjahid, (isto é, o Campeão da Fé) Suha (?). O principio do governo de Nur caiu no anno 960 (1552 J. C.), e falleceu no mez de rebi primeiro de 975 (1566 J. C.). Elle caminhou — Deus se compadeça d'elle —

na mais perfeita justiça e equidade além da propria natureza. Foi o segundo conquistador, e aquelle que matou o Rei dos Abexins, Atnaf Segged... Elle entrou em campanha contra o paiz dos Abexins, e pelejou com o seu Rei, e matou-o, e cortou-lhe a cabeça, e veio com ella para Baħr Saʿad ed-Din, e eu mesmo vi a cabeça do Rei, a quem Deus amaldiçoe. E Nur devastou o paiz dos Abexins, e voltou para o seu paiz.» (Historia dos Soberanos de Harar, que fizeram a guerra santa contra os Abexins, por Abu Bakr ben Muhammed ben Hassain, publicada pelo dr. Paulitschke, *Harar*, pag. 506 e 511.) «O principio do governo do Emir Nur, filho do vizir Mudjahid —Deus se compadeça d'elles— foi no anno de 959 (1552 J. C.); e morreu de peste no meio da fome em uma sexta feira, quando tinham passado duas noites de rebi primeiro, do anno de 975 (1567–1568 J. C.), depois de voltar de uma campanha contra os Gallás por tres mezes inteiros, nos quaes foram devastados os paizes de Sim (سيم), e Xoua (ሸዋ ፡), e Nedjeb, e Djedaia (ሐዲያ ፡), e Dakar, e a maior parte do paiz de Hardjaia (ሐርጋያ ፡). Depois com os sobreviventes construiu as muralhas (de Harar), e cavou o fosso durante a fome; e elle então morreu.» (Listas dos Emires de Harar, publicadas pelo Dr. Paulitschke, *Harar*, pag. 513 e 515. G. Ferrand, *Çomal*, no *Bulletin de correspondance africaine*, 1884, fasc. IV, pag. 290 e 291.)

[87] Daǰ 'Azmác «guerreiro da porta», era um funccionario da côrte de Ethiopia, encarregado de introduzir os estrangeiros junto do rei; mais tarde este nome tornou-se um simples titulo honorifico. O daǰ 'azmác tinha direito a tantos atabales, quantas provincias governava. (Basset, *Études*, nota 152.)

[88] 'Abávi é o nome geʿez do maior rio de Ethiopia (Nilo azul). (Abbadie, *Dic. amar.*, col. 513.)

[89] Martula Máryám é uma povoação do districto de Anabsé, na provincia de Gójám, e situada em 10° 47′ lat. N., e 35° 55′ long. E. do meridiano de Paris. (Abbadie, *Géodesie d'Éthiopie*, pag. 432.) Martul, መርጡል ፡ (de μαρτύριον, testemunho) significa «capella dedicada á memoria dos santos e martyres» (Dillmann, *Lex. aeth.*, col. 171); assim Martula Máryám é uma capella dedicada a Maria, Nossa Senhora; o P. Manuel de Almeida (*Lettere dell' Ethiopia dell' anno 1626 sino al Marzo 1627*, Roma, apresso l'herede di Bartholomeo Zannetti, 1629, pag. 32) traduz por «caza della Madona»; e o P. Balthazar Tellez (*Hist. de Ethiopia a alta*, liv. II, cap. IV) por «pouzada de Maria».

Em Martula Máryám houve um templo que dizem ter sido o mais sumptuoso e rico de Ethiopia no seu tempo; foi fundado pela rainha Helena, viuva do Rei Baʿeda Máryám, a qual governou Ethiopia durante a menoridade de seu neto Lebna Dengel. A mesma rainha, senhora dotada de grande intelligencia e muito rica, mandou ir do Egypto diversos artifices para a construcção do mesmo edificio. Na assomada de um outeiro fizeram uma cerca de muro de pedra e barro, em forma quadrada; cada panno de muro tinha 200 braças (440^{m}) de comprimento, a sua espessura era de 8 palmos (1^{m},76), e a sua altura 20 palmos (4^{m},40). Dentro d'esta cerca foi construida a Egreja, tambem de forma quadrada, tendo 100 palmos (22^{m}) de lado, e com alguns alpendres de 10 palmos (2^{m},20) de largura. Os muros da Egreja eram de cantaria lavrada com diversos lavores, e tinham 15 palmos (3^{m},30) de altura; o tecto era de colmo como nas demais egrejas de Ethiopia: não recebendo luz senão pelas janellas dos alpendres, a egreja ficava bastante

escura. A mesma Rainha dotou a egreja com ricos ornamentos, e vasos preciosos para serviço do culto. Vinte annos depois de construida, o Gráñe tendo noticia das riquezas amontoadas nesta egreja, a saqueou e incendiou; mas os abexins a repararam como souberam; e emfim pouco depois foi incendiada e destruida totalmente pelos Gallás. (P. Manuel de Almeida, *Ibidem;* P. Balthazar Tellez, *Ibidem.*)

[90] O paiz de Bad é situado no territorio occupado pelos Gallás. (Basset, *Études,* pag. 24 e 118; e nota 218.)

[91] Zadá (Basset, *Études,* pag. 26 e 129), é uma povoação da provincia de Dambyá, situada a 12º 29′ lat. N., e 35º 10′ long. E. do meridiano de Paris. (Abbadie, *Géodésie d'Éthiopie,* pag. 430, Tadda.)

[92] Segundo a tradição ethiopica, a Lei e Constituição do Reino foi enviada de Jerusalem com Menilék, filho de Salomão. Neste documento são descriptos os titulos e funcções dos altos dignatarios do reino e da côrte, e enumeram-se as provincias que são o apanagio de cada um d'elles. (Dillmann, *Cat. Cod. Mss. Bibl. Bodl.*, cod. aeth., Ms. XXVIII, fol. 1, 2; e *Ueber die Regierung, insbesondere die Kirchenordnung des Königs Zar'a Jacob,* pag. 78. Zotenberg, *Cat. des Mss. éth. de la Bibl. Nat. de Paris,* Ms. 142, fol. 27, e Ms. 143, fol. 25. Wright, *Cat. of the eth. Mss. in the British Museum,* Ms. CCCXCII (393), VII, 1.º) Minás no principio do seu reinado fez pôr em vigor as disposições das antigas leis do paiz, caídas em desuso nos ultimos reinados; o que deu logar ao descontentamento dos grandes.

[93] «Começou a usar de sua má natureza, e desfez a maior parte dos grandes do reino, e fez outros de novo, com que se fez odiado e aborrecido de todos». (Couto, dec. VII, liv. VIII, cap. IX.)

[94] Ysĥaq, que no principio do reinado de Galávdévós era Báĥr nagáx (ባሕር ፡ ነጋሽ ፡), foi em 1541 a Maçuá pedir ao Governador da India, D. Estevam da Gama, soccorro contra os mouros, e acompanhou os portuguezes que entraram em Ethiopia com D. Christovam da Gama. «Chegando á ilha de Maçuá veyo ali ter com elle hum senhor dos da casa de Adeganà, que se chamava Isaac, que então era Baharnagais». (Tellez, *Hist. de Ethiopia a alta,* liv. II, cap. VIII.) Nos ultimos annos do reinado de Galávdévós, Ysĥaq teve de pelejar com o Baxá Zemur, que com 500 turcos tinha occupado Maçuá. Por causas que não são bem conhecidas, entrou na conjuração que os grandes fizeram contra Minás no segundo anno do seu reinado, e em que acclamaram rei a Tazkáró. Escreveu diversas cartas ao Governador da India (*Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa) em que declara os motivos que teve para se alliar com os turcos, e em que pede soccorro de portuguezes e de bombardas.

[95] Os Falaxás pertencem á familia proto-semitica, assim como os Agaus, Sahos e Bedjas. Dominaram Ethiopia em uma epocha que é difficil de determinar, mas foram expulsos de certas provincias pela emigração semitica dos ge'ez no primeiro seculo da era christã; comtudo, souberam conservar-se em algumas provincias, como no Samén, Lástá, Agaumeder e Damót. Uma parte d'elles professa ainda hoje o judaismo. (Basset, *Études,* nota 60.) O chefe dos Falaxás do Samén, com o qual Minás pelejou, chamava-se ረዴእት ፡ Rade'ét. (Basset, *Études,* pag. 23 e 116. Cf. Bruce, *Voyage,* tom. IV, pag. 315 e 415.)

[96] Samén é uma provincia do 'Amhará, limitada ao norte e leste pelo Takazé, ao sul e oeste pelo Bégameder e Vágará. É atravessada por altas montanhas, onde ha numerosas ambás (serras fortes), e é habitada por uma população quasi independente de Agaus. (Basset, *Études,* nota 153.)

[97] «E o Emperador com outro exercito e todos os portuguezes (de que era capitão Francisco Jacome) foi contra a serra dos Judeos, e por vezes a cometeo entrar; mas como os Judeos estavão muito fortificados, de todas ellas sahio sempre desbaratado e quebrado, pelo que houve seu conselho tornarse para a terra de Garagará (Vágará).» (Couto, dec. VII, liv. VIII, cap. IX. Cf. Bruce, *Voyage,* tom. IV, pag. 315.)

[98] 'Enfráz é um districto montanhoso do 'Amhará, na margem nordeste do lago Žáná; a sua principal povoação é Ambá Máryám. (Basset, *Études,* nota 345.)

[99] Segundo a recensão do Padre Manuel de Almeida chamava-se Balegarad o homem que tentou assassinar Minás; Bruce diz que foram dois pastores de Hebenát. (Bruce, *Voyage,* tom. IV, pag. 316.)

[100] «Entre elles (os abexins) não ha outro genero de armas que azagaias, alguns terçados.» (D. João de Castro, *Roteiro de Goa a Suez,* Porto, 1833, pag. 73.) «As armas de que usam são zarguncho, que são humas como meias lanças, que tem as hastes delgadas, e os ferros huns estreitos como da nossa lança, outros largos como de chuças, mas delgados, para arremessarem a huns com força, e a outros menearem jogando com huma só mão, que com a outra meneam a rodela.» (P. Manuel de Almeida, *Hist. de Ethiopia a alta,* liv. I, cap. XVIII.)

[101] Cf. I *Reg.* 17.

[102] Cf. *Gen.* 22, 1 a 14.

[103] *Joh.* 8, 44.

[104] البرنوس *albornós,* «capa». (Eguilaz, *Gloss.,* s. h. v.). «Sopra lo schiamma i nobili e le personne facoltose portano un *bournous,* che è una mantellina che loro arriva poco più in giù del ventre, con capuccio; questo è o in raso o in velluto, o in panno fino europeo, di colore sempre bleu più o meno scuro. Per i meno facultosi, e per chi non ha un dato grado di nobilità, il *bournous* è di stoffa del paese, di un colore marrone scuro, molto pesante e molto ruvida, sebbene per la pioggia sia da preferirsi, come di fatto lo preferiscano a quegli eleganti di raso, di velluto, etc.» (Antonelli, Scioa e Scioani, no *Bolletino della Società Geographica italiana;* Roma, 1882, gennaio, pag. 72.)

[105] Hebenát é uma povoação situada no districto de Belessen. (Basset, *Études,* nota 231.)

[106] Zam‘á é um districto pouco povoado de Tegré, a leste do rio Marab. (Abbadie, *Géodésie d'Ethiopie,* carta n.º 2; G. Lejean, *Voyage en Abyssinie,* pag. 75.)

[107] «Os grandes, que o Emperador tinha lançados fora, ajuntandose entre si por algumas vezes, tratarão de como se satisfarião do Emperador da affronta e

justiça que lhes fizera, (que isso ganhão os tyrannos e crueis serem aborrecidos de todos, e tratarem contra elles traiçoens como estes fizerão) que assentarão de o mandar matar, para o que tiverão praticas com hum seu privado chamado Bellorada, e tantas promessas lhe fizerão, que se lhes offereceo ao matar de noite estando dormindo, o que cometeo temerariamente e sem consideração; porque a noite que determinava de o fazer, entrou na camera, e hindo para lhe dar, com o assodamento errou o golpe, e deu na cama, ao que accordando o Emperador bradou alto sem saber o que era, e o Bellorada foi fogindo para fora. O Emperador foise alevantando, e chamando por Bellorada, sem saber nem poder cuidar que era elle o autor daquelle maleficio, e acodindolhe alguns criados, mandonlhe tomar todas as portas, e que todo o que saisse para fora lho trouxessem, e que se fizesse com muito segredo e quietação. E mandou espiar as portas dos portuguezes para ver se ouvião entre elles algum rebolliço; e acharão todos tão quietos, como homens que se não temião de cousa alguma. E dando busca aos paços acharam menos o Bellorada, que deo ruim suspeita; pello que mandou o Emperador que logo se buscasse com muita diligencia, e lho levassem; e ao outro dia lhe foi trazido; e feitas perguntas do caso, confessou que era verdade que hia para o matar, mas não descobrio algum dos da conjuração, pello que o Emperador o mandou matar. E por experimentar a lealdade dos portuguezes, quando lhe trouxeram o Bellorada preso, mandou dizer a todos que já tinha o seu inimigo em seu poder, do que elles mostrarão tamanho alvoroço, que ajuntarão peças que deram de alviçaras, a quem lhe levou o recado, o que o Emperador estimou muito quando o soube.» (Couto, dec. VII, liv. VIII, cap. IX. Cf. Bruce, *Voyage*, tom. IV, pag. 315 e 316.)

108 Varvar é um districto da provincia de Lastá, ao qual pertence a povoação de Roha, onde o rei Lálibalá fez construir dez egrejas abertas na rocha viva. (G. Sapeto, *Viaggio e missione catolica fra i Mensa i Bogos e gli Habab;* Roma, 1857, pag. 426. Basset, *Études,* pag. 14 e 104.)

109 «Por ser S. A. con los suyos intratable y rigido, en fin del año de 1560 toda la mayor nobleza y potencia de Ethiopia se rebeló, y hizieron Rey un mancebo bastardo, hijo de otro hermano del Rey mayor, que no el, ya defuncto; y llamavase el mancebo Becon Tazcaro. Con este se juntaron no solo muy muchos y los mas nobles del Reyno, mas tambien el Capitan de los muestros con cerca de treinta lusitanos.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.) «Por ser nimiamente aspero e intratavel, se rebellarão contra elle todos os grandes, e fizeram Rey hum mancebo filho bastardo de outro seu irmão mais velho que elle; nesta liga entrou o capitão dos portugueses com atee trinta homens que com elle se puderão ajuntar.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 31 de março de 1563, *Ibid.*) «Esta terra se revoluco a quatros annos, não querendo os grandes obedecer a el Rey Adamas por auer sido mouro, e dizerem que a successão destes reynos não era delle, senão dos filhos de outro mais velho irmão seu, que era já defuncto.» (Carta do Patriarcha D. André de Oviedo, de 14 de julho de 1564, *Ibid.*)

Na traducção empregámos as palavras «levantamento» e «alevantado» que são as usadas pelo Patriarcha D. Affonso Mendes, e P. Manuel de Almeida, em seus escriptos referindo-se ás revoltas dos grandes de Ethiopia.

110 *Ps.* 20, 11.

[111] Hažégé ሐፄጌ ፡ é um titulo dos reis de Ethiopia, semelhante ao nosso de «magestade». Esta palavra é, segundo Ludolf, amariña. (*Hist. aeth.*, II, I, 25; e *Commentarius ad hist. aeth.*, pag. 222.) Abbadie traduz por «imperador, rei dos reis». (*Dic. amar.*, col. 17.) «Os termos ordinarios de que usam, que respondem aos nossos de alteza, ou magestade são *aceguê*, ou por syncopa *acê*. (P. Manuel de Almeida, *Hist. de Ethiopia a alta*, liv. I, cap. I.)

[112] «Todavia os da conjuração, receandose que em algum tempo podessem vir a ser descobertos, apartarãose da corte, e fizeram cabeça daquelle bando ao capitão Isac. E vendo que o Emperador procedia em sua má natureza, consultaram entre si de fazerem outro Rey e assim alevantaram a Goyame Nagais, primo com irmão do Emperador, a quem acodio muita parte da gente das provincias. E o Isac grangeou alguns portuguezes para aquelle negocio, de que era cabeça Francisco Jacome; e o Bispo e Padres favoreciam esta parte tudo o que podião, mas muito em segredo». (Couto, dec. VII, liv. VIII, cap. IX.) «E no 2.º anno (do reinado de Minás) os seus capitães separaram-se, e fizeram Rei a Tazkáró na provincia de Dábre.» (*Chronica ethiopica*, em Basset, *Études*, pag. 23 e 116.)

[113] «Minás, a fim de suffocar a rebellião em seu principio, mandou Zar'a Yóhanes, a quem deu as tropas que pode reunir no primeiro instante; mas Ysḥaq informado da fraqueza deste exercito, e contando com a superioridade do seu, attacou-o logo, e o dispersou.» (Bruce, *Voyage*, tom. IV, pag. 317.) Zar'a Yóhanes morreu no 11.º anno do reinado de Sarža Dengel. (Basset, *Études*, pag. 23 e 117.)

[114] Sabe-se que era um leão o emblema da tribu de Judá, á qual pertenceu Salomão; e que, segundo a tradição, os Reis de Ethiopia descendem de Menilék, filho de Salomão e da Rainha de Sabá. Assim os reis de Ethiopia adoptaram para divisa de sua realeza um leão sustentando uma cruz, e a legenda: ሞአ ፡ አንበሳ ፡ ዘእምነገደ ፡ ይሁዳ ፡ «Vicit Leo de tribu Juda». (Tellez, *Hist. de Ethiopia a alta*, liv. I, cap. XXVI. Godinho, *De Abassinorum rebus*, liv. I, cap. VII. Ludolf, *Hist. aeth.*, II, I, 41. Fritz Hommel, *Die aethiopische übersetzung des Physiologus*, Leipsig, 1877, pag. 2, e 45 nota 4.)

[115] Siré é uma provincia do Tegré, comprehendida entre o Marab e o Takazé; a sua principal povoação é Dabra Abay. (Basset, *Études*, nota 134.)

[116] 'Adyábó, capital do districto do mesmo nome, é uma povoação de Tegré ao norte do Siré, na margem esquerda do Marab. (Basset, *Études*, nota 341.)

[117] ደብር ፡ propriamente significa «monte», e por extensão «mosteiro», em razão d'estes serem em Ethiopia primitivamente situados nos montes. Os mosteiros são constituidos por um templo em volta do qual estão espalhadas as humildes habitações dos monges, as quaes formam uma pequena aldeia. Cada monge cultiva o seu campo, e vive do seu producto. (Ludolf, *Hist. aeth.*, III, III, 34. 36. 40. Dillmann, *Lex. aeth.*, col. 1102.) É possivel, porém, que deva ler-se ዳብር ፡ Dábre, que é um districto da provincia de Tegré, no qual as tropas revoltosas proclamaram rei a Tazkáró. (*Chron. eth.*, em Basset, *Études*, pag. 23 e 116.)

[118] «El Rey viendo esta junta diose accorrer lo que mas temiò, que fue al Barnagais Isac, persona mui señalada en cosas de guerras, y por cujos medios

estes reynos fueron libres de muy graues daños; este estaua en las partes maritimas, negoceando cosas que el Tazcaro le mandò; y aun que en un recuentro que con el tuuo le hizo huyr, en el segundo quedò el Barnagais vencido.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa. Cf. Guerreiro, *Relação de 607 e 608,* fol. 297, *v.* Tellez, *Hist. de Ethiopia a alta,* liv. II, cap. XXX.)

No ms. lê-se **ዘተዐን ፡** que suppomos ser falta do copista, por **ዘተሐዐን ፡**

119 'Hamlé é o 11.º mez do anno ethiopico; começa a 25 de junho do calendario juliano. (Dillmann, *Lex. aeth.,* c. 71.)

120 As razões, que demoveram o capitão Francisco Jacome e outros portuguezes a seguir o partido dos alevantados, não são bem conhecidas; parece entretanto provavel, que os maus tratos, de que Minás tinha usado para com o Bispo D. André de Oviedo, e para com os catholicos, não fossem estranhos áquella resolução. É possivel que Tazkáró e o Barnagais Ysĥaq promettessem reduzir-se á fé romana, se da India recebessem soccorro de portuguezes para expulsar Minás do throno, e os turcos de Maçuá. (Cf. Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.) Nesta carta lê-se: «y ultra lo que tengo dicho, la mas efficaz causa que muuiò los nuestros lecharse de parte deste, fue lo que aquy no se puede referir, mas saberloa V. P. de la India.» Não se deve esquecer que esta carta foi enviada para o Cairo ao Irmão Fulgencio Freire, que alli estava captivo, para a mandar para Roma ao P. Geral. O mesmo Irmão Fulgencio Freire em uma carta escripta do Cairo ao P. Geral, no fim de novembro de 1662 (*ibid.*) diz: «A 13 de novembro chegarão aqui dous portuguezes da companha de Antonio Pinto, acima dito, que foram catar resguate ao reyno do Abexim... e por informação delles, porque o Padre Bispo e o Padre Manuel Fernandez não ousarão escreuer mais largo, por causa das muitas estancias por onde ellas auião de passar; e o que elles me disserão he que era entrado o Zemur Baxá dentro no reyno com obra de trezentos turcos, e outra gente arabia, que está da banda do Barnagais Isac pera lhe ajudar a desbaratar o Rey, e que lhe dá por isso o terço do reyno; e agora auerá obra de tres mezes que lhe foram daqui quatrocentos turcos, e agora manda pedir ao gram Turco mais gente.» (Cf. Bruce, *Voyage,* tom IV, pag. 321–322.)

121 *Math.* 26, 39.

122 «Bolviose en busca del sobrino, y en dos dias de Julio de 1561 peleò con el, y lo prendiò, y uno a sus manos los principales que andauan con el Tazkáró; de los nuestros murieron ocho, y prendió veinte.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.) Segundo Bruce (*Voyage,* tom. IV, pag. 318) a batalha teve logar em Vagará a 31 de julho de 1561.

123 Abétóĥun Yóĥanes, filho de Rómána Varq, e portanto primo co-irmão de Minás, colligara-se com o Báĥr nagáx Ysĥaq, que se havia alevantado. (Cf. Carta do P. Manuel Fernandes, de 14 de julho de 1564, e uma do proprio Abétóhun Yóĥanes, de 30 de junho de 1567, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.)

[124] Váyzaró, titulo que primitivamente só era dado ás princezas de sangue real, mas que depois se applicou a qualquer mulher de certa distincção. (Abbadie, *Dic. amar.*, col. 680. Basset, *Études*, nota 194.)

[125] Cf. *Gen.* 4, 8 e seguintes.

[126] «(Minas) no passò adelante por ser el hynuierno de todo entrado; y en passando se fue contra otro rey que en una sierra fuerte se auia leuantado con fauor de los grandes, y en la jornada uuo el Rey a las manos, aun que toda la tierra se quedò contra el, porque no uuo la principal persona que buscaua.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas*, Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.) «O Emperador teve logo aviso daquelle negocio, e vendo que lhe era necessario acodir a elle primeiro que os conjurados aquirissem mayor poder, se sahio da sua corte, com todas as gentes que pode ajuntar, e foi buscar os inimigos para lhes dar batalha. E deixando casos que succederão antes de chegar a ella, depois dos exercitos estarem á vista hum do outro romperão batalha levando de huma e outra parte portugueses a dianteyra (que não se quizerão encontrar huns com os outros) mas rompendo nos abexins, fizerão todos nelles grandes estragos e crueldades. E como o poder do Emperador era mayor, e a justiça sua, os tyrannos foram desbaratados de todo, e o Isac se foi acolhendo com alguns á unha de cavallo, ficando captivos o Goyame Nagais, que se intitulava Rey, e o Infante Dom João seu primo, e o Xumo Cafalon, a quem o Emperador mandou logo cortar a cabeça, e aos mais que fossem metidos em serras muito asperas, donde nunca sahissem. Da parte dos conjurados foram sete portugueses mortos, e desanove captivos, que o Emperador dava a Affonso de França, e elle os não quiz aceitar por lhe não ficar suspeitoso, e foram levados a outra serra, onde os trataram mal; e não houve portuguez algum daquelles que seguião a parte do Emperador, que quizesse agazalhar mulher, filhos nem cousa outra alguma dos que seguiram a parte contraria pelos haverem por traidores. Com esta victoria ficou o Emperador prospero e desaliviado, e mandou soltar o Bispo, e o trouxe dali por diante consigo no exercito muito bem tratado, porque por ali quiz ganhar a vontade aos portugueses, pelo muito que lhes vio fazer em sua defensão.» (Couto, dec. VII, liv. VIII, cap. IX.) «Com o Tazcaro, seu sobrinho, alevantado, não foi sua piedade tanta, como o dá a entender o autor da sua chronica; porque, posto que em o prendendo o não matou, comtudo mandandoo prezo para uma alta serra, dali a pouco o mandou despenhar pelas rochas abaixo; e conhecendo seu corpo espedaçado huns lauradores, o enterraram; mas o premio, que lhes deo por esta obra tão pia, foi mandarlhes confiscar todos seus bens; a mesma crueldade usou com alguns portugueses, que seguiram as partes de Tazcaro, mandando a huns espedaçar com machadinhas, a outros despenhar de rochas altas, a hum dos quaes, que acertou de chegar ainda viuo ao chão, estando de joelhos em oração, huns villões que assim o acharam, acabaram de matar.» (P. Manuel de Almeida, *Hist. de Ethiopia a alta*, liv IV, cap. IV.) «Por estar Tazcaro preso, y recelandose que el Rey le matasse, como logo hizo.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas*, Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.) «Tendo feito prisioneiro a Tazcaro, enviou este desgraçado principe ao cume elevado do Lamalmon, donde foi precipitado, e feito em pedaços nas pontas dos rochedos.» (Bruce, *Voyage*, tom. IV, pag. 318.)

[127] *Ps.* 67, 5.

[128] Yóhanes e Tazkáró foram presos no dia seguinte ao da batalha, em 9 de hamlê do 3.º anno do reinado de Minas (3 de julho de 1561), quinta feira; assim a batalha foi dada a 2 de julho de 1561, o que concorda perfeitamente com a data indicada pelo P. Manuel Fernandes (Carta de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.) Segundo Bruce (*Voyage,* tom. IV, pag. 318) a batalha teve logar nas planicies de Vagará, a 31 de julho de 1561.

[129] «El Barnagais Isac, que andaua hazia la mar con mucha gente, que se auia escapado de la batalla, y con el el capitan de nuestra gente, temiendose que no fuesse passado recaudo a la India, ò ya que fuesse passado no siendo cierto se enbiarian gente, recelandose que lo corriesse el Rey, determinò hazer liga y amistad con Zemur Baxá, y los Turcos.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa. Cf. Bruce, *Voyage,* tom. IV, pag. 318.)

[130] Esta palavra encontra-se escripta de differentes maneiras; **ዑዝደሚር ፡** (*Hist. de Galávdévós*), **እስደሙር ፡** (*Hist. de Minás*), **ዝሙር ፡** (*Chron. eth.*). Nos principios de abril de 1557, o Baxá Zemur com 500 soldados occupou Maçuá e Archico onde se fortificou. Em junho seguinte marchou, com 100 homens de cavallo e 400 de pé, para Debaruá, que se lhe entregou; aqui fez um forte de pedra e barro em um sitio defensavel por natureza. Depois de alguns desastres, os turcos tiveram de abandonar Debaruá, reduzindo-se a Maçuá e Archico. (Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa. Couto, dec. VII, liv. IV, cap. IV; liv. VII, cap. V; liv. X, cap. IV. Basset, *Études,* pag. 23, fol. 109, *v,* e segs. *Hist. de Galávdévós,* Ms. 147, fonds éth., da Bibl. Nac. de Paris, fol, 109, *v,* e segs.)

[131] «Poucos dias depois do Bispo e Padres chegarem á corte (em 1557), chegarão novas que o Baxá do Turco com cento de cavallo e quatrocentos de pé partira de Maçuá para Baroá, e que em hum passo tivera huma batalha com o Barnagais, em que o Turco lhe matara muita gente, e hum irmão do Capitão Isac, chamado Agaba.» (Couto, dec. VII, liv. VII, cap. IV.) «Y aun que el uno al otro se tenian hecho muy graues daños.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa. Cf. Bruce, *Voyage,* tom. IV, pag. 318–319.)

[132] «El recelo que Isac tenia del Rey, y deseo que Zemur Baxá tenia de effeetuar su impressa de entrar en Ethiopia, uno de concertarlos; y assy hechos sus pactos, Zemur Baxá entrò en la tierra con ciertas pieças de artilleria, y con algunas escopetas y cauallos.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.) «No fim do anno de sessenta e dous, Isac fez amisade com Zemur Baxá turco, e hum com cubiça de apanhar senhorios alheos, e outro com temor de perder os proprios, derãose as mãos, e entraram os turcos nesta terra (em Debaruá) o dia do glorioso S. Sebastião, em janeiro de 1562.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 31 de março de 1563, *Ibid.*) «O Barnagais Isac, vendose sem soccorro de gente

da India, que esperava o anno de 62, fez amisade com os turcos que estauam em Archico.» (Carta do Patriarcha D. André de Oviedo, de 14 de julho de 1564, *Ibid.*) «E se pola ventura ouuir a alguem que eu metti turcos nesta terra, não me faltará rezão que podera dar por mim... e se com elles me ajuntey foi por me faltarem portuguezes.» (Carta do Asmache Isac, de 30 de junho de 1567, *Ibid.*) «Sabendo o Baxa turco (que estava em Archico) estas cousas, pareceendolhe que seria grande lanço sanearse com o Isac, e fazerem ambos guerra áquelle Emperador até o destruirem de todo, porque depois lhe ficava melhor occasião pera o que pretendia; e assim tratou isto por meio de hum mouro senhor da ilha de Dalecá, grande amigo deste capitão Isac, que carteandose com elle, veio a os conformar, e assentaram que se vissem ambos; e o turco lhe mandou hum filho seu para lhe ficar em refens, emquanto durasse a liga que fazião. E assim dia de S. Sebastião passado se ajuntarão em huma ribeira seis legoas de Archico, levando Isac só consigo Francisco Jacome e o capitão Arabo; e nas vistas assentarão amizades, e jurarão juntos e confederados ambos fazerem guerra ao Emperador.» (Couto, dec. VII, liv. X, cap. VI.)

133 Segundo Bruce (*Voyage,* tom. IV, pag. 319) o preço da alliança do Baxá Zemur com Ysḥaq, foi a cessão de Debaruá, e de todo o territorio até ao mar. Debaruá era então uma povoação grande e commerciante, muito abundante em toda a especie de mantimentos, que faltavam em Maçuá, e chave da provincia de Tegré e do planalto de Ethiopia. «Luego hizieron Rey a un niño legitimo hijo del padre de Tazcaro, y hizieron este por estar Tazcaro preso, y recelarse que el Rey lo matasse como logo hizo.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.) «E temendose que el Rey teria já morto o Betecun Tazcaro, seu sobrinho, como foi, fizerão Rey hum menino irmão do mesmo Tazcaro, filho legitimo de Betecun Jacobo, irmão mais velho de Adamas.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 31 de março de 1563, *Ibid.*) «E para (Isac e o Baxá Zemur) fazerem esta expedição com alguma cor, assentarão que se alevantasse por Emperador hum menino de oito annos, chamado Marcos, filho de Abetocun Yacob, em que muitas vezes temos fallado, que o Isac trazia consigo com sua mãi e outro irmão bastardo, chamado Fasalates (Fásiladas), e huma irmã, que o Isac casou com hum filho seu chamado Tagala Micael (Takla Mikaél). E assim foy alevantado o moço, e lhe fizeram as cerimonias acostumadas naquelle Imperio, e lhe poseram nome Alefsiguit (አዕላፍ ፡ ሰገድ ፡), e o Baxá lhe deo logo alli algumas peças ricas, e cavallos fermosos.» (Couto, dec. VII, liv. X, cap. VI.) Bruce (*Voyage,* tom. IV, pag. 323) diz que o Báhr nagáx fez proclamar rei a um principe chamado João, irmão de Tazkáró, depois que este foi precipitado dos rochedos do Lamalmon.

134 Tegré é uma das grandes divisões de Ethiopia; tem por limites a oeste os territorios habitados pelos Barkas, ao norte os habitados pelos Bogos, a leste o paiz dos Danakil, e ao sul as montanhas de Lastá e o rio Takazé. (Salt, *Voyage,* II, pag. 287 e segs.)

135 Aksum era a antiga capital de Tegré, e é notavel pelas suas antiguidades.

136 Eda Makuenen, «feudo ou vinculo dos principes», é uma povoação de Tegré.

[137] Endartá é um districto de Tegré ao sul de Agamé e ao norte de Vajerát; a sua capital é Antalo. (Salt, *Voyage*, tom. II, pag. 290.)

[138] «El Rey passado ya el tiempo de sus recelos de portugueses, aun que sabia la liga que Isac tenia con los turcos, desciendió al Tigray con mucha gente, y en 22 dias de abril de 1562 peleò con sus inimigos; y sin pelea trauada, ni acaecer muerte de nadie, sino solo el assombramiento del artelleria, el Rey se puso en huyda, y su real fue tomado.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 29 de de julho de 1562, nas *Cartas annuas dos Jesuitas*, Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.) «Passado o tempo... veo abaixo e pelejou com Isac e turcos em 20 de abril de sesenta e dois, e foi delles desbaratado e posto em fugida.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 31 de março de 1563, *Ibid.*) «O Barnagais Isac... em 20 de abril pelejou com Adamas Rey, e o desbaratou.» (Carta do Patriarcha D. André de Oviedo, de 14 de julho de 1564, *Ibid.*) «O Baxá negociou algumas peças de artilheria de campo para a jornada. O Isac tomou consigo o Emperador minino, e em sua companhia seu pay e o capitão Harbo com alguns portugueses, e toda a gente que poderam ajuntar, que não passou de cento de cavallo abexins, e mil de pé, e o Baxá outra tanta gente... E (o Emperador) logo se poz em campo com seiscentos de cavallo e dez mil de pé em que entravam duzentas espingardas... E ao outro dia, que foy a derradeyra oitava da Paschoa, (o Baxá Zemur) começou a bater as estancias do Emperador com tamanho terror e espanto, que os abexins de medo se puzeram em desbarato, e o Emperador com elles, e no alcance foram os Turcos captivando muitos... Acabado o alcance recolheose o Baxa com Isac aos alojamentos do Emperador, onde acharão muitas presas que mandarão recolher.» (Couto, dec. VII, liv. X, cap. VI.) Segundo Bruce (*Voyage*, tom. IV, pag. 322) a batalha teve logar a 20 de abril de 1562, e Minás venceu o Báhr nagáx sem muita resistencia, e mesmo sem ter perdido muita gente. Affirma ainda (*Ibid.*, tom. IV, pag. 323) que os annaes da Abyssinia o referem assim, e attribue aos escriptores europeus a noticia de que Minás foi vencido, e que perdeu a vida na mesma batalha. Como se vê do texto, Minás foi vencido, o que está de accordo com o que referem os jesuitas. Quanto á morte de Minás, em uma Carta do Patriarcha D. André de Oviedo, de 14 de julho de 1564, lê-se: «Em 20 de abril da mesma era (o Barnagais) pelejou com Adamas Rei, e o desbaratou, o qual morreu logo o fevereiro do seguinte anno.» (*Cartas annuas dos Jesuitas*, Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa. Cf. Tellez, *Hist. de Ethiopia a alta*, liv. II, cap. XXX; e F. Guerreiro, *Relação de 607 e 608*, fol. 298, *r*, e 300, *v*.) Ludolf (*Hist. aeth.*, II, VI, 14) foi enganado pelo que diz Tellez (*Hist. de Ethiopia a alta*, liv. II, cap. XXXI), o qual se exprime assim: «ficou este miseravel Rey com o exercito desbaratado, e com a vida perdida».

[139] *Dan.* 3, 33.

[140] *Sirac.* 30, 4. Dillmann, *Lex. aeth.*, col. 827.

[141] Vág era um dos cinco cantões do paiz dos Agaus Çaras, habitado por uma tribu d'este nome, no Lastá, perto da nascente do Takazé. (Basset, *Études*, nota 256.)

[142] Atrónsa Máryám é uma povoação no districto do Amhará meridional, na margem esquerda do 'Abávi. (Basset, *Études*, nota 109.)

143 Xavá é uma das antigas provincias de Ethiopia; isolada pelos Gallas do resto do imperio, tornou-se um estado independente, cuja capital é Ankobar. (Basset, *Études,* nota 78.) Segundo Bruce (*Voyage,* tom. IV, pag. 322) Minás, depois da batalha de 20 de abril de 1562, dirigiu-se para Xavá.

144 'Angót é uma provincia meridional do Tegré, limitada ao oeste pelo Lastá, ao norte pelo Vağerat, ao sul pelo Idju, e a leste pelas montanhas que a separam as tribus Afar e Gallás (Basset, *Études,* nota 156.)

145 No Ms. do British Museum (Orient. 821) lê-se: ኀበ ፡ ከተማሆሙ ፡ እዘ ዘሙ ። (Dr. Hoerning.)

146 Os Dobas, que são da mesma familia que os Xangallas, tornavam-se notaveis pela sua ferocidade já no tempo em que o Padre Francisco Alvarez visitou Ethiopia. Segundo este escriptor (*Verdadeira informaçam,* cap. XLVIII), os Dobas, que estavam estabelecidos em Janomora, professavam o islamismo, e pagavam tributo ao rei de Ethiopia. Eram grandes guerreiros, e tinham uma lei, segundo a qual não tomavam mulher sem terem matado doze christãos. (Cf. Salt, *Voyage,* tom. II, pag. 14 e 15. Saint Martin, *Dic. de Géogr.*, s. h. v.) Segundo Bruce (*Voyage,* tom. IV, pag. 322), Minás enviou muitos destacamentos contra os Dobas, que roubavam os gados dos abexins.

147 Kóbe é uma povoação do Tegré, situada no caminho que de Maçuá, pelo passo de Taranta, conduz a Digsa. A sua posição geographica é em 14° 59′ lat. N., e 37° 1′ long. E. do meridiano de Paris. (Abbadie, *Géodésie d'Éthiopie,* pag. 426.) É provavelmente a antiga Κολόη do Periplo do Mar Erythreu. (Müller, *Geographi graeci minores,* tom. I, pag. 257 e segs. Bruce, *Voyage,* tom. VII, pag. 133 e segs. Lejean, *Voyage en Abyssinie,* Paris, 1872, pag. 73.)

148 Segundo Bruce (*Voyage,* tom. IV, pag. 323), Minás, tendo avançado pela provincia de Vág, foi atacado pela febre do kolla (terrenos baixos), e no fim de alguns dias de doença morreu a 31 de janeiro de 1563.

Eis como os escriptores europeus descrevem o caracter de Minás. «E por ser nimiamente aspero e intractavel.» (Carta do P. Manuel Fernandes, de 31 de março de 1563, nas *Cartas annuas dos Jesuitas,* Ms. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.) «Minas deo occasião aos leuantamentos, que houue em seu tempo com sua forte condição e descommedidas palauras, porque afirmam muitos, que como esteue tantos annos catiuo em poder de mouros e turcos, assy como tomou sua lei, fazendose lá mouro, assy tomou delles o barbaro costume que tem de afrontar aos que tratam, especialmente aos criados e vassallos com palavras baixas; e assy dizem que o fazia Minas, usando ainda das mesmas afrontas, que parece se vestio da insolencia turqueza, e se esqueceo da brandura tão natural dos abexins.» (P. Manuel de Almeida, *Hist. de Ethiopia a alta,* liv. IV, cap. VI.) Segundo Bruce (*Voyage,* tom. IV, pag. 325 a 327), Minás era de caracter sombrio, irascivel, mas que parecia feito para o tempo em que viveu. Bravo, vigilante, sollicito para com todos os negocios do governo; sobrio, e inimigo dos prazeres, não differia, nem nos seus habitos nem no seu modo de viver, dos menores soldados do seu exercito. Teve tão pouca inclinação para a religião catholica, que foi espada desembainhada contra ella todo o tempo que reinou; e não parece ter esfriado

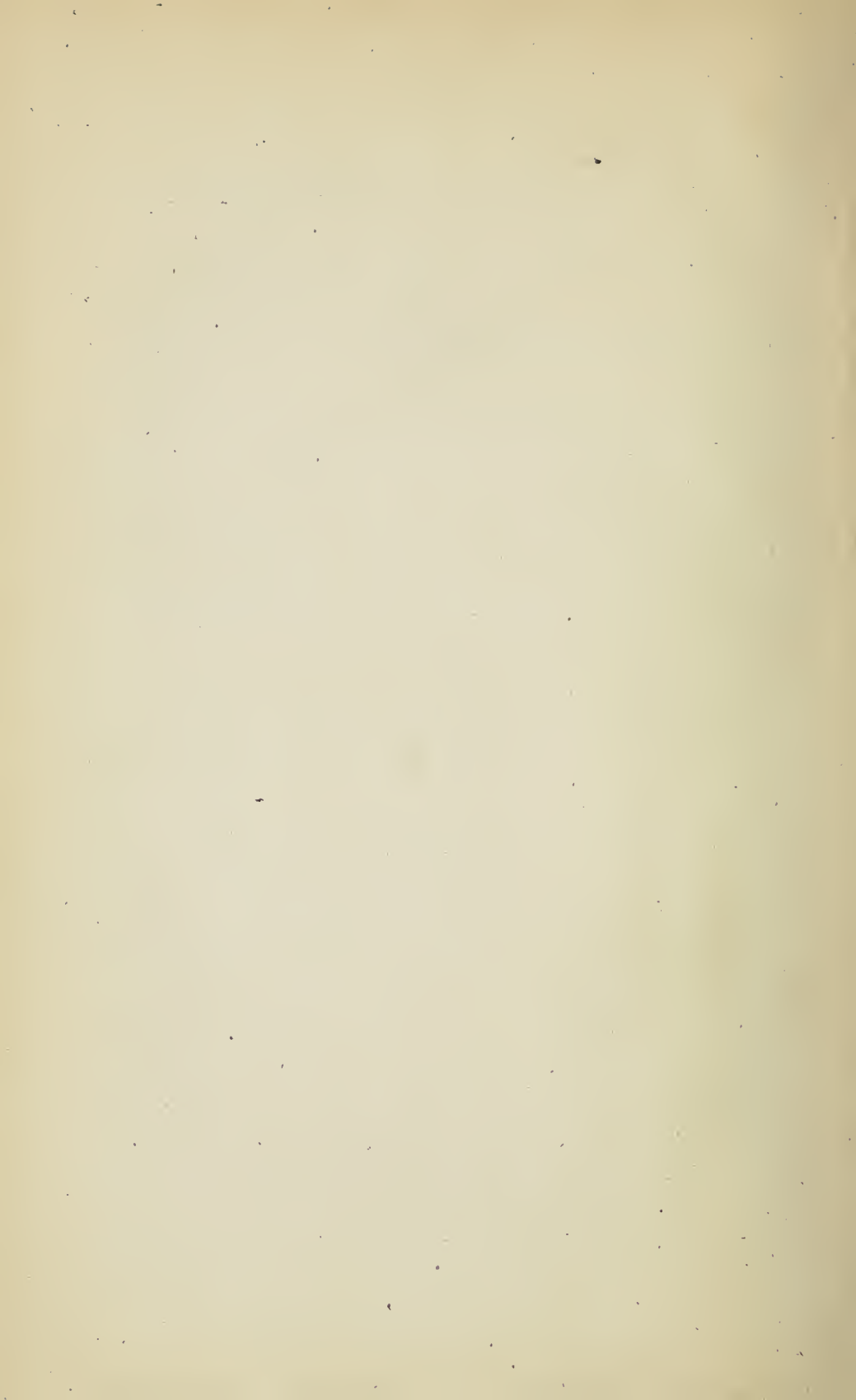
nem no seu zelo para a igreja de Alexandria, nem no seu respeito e amizade ao Abbuna Yosef.

Sobre a mensagem que o Papa Pio IV mandou a Minás, convidando-o a enviar embaixadores que o representassem no Concilio de Trento, vejam-se os documentos publicados nas *Memorias para a historia de Portugal*, por Barbosa Machado, tom. I, liv. II, cap. XI.

[149] *Math.* 25, 34.

[150] Yákátit é o sexto mez do anno ethiopico; começa a 26 de janeiro do calendario juliano. (Dillmann, *Lex. aeth.*, col. 1073.)

[151] Minás, atacado pela febre na provincia de Vág, morreu a 25 de yákátit de 7055 A. M. (30 de janeiro de 1563 J. C.). (Wright, *Cat. of the eth. Mss. in the British Museum*, pag. VII e 316. Zotenberg, *Cat. des Mss. eth. de la Bibl. Nat. de Paris*, pag. 175. Bruce, *Voyage*, tom. IV, pag. 323. Ludolf, *Hist. aeth.*, II, VI, 34, e *Comment.*, pag. 242. Basset, *Études*, nota 204.) O P. Manuel de Almeida colloca o fallecimento de Minás em 10 de fevereiro de 1563, o que segundo o calendario gregoriano corresponderia a 5 de yákátit, se a reforma gregoriana fosse applicavel ao anno de 1563, como o foi no seculo XVII, em que elle escreveu.

Minás foi sepultado em Tadbába Máryám. (Basset, *Études*, pag. 23 e 115.) Deixou tres filhos: Ṣarža Dengel, que lhe succedeu, Tazkaró e Lesána Krestós. (Basset, *Études*, nota 204. Bruce, *Voyage*, tom. IV, pag. 323.)

Vida e morte do Emperador Adamás Segued assim como a conta o seu livro ou chronica ethiopica.

(P. Manuel de Almeida, *Historia de Ethiopia a alta*, liv. IV, cap. IV. — Ms. do Museu Britannico.)

O nome de Bautismo deste Emperador foi Minás, que quer dizer fiel; mas quando lhe deram o Imperio, o chamaram Adamás Segued. Este se criaua com bom ensino em casa de seu pay Lebna Danguil; mas, permittindo o Senhor, veyo a cair nas mãos do mouro Granhe, que o captiuou; e, estando captiuo, o amauam muyto os do arrayal, pelo que alguns capitães disseram ao Granhe que era necessario ver bem, o que hauia de fazer daquelle filho do Emperador; porque muytos do seu arrayal eram christãos, e os que se tinham feyto mouros, fora por medo; e assim estes, como os outros, tinham seu coraçam com elle; pelo que o hauiam de aleuantar por Emperador. Ouuindo isto o Granhe, ficou turuado; e, mandando ajuntar seus conselheyros, lhes referio o que tinha ouuido. Responderam todos, que nam tiuesse misericordia daquelle filho do Emperador, senam que o matasse: isto, que lhe aconselharam, contou elle despoys á mulher; mas ella, que sempre o defendia, lhe respondeo, que nam conuinha fazer tal cousa, antes fazer bem, poys era filho do Emperador, pera que Deos fizesse bem a seu filho; e que, se queria aquietar seu coraçam, o casasse com huma filha que tinha; e deolhe tantas rezões, que elle se determinou de o fazer; mas, estando aparelhando as cousas necessarias pera as bodas, foy ter com elle hum mouro por nome Xafer Din, que lhe disse: por ventura quizestes dar vossa honra ao estranho, e o reyno ao dono? se lhe days vossa filha, pareeerlhesha aos do arrayal, que lhe deyxastes o Imperio, e todos vos deyxarão, e seguirão a elle, e então vos arrependereys, sem poder tornar a recuperar o que deyxastes por vossa vontade. Disse entam o Granhe: poys que vos parece que será melhor? Ao que respondeo: bem vedes, senhor, que vieram os portuguezes, com quem nam podeys pelejar sem turcos; pareceme que seria bom mandar este menino de presente ao Baxá de Zebid, pedindolhe que vos mande alguma gente de peleja, que vos ajude. Isto pareceo bem ao Granhe;

e, deyxando as bodas que aparelhaua, o mandou ao Baxá por hum dos grandes do seu arrayal, juntamente com dous primos seus, que ambos se chamauam Lacá Mariám, aos quays tinha primeyro feyto eunuchos; e quando sahio do arrayal mostraram todos grande sentimento, principalmente os da casa de Del Ombará, mulher do Granhe; no caminho adoeceo de febre tam teza, que parecia hauia de morrer; mas nem por isso tiueram piedade delle; faziamno caminhar a toda a pressa, mudando de camelos; e um dia tendo muita sede, o camelo andou mais do costumado, e adiantandose da gente que o leuaua, lançou por outro caminho, e andou seys dias perdido, e ao setimo tornou a encontrar com aquella má gente, de quem se afastára.

Chegando ao mar, o embarcaram pera Zebid; e, como sahiram em terra, o leuaram ao Baxá com seus dous primos, cousa que elle estimou muyto; e assim escreueo ao Sultão Solimão, dizendo: o participante da nossa Ley, mouro de Adel, que senhoreou a terra de Habex, me mandou hum filho do Emperador, presente digno de vossa honra e poder; que me mandays que faça delle? Respondeo, que o guardasse muyto bem, que lhe desse bom tratamento, sem consentir que lhe fizessem mal nenhum; o que elle fez sempre como seu senhor mandou.

Neste tempo começou a ter força o Imperio de Glaudios, e pelejou com o Granhe, ajudando os portuguezes; e com o poder de Deos o venceo, e captiuou seu filho; mas escapou sua mulher, e foy permissam diuina, porque com isto queria o Senhor libertar ao que estaua captiuo; e assim moueo o coraçam de Del Ombará, e mandou recado á Emperatriz Sabela Oanguel, que se lhe quizesse dar seu filho, faria que em troca viesse o seu, que tinha o Baxá de Zebid. Folgou muyto a Emperatriz, e disse que o daria, pelo que a mulher do Granhe escreueo ao Baxá, pedindolhe muyto quizesse resgatar daquella maneyra seu filho, pois eram de huma Ley; mas o Baxá nam se atreueo a o fazer, sem perguntar a seu senhor; Sultão Solimão respondeo que o desse, pois o que estaua preso era filho da sua Ley. Com esta resposta, mandou dizer o Baxá, que daria o filho do Emperador em troca do filho do Granhe, mas que lhe hauiam de acrescentar dez mil cruzados. Ouuindo isto a Emperatriz teue grande alegria e contentamento, e fez logo ajuntar o que podia, e o mandou juntamente com o filho do Granhe, leuando boa guarda; o Baxá tambem mandou em huma embarcaçam a Minás e a seus dous primos com 70 turcos de guarda; e huns e outros se encontraram no mar, perto de Maçuá, e todos juraram de guardar o concerto, e assim se ajuntaram as embarcações; e os turcos entregaram o filho do Emperador com seus primos, e os christãos o filho do Granhe com o ouro, e tornaram para terra. Ajuntaramse logo os principays senhores do Tigré, e com grande acompanhamento o

leuaram a sua mãy, que estaua na prouincia de Ogará; sabendo ella sua vinda, mandou que se armassem suas tendas, e que dentro se ornassem ricamente; e que todos os principays e grandes o fossem receber; e como chegou perto, sahiram tambem muytos frades, e sacerdotes reuestidos com cruzes, e o leuaram á casa onde o esperaua a Emperatriz; e elle em entrando lhe lançou os braços ao pescoço, e o mesmo fizeram logo suas irmãs. Depois mandou a Emperatriz, que os frades, e os que o acompanharam, se agazalhassem em as tendas, e aly se lhe desse a todos de comer e beber: ordenou que por sete dias fizessem grandes festas; e mandou logo com muyta pressa recado ao Emperador Glaudios, seu filho, de como era chegado seu irmão, com o que elle se alegrou muyto.

Ao terceyro anno despoys disto, foy a Emperatriz a Oggé, onde estaua Glaudios, leuando comsigo a Minás, e a suas irmãs; e como chegou, sahiram todos os grandes a receber; e, entrando na casa do Emperador, lhe fez muyta festa, porque hauia muyto tempo que se afastara della, como por ver a seu irmão; e ambos estiueram sempre com grande uniam, porque nam entrou entre elles a ambiçam nem inueja, que costuma nascer do desejo de reynar: e passados alguns annos determinaram que casasse Minás, sendo Abbuna Petros, que succedeo a Josam; e a Emperatriz mandou que fizessem a oraçam de Taclil a Minás e a sua mulher, como ordenaram os mestres da Igreja, para os fazerem de hum corpo com esta oraçam; e assim tiveram entre si grande amor, e lhes deo Deos filhos e filhas de bençam.

Passado algum tempo succedeo a morte de Glaudios; e estando ainda sua mãy com grande tristeza, chamaram os grandes a Minás pera o assentarem na cadeyra do Imperio; mas elle não respondeo logo, nem se mostrou muy desejoso do Imperio, antes disse: nam me conuem a mim assentarme em cadeyra tam grande, e de tanta honra; porém obrigaramno a que o fizesse, e puzeramlhe por nome Adamás Segued com grande festa; isto foy no reyno de Gojam, na terra que se chama Manguesta Samayat; e por conselho dos grandes veyo logo a Dambiá, e assentou em Sadá, deyxando ao Capitão Hamelmal pera que pelejasse com o mouro Nur. O Emperador começou logo a fazer leys e ordenações pera o gouerno do seu Imperio, do qual os grandes murmurauam em segredo huns com outros. Como se acabou o hinverno, mandou ajuntar sua gente de guerra, e que o Viso Rey de Tigré viesse com a sua, pera pelejar com os Judeos, que estauam na prouincia de Semen; onde foy, e pelejou algum tempo, e determinaua de estar lá muyto mays; mas os grandes fizeram que desistisse desta guerra, dizendo que ainda nam era chegada a hora de vencer os Judeos: e assim se tornou para Dambiá, e hinuernou em Anfras.

No segundo anno do seu Imperio, determinou hum homem que se chamaua Balegarad de o matar; e entrando de noyte na tenda do Emperador com hum seu escrauo, achou candea acesa, e vio que o Emperador e a Emperatriz estauam dormindo, e dous escrauos de huma e outra banda da cama; e attentando muyto bem primeyro, aonde estaua o Emperador, apagou a candea, e foylhe dar com hum zarguncho; mas errou o golpe, e deo entre elle e a Emperatriz, com o que acordou o Emperador, e se aleuantou gritando; segundou elle com outro golpe, e tambem errou: entretanto seu escrauo, que com elle tinha entrado, matou hum dos escrauos do Emperador, e ferio ao outro; e com isto fugiram; mas por huma espada que aly lhes cahio foram conhecidos, e despoys tomados, e a hum enforcaram, e ao outro apedrejaram.

Despoys disto foy o Emperador pera Voruor, e Isac ficou com escusa de doença, e Caflo dizendo que casaua sua filha; mas tudo isto nam era senam pera aleuantarem por Emperador a Tascaro, como tinham concertado. Ouuindo isto, o Emperador nam quiz tornar a pelejar com Tascaro, senam seguir com muyta pressa a Isac, que era alicesse do edificio desta maldade; e mandou diante a Zara Johannes com muyta gente de guerra; e Isac queria pelejar com elle; mas, sabendo que vinha detraz o Emperador, fugio até Adeabó, onde esperou ao Emperador, e lhe deo batalha, em que elle ficou desbaratado, e escapou com muyto trabalho, e mataramlhe hum filho, e a outro tomaram. Despoys deyxando Isac, deo volta o Emperador contra Tascaro, e os que o tinham aleuantado; e chegando a Gubay, onde elles estauam, quinta feyra 2 de Julho de 1561, quiz assentar suas tendas pera dormir aquella noyte sem pelejar por ser já tarde; mas elles com muyta soberba disseram: porque o hemos deixar assentar diante de nós, como quem tem medo? e assim se puzeram em ordem pera pelejar, porque confiauam na multidam dos cavallos que tinham, e na força dos portugüezes, que se lhe ajuntaram: vendo o Emperador sua determinação, ordenou seus esquadrões; e, dando batalha, desbaratou os aleuantados; e o dia seguinte foram tomados Tascaro e Joannes, e leuados ao Emperador, o qual lhes nam pagou como mereciam suas culpas, antes teue piedade delles, e deo gloria a Deos, que lhe deo victoria; isto foy no terceyro anno do seu Imperio.

Aquelle anno hinuernou o Emperador em Gubay; e passado o hinuerno entrou o espirito do Diabo no coraçam de Isac, e fez amizade com o Baxá Zamur, jurando hum e outro de se ajudarem, e estarem unidos até a morte; e aleuantou Isac por Emperador a Marcos, menino pequeno, filho de Jacob, irmão do Emperador Minás; e quando o Emperador ouuio isto, teue grande paixam; e mandando

ajuntar sua gente, foy pera Tigré, sem querer tomar o conselho dos grandes, que lhe diziam que nam podiam pelejar com quem tinha tantas espingardas e bombardas; sabendo Isac da vinda do Emperador, sahio de Acçum, onde estaua, e foy com o Baxá pera Endertá, e aly se encontrou com o Emperador; e dando batalha, foy vencido o Emperador, e fugio pera Oagá, e entrou em Atronsa Mariam, onde esteue hum pouco de tempo; e aly se lhe ajuntaram os que escaparam da guerra, com outros grandes que vieram de Xaoá; e mandou aparelhar muytas armas determinando de pelejar com Zamur, nam sabendo que Deos nam lhe tinha concedido a elle que alcançasse victoria dos Turcos, senam que a tinha guardada pera seu filho; e assim sahio com grande aparato, e endireytou seu caminho pera Tigré; mas chegando a Coló, adoeçeo de febre maligna e pagou o tributo da natureza, morrendo a dez de Feuereyro de 1563.

ERRATAS E ADDIÇÕES

Pag.	Lin.	Erro	Emenda
6	35	pag. 78 *b*	pag. 78, *b*
8	5	da Ethiopia	de Ethiopia
12	9	fulminou	fulminou,
47	27	dor	por
55	28	Moemum	Moenum
75	26	fol,	fol.

Na pag. 75, no fim da nota 130, ajunte-se: Cf. a Memoria de Silvestre de Sacy sobre *La foudre du Yémen,* ou *conquête du Yémen par les Othomans,* par le scheikh Kothbeddin al mekki, nas *Notices et extraits des Manuscrits de la Bibliothèque Nationale,* tom. IV, pag. 448-453.